



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**O CEGO E/NA CIDADE: RESSIGNIFICANDO SABERES NA INTERLOCUÇÃO COM
O OUTRO**

Priscila Wally Virissimo Chagas

Profª. Drª. Vânia Alves Martins Chaigar

PRISCILA WALLY VIRISSIMO CHAGAS

**O CEGO E/NA CIDADE: RESSIGNIFICANDO SABERES NA INTERLOCUÇÃO
COM O OUTRO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Espaços e Tempos Educativos.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Vânia Alves Martins Chaigar

Dezembro

2016

Banca Examinadora

Vânia Alves Martins Chaigar – Orientadora
Doutora em Educação – UNISINOS
Professora da Universidade Federal do Rio Grande – FURG

Denise Aquino Alves Martins
Doutora em Educação - UFPel
Professora da Universidade Federal do Tocantins – UFT

Cláudia da Silva Cousin
Doutora em Educação Ambiental – FURG
Professora da Universidade Federal do Rio Grande – FURG

Márcio Rodrigo Vale Caetano
Doutor em Educação – UFF
Professor da Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Agradecimentos

Ao meu querido marido, Guilherme Chagas, por toda a paciência e incansável motivação ao longo da trajetória do Mestrado, mas, principalmente, da vida. Contigo, aprendi que persistência nos faz alçar voos nunca antes imaginados.

Aos meus queridos amigos, Bruno Wally e Débora Freitas que mesmo antes da seleção já me consideravam alguém capaz de obter o título de Mestre.

Aos meus amados pais, Leda e Helio Virissimo, pela paciência nos dias de ausência e, sobretudo, pelo brilho no olho a cada conquista que tive – todas motivadas por vocês – meus Grandes Mestres.

À minha brilhante orientadora, Professora Dr^a. Vânia A. M. Chaigar, tu és fonte de inspiração para todos aqueles que tem o prazer de conviver contigo. Sempre com um olhar atento e amigo para os momentos de convivência. Assim como meu grupo de Pesquisa – *RECIDADE*, em especial, meu sempre amigo, Luiz Paulo.

Às minhas Escolas – *Frederico Ernesto Buchholz* e *José Alvares de Azevedo* – na pessoa das diretoras Ester Berchon e Marta Silva, por possibilitar que um profissional da instituição busque a formação continuada.

Em especial, aos sujeitos desta pesquisa, estudantes da *Escola José Alvares de Azevedo*, que me motivam a ver o mundo de uma forma mais branda, enxergando possibilidades nos mais diversos caminhos e horizontes. É por vocês...

A todos os Seres de Luz que regem meu pensamento.

RESUMO

A dissertação, intitulada “O CEGO E/NA CIDADE: RESSIGNIFICANDO SABERES NA INTERLOCUÇÃO COM O OUTRO”, tem como objetivo investigar “Que aprendizagens são *tecidas* a partir das vivências da pessoa cega na interação inclusiva com a sociedade, tendo a cidade do Rio Grande – RS e suas constantes modificações e reconfigurações, como mediadora?” Foi desenvolvida na linha tempos e espaços educativos do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande – FURG e esteve circunscrita ao *Grupo de Pesquisa Educação e Memória*, na linha Rede de culturas, estéticas e formação na/da cidade – *RECIDADE*. Teve como objetivos: ressignificar a memória dos sujeitos de pesquisa através de suas percepções e memórias na/da cidade; Compreender as relações travadas nos mais diversos lugares da cidade, trazendo as perspectivas de aprendizagem da pessoa cega, ligadas a sua memória visual e as novas estéticas experimentadas ao revisitar locais através de sentidos e sentimentos; Analisar que aprendizagens são *tecidas* entre os sujeitos investigados, grupos sociais contatados e a pesquisadora a partir das intervenções na cidade. Para buscar tais compreensões, a coleta da empiria ocorreu através da Metodologia de Pesquisa Investigação-Ação por seu caráter cíclico, prático, colaborativo e autoavaliativo que fornece subsídios ao professor pesquisador para significar a sua experiência educativa. A pesquisa foi realizada com alunos cegos da *Escola de Educação Especial José Alvares de Azevedo*, todos adultos com idades entre 34 e 82 anos e com cegueira adquirida. As análises, através da Metodologia Autobiográfica, se deram a partir de inserções em lugares da cidade do Rio Grande – RS significativos à professora investigadora e aos sujeitos cegos. A pesquisa apresenta conceitos pertinentes às aprendizagens, destacando a Cidade como agente educativa, palco e ação de ensino e aprendizagens, bem como ao ressignificar dos cegos enquanto atores do processo através da memória e das relações estéticas presentes no processo. Destaco assim, como principais aprendizagens: a percepção – por parte dos cegos – da Cidade como espaço vivencial, bem como, deles enquanto sujeitos produtores de aprendizagens na coletividade e interlocução com os outros; A valorização da memória dos sujeitos que foi revisitada e, sobretudo, como mobilizadora de aprendizagens e interações, bem como o ressignificar-se da professora pesquisadora e dos cegos enquanto sujeitos ativos, protagonistas e de direitos na/com a cidade. Destaco ainda, o quanto a pesquisa trouxe aos cegos a independência em suas aprendizagens, independente da intervenção da professora pesquisadora, demonstrando o quanto a metodologia Investigação-Ação, assume aqui, seu caráter cíclico que possibilita a troca de papéis.

Palavras-Chave: Cegos e/na cidade. Estética. Formação de professores. Memória.

ABSTRACT

The dissertation titled "THE BLIND PERSON AND/IN THE CITY: RESIGNIFYING KNOWLEDGE IN THE INTERLOCUTION WITH THE OTHER" had the following question to be investigated: "Which learnings are created through the experiences of the blind in inclusive interactions with society while the city of Rio Grande/RS–Brazil, together with its constant modifications and reconfigurations, act as a mediator"? This research was developed in the line of educative times and spaces from the Programa de Pós Graduação em Educação of Universidade Federal do Rio Grande – FURG and attached to the Grupo de Pesquisa Educação e Memória, in the subject of Cultural Nets, esthetics and training in/from the city – Recidade. Had as goals: to re-signify the relation of the research subjects through their perceptions and memories in/from the city; to understand the learning perspectives of the blind person, attached to its visual memory and new esthetics experienced while revisiting places through the senses and feelings, and to analyze which learnings are created between the investigated subjects, the social groups contacted, and the researcher through city interventions. To seek such comprehensions, the production of sensitive evidence was based on the Action Inquiry Research Methodology for being cyclic, cooperative and self evaluative, giving the professor researcher ways to signify his educative experience. The research was conducted with blind students from the Escola de Educação Especial José Alvares de Azevedo, all adults the ages of 34 and 82 who acquired blindness between. The analysis, through the Autobiographical Methodology, resulted from inserts in places of the city of Rio Grande/RS-Brazil that are meaningful for the professor researcher and for the blind subjects. The research presents pertinent concepts for training processes, highlighting the City as an educative agent, stage and action of teaching and apprenticeship related to memories and esthetics present in the experimentations. From the main points learned, I highlight: the perception – from the blind subject side – of the City as an experiential space, and of themselves as learning producers in the collective and in interlocution with each other; The appreciation of the memory of the subjects acting as a mobilizer of learning and interactions together with the self re-signification of the professor researcher and of the blind person as active subjects, protagonists and of rights in/with the city. Thus, I emphasize how much in terms of protagonism the research brought to the blind subjects in their learnings, surpassing the goals of the professor researcher, demonstrating how the Action Inquiry methodology assumes here its cyclic property, enabling the change of roles.

Keywords: Blind and/in the city. Esthetics. Teacher training. Memory.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. OS CAMINHOS QUE LEVARAM A ESTA PESQUISA.....	11
1.1. O problema e os objetivos.....	13
1.2. A metodologia que rege a investigação.....	18
1.3. Sujeitos de pesquisa: Quem são eles? Por que eles?.....	22
2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS... O QUE FUNDAMENTA A EXPERIÊNCIA..	25
2.1. O Estado da Arte.....	26
2.2. A cidade e a memória: repercussões em aprendizagens e pertencimento.....	29
2.3. Os Fundamentos Estéticos.....	33
2.4. Que aprendizagens são estas?.....	36
3. RIO GRANDE... NOSSO IR E VIR.....	39
3.1. Mas, afinal... Que lugares são esses?.....	41
3.1.1. Lanchas: travessia Rio Grande – São José do Norte.....	43
3.1.2. Mercado Público.....	43
3.1.3. Hortifrúti Granjeiro.....	44
3.1.4. Praça Xavier Ferreira.....	45
3.1.5. Lojas Tradicionais da Cidade.....	46
3.1.6. <i>Shopping Center Praça Rio Grande</i>	46
3.1.7. <i>Livraria Vanguarda</i>	47
3.1.8. CEAMECIM.....	48
3.1.9. Exposição de Fotografias – <i>Guanabara Shopping</i>	48
3.1.10. <i>Acervo de Pertences de Bento Gonçalves</i>	49
3.1.11. <i>Escola Viva</i>	49
3.1.12. <i>Escola de Belas Artes Heitor de Lemos</i>	50
3.1.13. <i>Escola Frederico Ernesto Buchholz</i>	51
3.1.14. <i>Banco Caixa Econômica Federal</i>	51
3.1.15. <i>Padaria Gaúcha</i>	52

3.1.16. <i>Churrascaria Rio's</i>	52
4. UMA ANÁLISE SOBRE AS APRENDIZAGENS RESSIGNIFICADAS NO CONTATO DO CEGO COM/NA CIDADE.....	55
4.1. A Cidade e o ressignificar: idas, vindas e aprendizagens.....	56
O QUE APRENDEMOS COM/NA CIDADE?.....	97
REFERÊNCIAS.....	100
ANEXOS.....	104

INTRODUÇÃO

A Educação Especial é um tema que está em grande evidência nos últimos tempos, especialmente, após a regulamentação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBN – nº. 9694/96, quando esta passou a fomentar a inclusão da pessoa com deficiência, preferencialmente nas escolas regulares em seu capítulo V, mais propriamente no Art. 58, quando diz que: “Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação”. Contudo, embora a lei não fale isoladamente em educação para a infância, na realidade do ensino para adultos, os processos de repensar a inclusão estão muito mais fomentados e focados em crianças.

Desta forma, as pesquisas no campo da educação vão tomando direcionamentos que evidenciam o processo de inclusão escolar, no entanto, ainda não é expressivo o repensar quando se trata, especialmente, de inclusão social na idade adulta. Estes não estão inseridos somente no contexto da Educação de Jovens e Adultos – EJA, mas, sim, em Escolas Especializadas e tendo como foco principal sua reabilitação social nas atividades diárias.

Assim, a pesquisa intitulada *O cego e/na cidade: ressignificando saberes na interlocução com o outro*, abordou sentidos percebidos em processos de inserção da pessoa com deficiência visual em espaços variados na cidade do Rio Grande – RS, e buscou perceber interações tecidas entre os sujeitos da pesquisa tanto uns com os outros, quanto com a professora e os demais cidadãos com os quais se deparam diariamente na cidade.

O trabalho está ancorado também nas percepções da professora pesquisadora e dos demais sujeitos pesquisados sobre as constantes transformações de Rio Grande, sejam elas de cunho social, espacial, patrimonial, histórico ou político, podendo assim, entrelaçar com os conhecimentos de mundo e com as memórias destas pessoas que perderam a visão e carregam uma imagem da cidade que, muitas vezes, está modificada.

Constou, ainda, uma perspectiva estética educacional neste trabalho investigativo, uma vez que, poderá trazer uma visão ampla sobre relações que tecemos, com o quê e quem nos cerca, fazendo com que passemos a ver a cidade como um campo de aprendizagens, de trocas e de redimensionamentos sobre a compreensão da prática pedagógica.

Pensando a prática pedagógica, dialogo com Fernandes:

Prática intencional de ensino e de aprendizagem, não reduzida à questão didática ou às metodologias de estudar e aprender, mas articulada a uma educação como prática social e ao conhecimento como produção histórica e cultural, datado e situado, numa relação dialética e tensionada entre prática-teoria-prática, conteúdo-forma, sujeitos-saberes-experiências (2003, p.376).

A linha de pesquisa do Programa de Pós-Graduação na qual se inseriu esta investigação é “Espaços e Tempos Educativos” que explora outras formas, tempos e espaços de compreender o ensino e a aprendizagem, para além da escola, visualizando possibilidades educativas no âmbito da cidade. Ela também faz parte da linha Redes de cultura, estética e formação da/na cidade – RECIDADE do grupo de pesquisa Educação e Memória – Educamemória, do Instituto de Educação, FURG.

Diferentes *tempos educativos* foram levados em consideração no desenvolvimento da pesquisa, uma vez que busquei trazer à tona memórias coletivas de distintos contextos e épocas, valorizando saberes dos sujeitos e ressignificando suas aprendizagens. Miranda (2010, p. 622) reflete que “os processos de pesquisa e problematização da realidade são pertinentes às questões continuamente interpostas pelo tempo presente e com ele estabelecem vínculos epistemológicos essenciais, razão pela qual se revestem de sentido”. O tempo presente se entrelaça com o passado dos sujeitos pesquisados e concede força às inserções futuras no campo social.

1. OS CAMINHOS QUE LEVARAM A ESTA PESQUISA

Costumo guardar ensinamentos que recebo de vários sujeitos que cruzaram e cruzam o meu caminho. Um deles, o Professor Dr. Vilmar A. Pereira, em uma aula ainda na graduação, mais precisamente no segundo ano do curso de Pedagogia Licenciatura Plena, disse que a primeira coisa necessária para se pesquisar é apresentar *brilho no olho* ao falar no assunto. De certa forma, esta afirmativa marcou minha trajetória acadêmica e profissional, a ponto de investir em uma análise que vem me motivando a buscar, cada vez mais, agregar algo ao meio científico, mas, sobretudo, aos sujeitos de pesquisa.

A vivência com a Educação Especial iniciou ainda na primeira graduação que realizei – a extinta Pedagogia Educação Infantil – através da disciplina de Metodologia dos Portadores de Necessidades Especiais, ministrada pelo professor Dr. Alfredo Scherlorck, no ano de 2006. Através dele, tive os primeiros contatos com pessoas com as mais variadas deficiências. No entanto, em um dos trabalhos apresentados à disciplina, um sorteio rumou para que a Deficiência Visual – DV entrasse diretamente na minha vida.

Esta primeira atividade consistia em realizar uma entrevista com um familiar de uma pessoa cega que estivesse inserida na rede regular de ensino. Procurei e descobri o menino C.F. de 12 anos, que cursava o sexto ano no *Instituto Estadual de Educação Juvenal Miller* e como seu pai havia sido meu professor, poderia facilitar o contato.

A conversa investigativa, embora tivesse um cunho de compreender o processo de inclusão do menino, inevitavelmente acabou rumando para todas as questões da vida em sociedade, sobretudo às que antecederam sua entrada na escola especializada na qual aprendeu o Sistema Braille. Os rumos do diálogo acabaram permeando as dificuldades da sua inserção como sujeito social nos mais diversos meios que, em sua grande maioria, não estão preparados para receber uma pessoa com deficiência, neste caso, a visual.

Após a realização da atividade citada, diversas indagações e consequentes interesses foram surgindo a respeito do assunto em mim. Foi, então, que fui convidada a trabalhar como a primeira bolsista do *Núcleo de Estudos e Ações Inclusivas – NEAI*, fundado pelo professor Alfredo, junto à coordenadora professora Msc. Carla de Felipe. Minha inserção neste espaço tornou possível a realização de inúmeras pesquisas e participação em eventos que tivessem como tema as deficiências.

No segundo ano de trabalho no NEAI, houve a parceria do Núcleo da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, com a *Escola de Educação Especial José Alvares de Azevedo*. Esta instituição ofertou um curso de Capacitação de Professores em Deficiência Visual, o qual, para inserir-se, necessitava passar por um rigoroso processo de seleção. Fui aprovada e ali iniciou o vínculo que me tornou professora desta escola no ano de 2010.

Como todos os profissionais que por ali passam, a habilitação ocorre para o trabalho com qualquer modalidade de ensino ou reabilitação ofertadas às pessoas cegas. Comecei trabalhando com as turmas de currículo Braille (1º e 2º ano do ensino fundamental), e embora gostasse muito do que fizesse, e tivesse permanecido nelas por dois anos, o interesse maior sempre foi trabalhar com os adultos, visto que a instituição oferta vagas desde zero ano e não tem limite de idade.

Em 2012, passei a trabalhar com teatro na escola e, em função dele, surgiu o convite para ser professora reabilitadora do atendimento denominado *Atividades da Vida Autônoma e Social – AVAS*, que visa à reabilitação da pessoa cega em suas atividades diárias, dentro do mais próximo possível aos padrões considerados de normalidade, como tarefas do tipo: compras, utilização de artefatos, etc. Iniciou-se assim, um processo de inquietude educacional e profissional. Ficávamos dentro da sala de AVAS, uma réplica quase perfeita de uma casa, porém dentro da escola. A referida sala conta com cozinha completa, desde mobiliário até eletrodomésticos, sala e quarto, nela são desenvolvidas atividades que proporcionam ao cego fazer suas atividades diárias de maneira autônoma. Contudo, estar somente naquele espaço, movimentou minha inquietude de professora pesquisadora e fez com que resolvesse buscar mais, para além das paredes e muros da escola, uma vez que o cotidiano da cidade pode substituir em escalas maiores muitas tarefas ali realizadas, bem como, proporcionar um maior contato com o outro, promovendo assim um ciclo de aprendizagens coletivas.

Aos poucos, o perfil dos estudantes que frequentavam o AVAS foi ficando bastante diversificado. As novas atividades elaboradas, repensadas e planejadas, a cada encontro semanal, foram atraindo outros sujeitos que antes não faziam parte do grupo¹. A diversidade e quantidade de pessoas eram tamanhas que o mesmo precisou ser subdividido em: *AVAS Juvenil*, que possui um cunho mais terapêutico, já que abarca adolescentes com deficiências

¹ Cada indivíduo pode escolher, no início do ano letivo, quais atividades ofertadas pela escola gostaria de se inserir. Existe ainda a flexibilidade para sair, caso não atendam suas necessidades ou, poderá, ainda, ingressar em outras ao longo do processo.

múltiplas, ou seja, uma ou mais deficiências, além da visual; AVAS *Reabilitação*, para aqueles que precisavam ainda reabilitar-se em suas funções diárias ou por necessidade da entrada na fase adulta ou, ainda, por perda recente da visão e AVAS *Socialização*, foco principal desta pesquisa de mestrado. Este grupo² é composto por pessoas com as mais variadas idades, as quais possuem conhecimento em outras habilidades ou perderam o interesse em formação para atividades diárias, mas que, ainda assim, pretendem estar na escola, junto à professora e aos demais colegas.

Assim, as atividades pensadas para eles começaram a incluir saídas semanais, nas quais pudessem aprender uns com os outros utilizando seus conhecimentos de mundo, suas memórias e interesses, tendo como sujeito ativo em nossas inserções a cidade do Rio Grande e tudo o que ela oferece como espaço de convivência e vivência.

1.1. O problema de pesquisa e os objetivos

Conforme mencionado, a pesquisa surge de atividades ligadas ao grupo de AVAS – *Socialização*, em minha vida cotidiana de professora naquele espaço da *Escola José Alvares de Azevedo*, num primeiro momento, ainda distante de imaginar que poderia se transformar em uma pesquisa de cunho educativo e social. Porém, logo nas primeiras saídas, observei que existia ali muito mais do que um simples passeio pela cidade, mas, sim, um potencial de aprendizagem que precisava de um olhar mais atento de pesquisadora.

Este olhar logo remeteu à memória a disciplina de Metodologia de Ensino das Ciências Sociais, no terceiro ano do curso de Pedagogia. A mesma era ministrada pela Professora Dr^a. Vânia Chaigar que fez perceber o potencial educacional da cidade através de um trabalho desenvolvido sobre a memória de sujeitos, das instituições e das mais diversas localidades do nosso município – o Projeto *Memórias, lugares e a cidade*.

Desta forma, entrelaçando as vivências com o grupo de estudantes na escola aos conhecimentos desenvolvidos na disciplina citada, cheguei ao seguinte problema de pesquisa:

Que aprendizagens são tecidas a partir das vivências da pessoa cega na interação inclusiva com a sociedade, tendo a cidade do Rio Grande – RS e suas constantes modificações e reconfigurações, como sujeito?

²Será explicado posteriormente o perfil dos sujeitos pertencentes ao grupo pesquisado.

Passo a perceber então que a cidade traz perspectivas de aprendizagem à pessoa cega, ligadas a sua memória visual e afetiva e às novas estéticas experimentadas ao revisitar locais através de outros sentimentos e sentidos remanescentes. Firmando um posicionamento que percebe a estética como algo relacional e não somente na configuração do belo. Cabe ressaltar que dentre os vários desdobramentos que este trabalho pode originar, afinamos o olhar no que diz respeito às aprendizagens proporcionadas pela cidade de Rio Grande – RS, ancoradas em uma fundamentação estética sobre o mesmo.

Dialogo com Duarte Jr. (2002, p. 91) quando expressa que “[...] a experiência estética é uma suspensão provisória da causalidade do mundo, das relações conceituais que nossa linguagem forja. Ela se dá com a percepção global de um universo do qual fazemos parte e com o qual estamos em relação”. Esta relação de fazer e sentir-se parte de um universo, das relações interpessoais, é o que desperta um olhar estético para o trabalho que vem sendo realizado, uma vez que a pessoa invisual passa a ter uma percepção da sociedade na qual está inserida que, por sua vez, também a percebe, conforme apresentarei no decorrer da escrita.

As idas e vindas que geram um problema de pesquisa são inúmeras até que se chegue a sua delimitação, penso, então, que seja fundamental a explicação do mesmo.

Quando me refiro às *aprendizagens*, afasto-me um pouco do currículo que é previsto para um atendimento de reabilitação como o AVAS, pois este pretende que o sujeito aprenda a trabalhar com situações de higiene pessoal e do lar, culinária, noções simples de etiqueta, entre outros aspectos. Porém, repensar o sujeito em relação ao espaço citadino, eleva o significado de aprendizagens para algo mais amplo, que viabiliza o acontecer fora dos muros escolares e percebe assim, no cotidiano da cidade, um potencial educativo e social.

Sobre o currículo mais amplo e flexível, o qual enxerga possibilidades, amparada pelos Estudos Culturais revejo *aprendizagens* sobre o olhar de Turner (1990, p. 11), pelo qual: “Estudos Culturais constituem um campo interdisciplinar onde certas preocupações e métodos convergem; a utilidade da convergência é que ela nos propicia entender fenômenos e relações que não são acessíveis através das disciplinas existentes. Não é, contudo, um campo unificado”. Esta visão faz compreender a relevância existente em buscar o saber em espaços que não estão encerrados em disciplinas, mas que incluem a própria cidade, percebendo, quais possibilidades ela apresenta, especialmente, quando há o contato com os pares invisuais e os visuais.

Esse contato leva a uma segunda explicação necessária do problema de pesquisa: *vivências da pessoa cega*. Neste ponto, cabe ressaltar que a investigação não ocorre com cegos congênitos³, mas sim com pessoas com cegueira adquirida, o que favorece muito a utilização da memória visual destas nas aprendizagens na/com a cidade. O grupo em questão é formado por treze (13) deficientes visuais, oriundos de distintas gerações, localidades e grupos sociais, com perdas da visão nos mais diferentes momentos de suas vidas. A diversidade de ideias, de momentos vividos e de distintas culturas traz a tona um importante campo de aprendizagem que é a interação do sujeito com seus pares, pois ela propicia uma troca de saberes oportunizados pelos diálogos entre os sujeitos e a pesquisadora, aliados a sua memória que potencializa os conhecimentos ali produzidos.

Utilizo assim, um quadro no qual pretendo apresentar os sujeitos e suas especificidades enquanto ao tempo:

Quadro 1: Apresentação dos sujeitos de pesquisa

Sujeito	Idade	Tempo de perda da visão	Bairro onde reside	Interesses nas saídas
Áurea Cáceres	67 anos – falecida em maio deste ano.	13 anos	Lar Gaúcho	Locais que proporcionem gastronomia diversificada.
Aurora Renée	82 anos	27 anos	Centro – Nacionalidade Uruguaia	Exposições de arte; Escolas e instituições.
Hidireno Santos	63 anos	5 anos	Cidade Nova	Locais que proporcionem gastronomia variada; Atividades físicas.
Iramar Gurgel	57 anos	4 anos	Centro – Nascida no Ceará	Conhecer locais históricos de Rio Grande.
Veridiana Oliveira	34 anos	21 anos	Cidade Nova	Lojas; Locais que proporcionem gastronomia.
Amarildo Moreira	58 anos	7 anos	Parque Coelho	Exposições de arte; Locais históricos da cidade.
Roderlei Rodrigues	55 anos	3 anos	Buchholz	Locais históricos da cidade.
Carlos Fonseca	62 anos	11 anos	Cidade Nova	Exposições de

³ Pessoas que nasceram cegas ou perderam a visão logo nos primeiros momentos após o nascimento.

				arte; Locais históricos da cidade.
Eva de Souza	72 anos	30 anos	Parque Coelho	Lojas.
João Paulo Ulguim	68 anos	5 anos	Parque Marinha	Lojas; Exposições de fotografias.
Nedy Alves	80 anos	5 anos – Baixa Visão	Bairro Rural	Lojas.
Nelci Porto	79 anos	24 anos	Vila da Quinta	Supermercado.
Vera Regina	65 anos	6 anos	Getúlio Vargas	Lojas.

Figura 1: Organizado pela pesquisadora; nomes autorizados.

Contextualizar o perfil dos sujeitos, o tempo de perda da visão, suas idades, bairros da cidade dos quais são oriundos, bem como seus interesses nas saídas traz um breve entendimento do que me refiro quando digo haver uma enorme diversidade entre eles e esta é capaz de entrelaçar conhecimentos de mundo, sentimentos e proporcionar aprendizagens junto aos pares, uns com os outros.

Restrepo (1998, p. 19) reflete que “[...] sabemos do A, do B e do C; sabemos do 1, do 2 e do 8; sabemos somar, multiplicar e dividir, mas nada sabemos de nossa vida afetiva, razão pela qual continuamos exibindo grande entorpecimento em nossas relações com os outros [...]”. A socialização entre pares traz a eles mais do que o aprender comum ao campo educacional, pois potencializa, principalmente, a sua capacidade de ressignificar o saber, de acreditarem que produzem conhecimentos e de ensinar junto ao outro. Proporciona um resgate da autoestima, muitas vezes perdida, juntamente com a visão. Essas interações os tornam pessoas protagonistas da prática na qual estão envolvidos, pois cada um percebe-se como capaz de transmitir algo a outro e, sobretudo, realiza/descobre as relações afetivas citadas por Restrepo.

É preciso ainda, destacar e contextualizar a instituição na qual estão inseridos, uma vez que a mesma é parte do que proporciona a pesquisa. A *Escola de Educação Especial José Alvares de Azevedo* foi fundada pelo rotariano Eurico Biancchini em 5 de novembro de 1962, pois este, sentiu a necessidade de que a cidade de Rio Grande tivesse um espaço para atender às pessoas com deficiência visual. Inicialmente, começou suas atividades em uma sala cedida pela *Escola Estadual Lemos Junior* e após alguns anos ganhou sede própria cito à Rua Major Miguel Pereira, 70, bairro Salgado Filho. Atualmente, tem como corpo diretivo as professoras

Marta Ribeiro Silva (diretora e conselheira fiscal da Organização Nacional de Cegos do Brasil) e Carine Souza Fernandes (vice-diretora).

A Escola atende desde bebês até idosos, sendo dividida nas modalidades ensino regular e espaço de reabilitação e saúde. Conta com: estimulação inicial precoce, anos iniciais, educação de jovens e adultos, informática, dança, teatro, AVAS, orientação e mobilidade, grupos de convivência, esportes adaptados, entre outros. Apresenta em torno de cem estudantes, divididos nas modalidades acima citadas. É conveniada à Prefeitura Municipal do Rio Grande e Governo do Estado do Rio Grande do Sul através da cedência de professores, mas sobrevive principalmente de projetos, sócios, trabalhos voluntários e doações.

Parto, então, para a terceira e última análise a respeito da problemática: *interação inclusiva com a sociedade*. Torna-se necessário dizer que seria a mais importante, sendo esta a que mais motiva o meu olhar na condição de pesquisadora. A inserção do cego nos diferentes espaços sociais proporciona o que mais busco como educadora que é a inclusão na verdadeira acepção da palavra. Um incluir que vai além da escola e passa a fazer com que a sociedade perceba uma pessoa e não um deficiente. Pessoa esta que, sim, apresenta limitações, mas que é passível de frequentar e usufruir de locais públicos e de interagir com os demais cidadãos e a sua cidade mais amplamente do que acredita o senso comum.

A partir desta concepção, o *cego sai do espaço escolar* e utiliza-se da cidade como *sala de aula*, na qual, segundo testemunho, se reabilita em funções cotidianas, como: idas a bancos, supermercados, lojas, pontos turísticos e etc. E, ainda, pode desfrutar dos espaços de socialização e cultura ofertados por Rio Grande que, bem sabemos, é dotada de grandes potencialidades históricas. Sem esquecer que as aprendizagens e os significados obtidos a cada atividade são feitos em conjunto, ressignificando saberes no contato com o outro, sejam sujeitos visuais ou invisuais. Apresenta-se assim, outra possibilidade de aprendizagem.

O aniquilamento da singularidade se torna patente na incapacidade da escola de compreender a existência de outros modelos divergentes de conhecimento, em sua obsessão pelo método e pela nota, na incapacidade de captar as tonalidades afetivas que dinamizam ou bloqueiam os processos de aprendizagem. A escola se mostra resistente em aceitar que a cognição é cruzada pela paixão, por tensões heterônomas, a tal ponto que são as emoções e não as cadeias argumentativas que atuam como provocadoras [...] (RESTREPO, 1998, p. 33).

A partir do problema de pesquisa, surgem objetivos que são importantes condutores da proposta, tais como:

- Ressignificar a memória dos sujeitos de pesquisa através de suas percepções do passado e do presente na/da cidade;

- Compreender as relações travadas em lugares da cidade, trazendo as perspectivas de aprendizagem da pessoa cega, ligadas a sua memória visual e as novas estéticas experimentadas ao visitar locais através de outros sentidos e sentimentos.

- Analisar que aprendizagens são *tecidas* entre os sujeitos investigados, grupos sociais contatados e a pesquisadora a partir das intervenções na cidade.

Os objetivos traçados almejam uma aproximação com o sentido atribuído à experiência por Larrosa (2004, p. 161) ao destacar que “a palavra experiência vem do latim *experiri*, provar. A experiência é, em primeiro lugar, um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova”. Foi vivenciando com os cegos e suas/nossas aprendizagens e realizando experimentações, nos mais diversos lugares da cidade que, enfim, pude definir os rumos desta pesquisa.

1.2. A metodologia que rege a investigação

A metodologia que proporcionou esta pesquisa está embasada na *Investigação-Ação*. O que levou a optar pela modalidade é o fato de que é capaz de permitir que o professor pesquisador consiga realizar não somente uma pesquisa de cunho qualitativo, mas, ainda, de cunho social. Formosinho (2014), expressa que, aquele que pesquisa é capaz de repensar e refletir sobre sua prática, possibilitando um melhoramento da mesma quando for necessário. Ao repensar a sua prática, o professor pesquisador é capaz de cogitar e analisar melhor as formas de ressignificar o próprio trabalho.

Por si só, as tarefas desenvolvidas com pessoas com deficiência visual já preveem um enorme envolvimento entre os sujeitos educandos e o profissional que com eles atua. Desta forma, utilizar-se da citada metodologia é fundamental, pois ela permite que possamos nos envolver no processo da pesquisa sem deixar de exercitar o estranhamento e a indagação fundamentais à mesma. Aliado a isto, tal método é capaz de permitir que o pesquisador possa aproximar-se de uma compreensão das interações *tecidas* entre os sujeitos pesquisados e suas

relações com a cidade, baseadas, sobretudo, nas memórias anteriores à perda da visão. Existe assim, uma mútua reflexão entre pesquisador e sujeitos investigados, na busca pela compreensão dos significados que se apresentam na coleta de dados, proporcionada através das ações desenvolvidas.

Justificando ainda mais propriamente a opção pela Investigação-Ação, dá-se pelo fato de que objetivo pesquisar a partir de atividades que proporcionem à coletividade, possibilitando – quem sabe? – significativas transformações no campo de atuação, ou ainda, na promoção da autonomia na vida em sociedade para a pessoa com deficiência visual.

Denscombe (1999) atribui à Investigação-Ação, quatro importantes características: **prática**, pois busca trilhar sobre caminhos que apresentem problemas reais e, ainda, solucioná-los neste mesmo contexto, sendo a possibilidade de mudança um dos seus objetivos; **colaborativa**, uma vez que pesquisador e pesquisado trabalham juntos, sem dicotomia; **cíclica**, pois as descobertas não ficam estagnadas, mas, sim, geram possibilidades de modificações em futuras ações a serem desenvolvidas e **autoavaliativa**, isto é, quando existe uma flexibilidade que possibilita ao pesquisador avaliar a sua prática e as ações da mesma, constantemente.

A produção da empiria ocorreu durante a realização das atividades que, de modo geral foram organizadas da seguinte forma: o grupo encontrava-se uma vez por semana, na *Escola José Alvares de Azevedo*, conversávamos e, juntos, decidíamos qual o lugar da/cidade que seria visitado. Como se trata de uma turma bastante heterogênea as sugestões foram as mais variadas e comportavam desde lojas que passaram a ter outro nome fantasia recentemente, exposições de arte, museus, lanchonetes, supermercados, feiras, pontos turísticos, livrarias, escolas, entre outros. Excepcionalmente, alguns locais foram previamente escolhidos e sugeridos ao grupo, por esta professora pesquisadora atuante com os sujeitos. São eles: *Churrascaria Rio's*, *CEAMECIM*, *Escola Buchholz* e *Museu de pertences de Bento Gonçalves*.

Após a escolha, a análise das interações começava a ser feita a partir de uma audiodescrição⁴ – o mais perto possível do real – para que os indivíduos pudessem ter ideia do lugar no qual estavam. Por exemplo: em uma das visitas, fizemos a travessia de lancha entre Rio Grande e São José do Norte, para significar ainda mais o momento, houve a descrição das cores da embarcação, da quantidade de assentos, dos espaços de cima e de

⁴ É quando um sujeito visual descreve em detalhes algo a uma pessoa cega.

baixo, visita à proa, descrição da hidrovíaria, entre outras oportunidades de exploração que apareceram. Então, iniciava-se um verdadeiro processo de trabalho da memória, na qual, os invisuais começam a falar de situações vivenciadas, das histórias de vida acontecidas ali e, em alguns casos, uma comparação do antes e do depois, como por exemplo, o *Rincão da Cebola*⁵, após sua revitalização. Os momentos ainda foram regados pelo uso dos sentidos remanescentes, como o tato (quando possível) e da audição, por exemplo, e sempre procurava, enquanto pesquisadora, investigar as percepções que um sujeito poderia ter, mesmo privado da visão que é por nós, os visuais, um dos sentidos mais utilizados.

Após, a investigação ocorreu ouvindo e, às vezes, participando dos diálogos, em uma roda de conversa no próprio lugar visitado e percebendo o que os sujeitos conseguiram aprender, tanto com a professora pesquisadora quanto com o meio social que os cercava naqueles instantes, mas, principalmente, com os colegas igualmente cegos. Cabe ressaltar, que aqui não há uma intencionalidade de direcionar a conversa, mas sim, de ouvir atentamente e, por vezes, anotar algumas falas que se destacaram à investigadora e que contribuem para a análise dos dados.

Sobre esse processo comunicativo Batista diz:

Comunicação é interação de sujeitos, através do fluxo de informações entre eles, numa espécie de trama-teia complexa, composta tanto de elementos visíveis quanto invisíveis, corporais e incorporais, significantes e a-significantes, podendo ser ou não mediada por dispositivos tecnológicos, na constituição de algo como um campo de força de encontro de energias, decorrente dos universos de referência de cada sujeito envolvido. Quer dizer, encontro de universos de sujeitos, universos subjetivos. (2000, p. 33-34).

Esse encontro de universos tão distintos, essa *teia* de comunicação entre pesquisados e pesquisador, carregada de subjetividade e de saberes oriundos dos sujeitos, possibilita à pesquisa um caráter de desenvolvimento das aprendizagens de forma branda e significativa, sem a rigidez imposta por disciplinas ou currículos engessados. Quando se comunica, o sujeito está imerso em um universo de significados que lhe permite ser, de fato, protagonista das ações educativas.

A coleta dos dados empíricos se desenvolveu da seguinte forma: o grupo encontrava-se nas dependências da escola, lugar no qual eram combinadas as saídas. Algumas por

⁵ O *Rincão da Cebola* há muitos anos era um lugar no qual as pessoas reuniam-se para pescar e, às vezes, para banho. Localizava-se nos fundos de uma conhecida empresa de pescado. Com o tempo, o lugar foi tomado por mato e a bandidagem afastou os cidadãos. A atual administração municipal revitalizou o espaço.

sugestão da professora pesquisadora e outras dos sujeitos cegos, conforme relatado. O deslocamento, feito na maioria das vezes com veículo da instituição, já era envolto na pesquisa por ser o momento no qual alguns detalhes do espaço eram apresentados. Havia toda uma expectativa inicial nas conversas entre os pares e nos questionamentos feitos a esta professora pesquisadora, os quais, por si só, já produziam sentido à inserção no âmbito da cidade e o quê seria feito.

Na chegada ao local, era feita, pela professora pesquisadora, uma descrição o mais fiel possível do espaço no qual estavam inseridos, detalhes como cor, disposição de móveis, número aproximado de pessoas, decoração, entre outros, por exemplo, não poderiam deixar de existir para que o cego pudesse apropriar-se de fato do contexto visitado. Diversas perguntas a esse respeito eram feitas, a maioria a fim de tecer comparações com a forma como se apresentava à memória, quando ainda eram sujeitos visuais. O tempo de duração de cada saída variava de acordo com o grupo, em alguns locais houve mais interesse em permanecer, outros menos, mas sempre a critério deles – o grupo de invisuais – o quanto ficavam nas dependências internas ou externas, fossem espaços fechados ou abertos.

Na maioria das vezes a roda de conversa (informal) acontecia no próprio lugar visitado e, noutras, nas dependências da escola. Destaco a informalidade destes momentos de diálogo, pois, em alguns aconteciam mesmo durante os deslocamentos. Por tratar-se de um grupo numeroso, outras duas professoras da Escola acompanhavam as saídas – Leda Pfarrius e Karen Barbosa – e os sujeitos eram organizados em uma fila de orientação, na qual já iam comentando coisas uns com os outros. Por vezes, era necessário parar para ouvir o que determinada pessoa de outra fila estava dizendo a respeito. Tudo dentro de uma naturalidade na qual sempre visei respeitar voz e vez de cada um. Ao me referir às *filas*, explico que as mesmas são bastante usuais no trabalho com pessoas cegas quando em grupo, para facilitar a mobilidade dos sujeitos. O ideal é que sejam perfilados até quatro pessoas cegas para um guia vidente.

Para que houvesse um bom *aproveitamento* dos espaços de vivências, sempre procurei respeitar e, até incentivar os sentidos remanescentes, usando o tato para apreciar objetos... A audição para ter contato com o todo a sua volta... O olfato para perceber detalhes que escapam a quem enxerga...

Dentro desta dinâmica, começou a aparecer o interesse – por parte dos cegos – de que fossem feitos registros fotográficos daqueles momentos. A maioria deles com o intuito de que

as mesmas fossem divulgadas aos seus familiares para que percebessem a potencialidade dos invisuais em utilizar-se da cidade com a mesma propriedade do que alguém que enxerga. Passamos então a registrar, através de imagens, as situações que eram solicitadas.

Assim então, se deu a coleta de dados, de uma forma na qual a Investigação-Ação foi fundamental para me amparar no sentido de rever a prática a cada instante, de tornar os sujeitos realmente pertencentes a esta pesquisa, procurando distanciar-se de entrevistas mais formais, de registros fotográficos pré-determinados, mas, sim, buscando capturar os sentidos dados pelos cegos aos espaços visitados, às aprendizagens tecidas na coletividade e ao meu entendimento do que ali acontecia. Cabe destacar, no entanto, que as fotografias apresentam um caráter narrativo do momento vivenciado nas inserções feitas nos distintos espaços da cidade do Rio Grande – RS, nosso campo de pesquisa.

1.3. Sujeitos da pesquisa: quem são eles? Por que eles?

Assim como foi apresentado ao iniciar esta escrita que a pesquisa precisa dar *brilho no olho*, conforme sugeriu o professor Vilmar, igualmente os sujeitos envolvidos na mesma precisam despertar intensidade, curiosidade e motivação no pesquisador. É assim que me sinto quanto ao grupo pesquisado. Optei por descrever seus nomes (devidamente autorizados) e alguns dados logo no início da escrita, pois são eles os motivadores principais da pesquisa.

Quem são eles? O grupo é composto por treze (13) adultos⁶, todos com cegueira adquirida e com idades bastante distintas, conseqüentemente, interesses, dificuldades, curiosidades igualmente variados. São oriundos de diversos meios sociais, de bairros riograndinos, cidades e até países de culturas diversificadas e de interesses nem sempre convergentes.

A perda da visão é um processo bastante doloroso no que tange a aceitação de sua nova condição. Alguns dos sujeitos envolvidos nesta pesquisa, já convivem com a deficiência visual há muitos anos e ainda não aceitaram completamente sua condição: uns por uma questão de passar a depender de ajuda para a realização de suas atividades diárias, outros, por acreditarem que ainda terão uma cura. As causas da cegueira são as mais variadas, sendo que a ordem aqui apresentada é relativa à maior quantidade de casos constatados nos sujeitos

⁶A frequência dos sujeitos nas atividades é variada, sendo que a média é de 10 sujeitos por saída.

investigados: diabetes, catarata, glaucoma e deslocamento de retina acidental, ou seja, todos passaram por um processo de perda gradativa, como se aos poucos fossem se despedindo do mundo visual no qual, nós, os visuais, estamos inseridos e acostumados.

Por que eles? Eis uma pergunta bastante pertinente e que já me foi feita em um determinado momento, na primeira disciplina cursada no mestrado, ministrada pela Professora Dr^a. Vanise Gomes, na qual tive que falar a respeito do projeto *Docência, Sala de Aula e Alteridade*. A indagação veio de uma colega que considerou interessante optar por pessoas com idades já avançadas e tão distintas. A resposta está em um olhar afetivo e comprometido com as causas e as lutas sociais almejadas pelos cegos. Atualmente, o discurso está amplamente voltado ao processo de inclusão escolar de crianças e adolescentes, no entanto, não é igualmente debatido o que fazer com aquelas pessoas que são julgadas fora da idade escolarizável além de que a cegueira pode atingir em qualquer época da vida.

O grupo com o qual realizei esta pesquisa é parte destas multidões que estão à margem das políticas públicas, pois vive em uma sociedade discriminadora que anula o saber da pessoa idosa e adulta não escolarizável e que não vê possibilidades educativas e sociais naqueles que não dão mais retorno ao mercado de trabalho, segundo a perspectiva capitalista. Porém, não se pode esquecer que estes sujeitos são invisuais, mas não invisíveis.

O que busco aqui é deixar claro que estas pessoas cegas produzem um conhecimento que se distancia da razão fria e da lógica conteudista esperada pelo produtivismo, mas, que, no entanto, é capaz de trazer à tona aprendizagens permeadas nas relações, sobretudo, nas relações de afeto e sensibilidade, importantes aos convívios privados e públicos na/com a cidade.

Como bem sinaliza Restrepo:

Mas é bom constatar que nem sempre se apresentou, na história dos povos, esta dissociação entre a afetividade e o conhecimento intelectual, nem esta exclusão social das vivências que não conseguem expressar-se na estrutura racional da linguagem falada. Há muitos povos - entre os chamados primitivos - que dedicam grande parte de seu tempo ao intercâmbio lúdico ou ao cuidado corporal, inclusive mais tempo do que dedicam às tarefas produtivas. (RESTREPO, 1998. p. 29).

Este grupo prevê/destaca justamente a aproximação entre a afetividade e o conhecimento intelectual. Tratam-se de pessoas cujos interesses já não estavam mais focados em reabilitação instrumental e fechados dentro de uma sala, construída especialmente para

isso. São protagonistas que construíram as propostas junto comigo, que entrelaçam seus conhecimentos e que a cada dia tornam-se mais seguros em suas atividades sociais. Aos poucos, vão percebendo que suas vivências e saberes são passíveis de valorização, de troca e de ressignificação no contato com o outro.

Ao buscar um conhecimento que é produzido no campo da cidade, ampliamos os horizontes da inclusão que é prevista e tão pensada apenas para situações de inserção escolar, repensamos à inclusão em um sentido mais amplo, que visa à plenitude das instâncias da vida dos sujeitos.

Penso ser importante destacar ainda que a utilização da cidade como espaço de aprendizagem trouxe um estranhamento inicial aos sujeitos, uma vez que, o uso que fazemos dela é de pouca exploração do seu potencial. Idas e vindas são comuns, mas poucas vezes refinamos o sentido que nos demonstra as potencialidades desta.

Ao pensar em inclusão, busco uma interlocução com o pensamento de Mantoan:

Fazer valer o direito à educação para todos não se limita a cumprir o que está na lei e aplica-la, sumariamente, às situações discriminadoras. O assunto merece um entendimento mais profundo da questão de justiça. A escola justa e desejável para todos não se sustenta unicamente no fato de os homens serem iguais e nascerem iguais. (2006, p. 16).

Portanto, o tratamento com/entre desiguais requer modos específicos de ações e não generalidades que não atendem aos sujeitos em questão.

Ao concluir a apresentação dos sujeitos de pesquisa, rememoro Freire (2011, p. 89): “Somente na comunicação tem sentido a vida humana”. É na troca, possibilitada pelo ato de se comunicar, que os envolvidos neste trabalho dão sentido a sua vida e a sua prática do coletivo. Esta coletividade foi presença constante na coleta de empiria.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS... O QUE FUNDAMENTA A EXPERIÊNCIA?

A presença da pessoa com cegueira nos diversos espaços que compõem a cidade torna-se bastante ampla no sentido de que não modifica apenas o sujeito cego, mas sim, toda a sociedade que o permeia. Uma cidade está sempre em modificação, seja ela causada por necessidades oriundas do seu desenvolvimento ou por edificações e reorganizações típicas de determinada forma de ocupação do espaço, o quê, constantemente, gera mudanças no ir e vir das pessoas e em suas relações. Nesta direção o convívio mais amigável com invisuais pode levar a reflexões sobre a ocupação e a organização desse espaço numa perspectiva inclusiva.

Ao iniciar mais propriamente a fundamentação teórica desta dissertação, considero necessário ressaltar que diversos conceitos aparecem ao longo da mesma, uma vez que a temática é passível de direcionamentos bastante distintos. Contudo, os principais focos de análise, a fim de responder ao problema principal de pesquisa, giram em torno das aprendizagens relacionais entre os sujeitos e a cidade de Rio Grande – RS, bem como, as perspectivas estéticas presentes nesta relação. No entanto, não deixarei de contextualizar alguns conceitos pertinentes à compreensão do que aqui se apresenta.

Desta forma, inicio as análises dando ênfase ao principal conceito da pesquisa que é a cidade e seus desdobramentos possíveis para aprendizagens.

Sobre a cidade e suas modificações Gomes afirma:

A Cidade não pode, pois, ser concebida, como uma forma que se produz simplesmente pela contiguidade das moradias. Ela é, antes de qualquer coisa, um tipo de associação entre pessoas, associação esta que é uma forma física e um conteúdo. (...) A cidade é uma forma necessária a um certo gênero de associação humana, e suas mudanças morfológicas são condições para que esta associação se transforme. (2002, p. 20).

Privados da visão, alguns por mais, outros por menos tempo, os cegos – muitas vezes – não conseguem acompanhar as modificações constantes sofridas pela cidade, pelos mais diversos fatores, tais como: descrença daqueles com quem convivem e de quem é necessário à descrição de acontecimentos; ausência de oportunidades para circular nos espaços citadinos e, conseqüente, desconhecimento de algumas mudanças de posicionamentos de paradas de transporte público, modificações repentinas de vias para fluidez do trânsito, entre outras. Desta forma, suas interpretações acerca de determinados locais e as potencialidades presentes nos mesmos acabam sendo privadas. Esta pesquisa acaba por rerepresentar a cidade sob uma

nova ótica aos invisuais, sendo passível de analisar como tecem novas aprendizagens na mesma. Também permite que não somente o espaço lugar, se transforme, a partir da passagem do cego, mas, também, é capaz de trazer novos olhares das pessoas videntes a partir deste contato. Golin, Nogueira e Custódio (2009, p. 160) apresentam que “quando nos deparamos com pessoas invisuais, levamos conosco um olhar muitas vezes angustiado ou aflito, advindo de um contexto histórico inerente à nossa sociedade. É comum ficarmos tristes e pensativos nesse momento”. Considero que como cidadãos, precisamos ultrapassar rapidamente o olhar *angustiado* ou *aflito* e tratarmos de assegurar ao cego o direito à visibilidade e ao reconhecimento pleno dos seus direitos.

2.1. O Estado da Arte

Com o intuito de verificar a expressividade de pesquisas realizadas no campo da educação que se aproximassem da temática *o cego e a cidade*, realizei uma busca no banco de teses do Portal *CAPES*, fazendo um recorte dos últimos anos de análise. Não utilizei o ano de publicação como limitador, contudo, encontrei somente trabalhos compreendidos entre os anos de 2011 e 2012. Como filtro, resolvi dividir a procura da seguinte maneira:

A - Pesquisas sobre Cegos e Inclusão Social

<p>ALMEIDA, Diones Carlos de Souza. Entre a escola e a sociedade: Bases para a formação continuada de professores de Geografia na perspectiva da inclusão de estudantes com baixa visão e cegos em Uberlândia-MG. 01/04/2011. 144f. Mestrado Acadêmico em Geografia. Instituição de Ensino: Universidade Federal de Uberlândia. Biblioteca Depositária: Campus Santa Mônica.</p>	<p>A pesquisa em questão é oriunda do campo da Geografia e trata da inclusão para o ensino desta disciplina. Existe a preocupação do pesquisador em trazer à tona a discussão a respeito das condições da inclusão, que está posta no campo escolar, mas, ainda sem as reais necessidades a serem atendidas. Apresenta como principal objetivo “Conhecer a formação continuada dos professores de Geografia no município de Uberlândia”. A pesquisa, em seu resultado, apontou que existem vinte e quatro instituições de apoio ao cego, sendo dezoito salas de Atendimento Educacional Especializado dentro das escolas analisadas.</p>
<p>JUNIOR, Juarez Nunes de Oliveira. Ouvindo Imagens: A audiodescrição de obras de Aldemir Martins. 01/08/2011. 98 f. Mestrado</p>	<p>O pesquisador apresenta aqui o objetivo de analisar as produções audiovisuais que estão sendo produzidas ao público com deficiência</p>

<p>Acadêmico em Linguística Aplicada. Instituição de Ensino: Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE. Biblioteca Depositária: Biblioteca do Centro de Humanidades da UECE.</p>	<p>visual e auditiva. Preocupa-se ainda com a falta de acessibilidade do cego a espaços como museus e apresenta a sugestão de legendas descritivas para as obras. Segundo o autor, as legendas foram elaboradas para quatro pinturas do artista cearense Aldemir Martins, que se encontram em exibição no Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará.</p>
<p>MORAES, Paula Camara. Associação Fluminense de Amparo aos cegos: limites e possibilidades de inserção da pessoa com deficiência visual no âmbito do trabalho. 01/08/2012. 122f. Mestrado Acadêmico em Educação – Processos Formativos e Desigualdades Sociais. Instituição de Ensino: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo. Biblioteca Depositária: UERJ/REDE SIRIUS/CEH-D.</p>	<p>O objetivo principal da dissertação aqui apresentada é analisar a historicidade da Associação Fluminense de Amparo ao Cego (AFAC). O destaque principal da pesquisa está nas ações que a referida associação faz para a inserção do cego no mercado de trabalho. Cabe destaque ainda, a investigação das motivações da criação da AFAC, no cenário político e social de 1931, visando conhecer o perfil dos usuários do espaço, havendo assim, um destaque para a memória ali presente.</p>
<p>SANTOS, Edilena de Jesus Sousa. Processo de Escolarização: O discurso dos pais sobre as expectativas e acompanhamento aos seus filhos com cegueira. 01/12/2012. 157f. Mestrado Acadêmico em Educação. Instituição de Ensino: Universidade Federal do Maranhão, São Luís. Biblioteca Depositária: Biblioteca Setorial de Pós-Graduação em Ciências Sociais.</p>	<p>A pesquisa apresenta como foco o papel da família no processo não só de escolarização da pessoa cega, bem como de inserção social. Trata-se de uma pesquisa quantitativa, com sujeitos entre 12 e 15 anos, inseridos na rede, com apoio no Centro de Apoio Pedagógico ao Deficiente Visual (CAPDV) no contraturno, com baixa renda familiar, sem outra(s) deficiência(s) associada(s). Foi então traçado um paralelo sobre o que as famílias ajudavam neste processo, o que apontou: compra e adaptação de materiais não ofertados pelas escolas, locomoção dos estudantes cegos tanto à escola regular quanto ao centro de apoio, bem como, investimento em outras áreas do saber que pudessem funcionar como apoio neste processo.</p>

Minha busca resultou no exposto acima, que explicita diversas formas de inclusão social ao cego, seja no mercado de trabalho, escola ou na formação de professores. Embora nenhum seja completamente o foco da pesquisa que venho aqui apresentar, são os resultados que mais se aproximaram.

B – Pesquisas com Adultos Cegos

<p>SCHERER, Roger Lima. Qualidade de vida de adultos com deficiência visual da grande</p>	<p>A pesquisa objetivou analisar a qualidade de vida dos adultos cegos na grande Florianópolis, tendo</p>
--	---

<p>Florianópolis. 01/02/2012. 138f. Mestrado Acadêmico em Educação Física. Instituição de Ensino: Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Biblioteca Depositária: Central da UFSC.</p>	<p>como metodologia a análise quantitativa e qualitativa da empiria coletada. A amostragem ocorreu com 168 cegos, ligados à Associação Catarinense de Cegos (ACIC). Foi utilizado como instrumento, entrevistas semiestruturadas a respeito da qualidade de vida dos mesmos. Após a coleta dos dados, o autor concluiu que existe maior prevalência de comportamento positivo ao estilo de vida na capital catarinense. Como componente negativo, especialmente para os homens, aparece a dificuldade na prática de exercícios físicos.</p>
--	---

Em um primeiro momento, a busca foi por *Idosos Cegos* – já que é o caso da maioria do grupo investigado em Rio Grande, contudo, nenhum resultado apareceu e, assim, resolvi ampliar para *Adultos Cegos*. A maioria dos resultados apresentados acaba se distanciando do campo da educação e adentram nas áreas de medicina preventiva e de fisioterapia. Contudo, a dissertação aqui apresentada, visa “O CEGO E/NA CIDADE: RESSIGNIFICANDO SABERES NA INTERLOCUÇÃO COM O OUTRO”, e, embora, não tendo como foco a memória e a relação com aprendizagens na/com cidade, o pesquisador Roger Lima, tece análises sobre a cidade de Florianópolis na perspectiva do cego em relação à qualidade de vida.

C – Pesquisas que apresentam pessoas cegas na relação com a cidade

<p>NOGUEIRA, Ana Carmen Franco. Lygia Clark – Uma experiência de arte na vida de jovens cegos. 01/02/2011. 185f. Mestrado Acadêmico em Educação, Arte e História da Cultura. Instituição de Ensino: Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo. Biblioteca Depositária: Biblioteca Central George Alexander.</p>	<p>A análise tecida nesta pesquisa é em torno da experiência de pessoas cegas em um ateliê de arte, através das obras de Lygia Clark. Objetivando coletar dados das experiências do cego com o contato com a arte. Após a análise de dados, a autora constatou que os estudantes puderam reinventar sua maneira de fazer e sentir a arte, possibilitando assim, sua inserção em outros espaços com o mesmo propósito.</p>
--	---

Embora a pesquisa encontrada não tenha diretamente ligação com a inserção do cego na cidade, busco trazê-la, pois, dado ao fato de que em muitas idas e vindas pelos espaços citadinos, os sujeitos de pesquisa se depararam com obras de arte que não contavam com acessibilidade. A recorrência deste fato, a ausência de acessibilidade, foi de 100% das vezes,

uma vez que para o senso comum e, pelo visto, às políticas públicas, algumas formas de arte só podem ser apreciadas por sujeitos visuais.

2.2. A cidade e a memória: repercussões em aprendizagens e pertencimento

Na escolha dos sujeitos desta pesquisa, trouxe a ideia de que aprendizagem para sujeitos cegos vai além daquela prevista nos currículos escolares, no caso, a de habilidades instrumentais previstas no currículo do AVAS. Acredito ser necessária uma breve explanação do conceito de cidade e das múltiplas formas de aprender que a mesma possibilita.

Apoiada em Certeau destaco:

Eu gostaria de acompanhar alguns dos procedimentos – multiformes, resistentes, astuciosos e teimosos – que escapam à disciplina sem ficarem mesmo assim fora do campo onde se exerce, e que deveriam levar a uma teoria das práticas cotidianas, do espaço vivido e de uma inquietante familiaridade da cidade. (1994, p. 175).

É a prática cotidiana do espaço vivido e a familiaridade com a cidade apontada por Certeau que apresenta o espaço citadino como potencial para aprendizagens. É inegável que a mesma faz parte da nossa vida nas mais variadas formas, usufruímos dela cada dia, cada momento no qual trabalhamos, consumimos ou simplesmente trilhamos suas ruas. Muitas vezes, o ir e vir são tão mecânicos que desaparece aos olhos o potencial que possui.

O fato é que parece que nós – os videntes – não somos assim tão familiarizados com a cidade da qual desfrutamos cotidianamente, ou seja, se é assim, algo óbvio, pouco a consideramos como um espaço de aprender. Aponto aqui também, o fato de que ela não é pensada e muito menos planejada para uma pessoa deficiente e, menos ainda, com cegueira, talvez, por isso, o estranhamento inicial dos próprios estudantes em utilizá-la como lugar de aprendizagens. Ou quem sabe, ainda, talvez, pelo fato de que muitas vezes não experimentamos a cidade, apenas a usamos ou nos deslocamos mecanicamente de um local para outro.

O fato é que o cego e a cidade parecem não estar no mesmo tempo e espaço: esta relação é bastante distante entre invisuais e espaço. Os sujeitos de pesquisa, como dito anteriormente, perderam a visão nas mais distintas épocas. Dentre eles, existem aqueles que estão nesta condição há cerca de 20 anos e aqueles que estão há muito menos tempo. Embora,

as modificações da cidade sejam muito mais significativas para quem se privou do enxergar a mais tempo, quem teve uma perda recente também sofre com as constantes transformações espaciais, ou seja, o tempo e o espaço da cidade são para os visuais muito distintos daqueles da pessoa invisual. A dinâmica rápida das alterações no tempo e espaço capitalista fica ainda mais difícil de ser compreendida pelo invisual. Esta pesquisa possibilitou apresentar estes espaços de forma a contribuir para que os cegos possam sentir-se pertencentes à cidade do Rio Grande, espaço vivo das inserções.

Ricoeur ajuda-nos a compreender a relação com o tempo, afirmando:

A consciência íntima do tempo se fecha desde o início sobre si mesma. Quanto à natureza da 'apreensão' pelo espírito do fluxo de consciência e, portanto, do passado, trata-se de saber se esse tempo sentido é suscetível de ser apreendido e dito sem empréstimo ao tempo objetivo, em particular no que diz respeito à simultaneidade, à sucessão e ao sentido da distância temporal [...]. (2007, p. 120).

É neste momento que dou o devido destaque ao tempo histórico e a memória destas pessoas como fonte de compreensão e de autoestima em sua capacidade de aprender e, sobretudo, de ensinar. O sistema, metaforicamente, se assemelha ao ir e vir das ondas do mar, isto é, nunca para. Foi um movimento de troca de saberes, de experiências e de variados tempos que faz com que um seja protagonista na própria aprendizagem e na do outro. É quando o sentimento e o simbolismo se entrelaçam – são *tecidos* – em uma teia de saberes, pois, não é somente a linguagem que é capaz de articular o saber do ser humano (DUARTE Jr., 2002). Se o autor não atribui capacidade apenas à linguagem, compreendo que posso atribuir essa capacidade também aos sentidos remanescentes em um cego.

Penso ser necessário esclarecer que ao falar no devido destaque à memória dos sujeitos, como fonte de aprendizagem, não estou me referindo somente aos termos médicos e aos mnemônicos – como capacidade de guardar fatos – mas, sim, na forma de como estes fatos serão usados naquele momento do convívio com o outro nos espaços citadinos, ou seja, na memória social. Diversas interações tecidas entre o grupo demonstraram o quanto após ser feita a descrição do lugar visitado, os cegos iam trazendo dados do seu tempo histórico e entrelaçando estas impressões com o que outro dizia. Para alguns foi um rememorar, enquanto que para outros, foi um aprender com a situação vivenciada. Exemplifico com a vivência que Veridiana nos apresentou ao falar do antigo presídio e hoje espaço *Escola Viva*, com um pertencimento um tanto incomum para um lugar como aquele. Trouxe ao grupo a oportunidade de perceber o espaço visitado como diferente do que de costume.

É quando é dada a devida importância à memória dos sujeitos e no entrelaçamento de seus saberes, advindo das mais diversas esferas sociais e familiares, que entram os espaços da cidade e seu potencial de ensinar e de aprender. O próprio indivíduo cego passou a entendê-la para além de um espaço de circulação e se apropriou da mesma como um espaço vivencial, imergindo em cada um dos locais visitados e, sobretudo, dando significados a eles. Não é mais um mero cidadão que circula privado do *ver*, mas sim, alguém que se apropria, que sente, convive e que constrói significados. Debortoli (2008, p. 39) afirma que “pensar o espaço como prática social significa pensar a sua apropriação, e esta não se reduz à representação do espaço. Refere-se ao sentimento de pertencimento, à compreensão do vivido para além do espaço geométrico”.

Já Carrano ao conceber a cidade como espaço de educar explicita a:

[...] importância de se compreender as relações humanas na cidade como uma esfera educacional ampliada que se processa na heterogeneidade de espaços sociais praticados. (...) As atividades desenvolvidas no tempo livre e no lazer são exemplos de práticas sociais que não são, necessariamente, vividas em contextos institucionais concebidos para educar. (2003, p. 16).

É esta cidade, explicitada por Carrano (2003), das relações humanas, que é apresentada aos cegos nesta pesquisa. Calvino (1990, p. 44) é outro autor que me convidou a refletir a cidade sob outros ângulos. Diz: “(...) as cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa”. Se esta construção, de desejos e de medos, citada por Calvino, acontece para quem usufrui da cidade diariamente, é preciso que haja a possibilidade da pessoa com cegueira ter a mesma possibilidade. Assim, quando a escolhi como mediadora desta pesquisa, pretendi que o cego passasse a ser visto como ser social e parte integrante dela: sujeito de direito e deveres nos mais variados espaços, nas mais variadas formas de apoderar-se da cidade e empoderar a si mesmo.

Vivenciar o espaço citadino como uma forma de ressignificação da memória, que dialoga com as memórias de seus pares e, principalmente, dos locais nos quais se inserem, tornou possível uma aprendizagem que vai além da curricular. Torna-se um entrelaçamento de experiências de mundo, de vidas distintas que, inevitavelmente, fizeram da professora pesquisadora, alguém imersa nestas constantes falas e expressões de sentimentos e sentidos, e,

no mais importante: o cego passou a perceber que sua memória tem valor educativo, social e pessoal, diminuindo, inclusive, a sensação de perda geral que a privação da visão traz.

A memória tem especial destaque na pesquisa aqui narrada, uma vez que é trazida à tona a cada imersão nos espaços citadinos, evidenciando – através dos cegos – suas vivências nos espaços. A mesma não precisou ser provocada para que aparecesse a cada instante nos encontros, fez parte de cada momento como se estivesse programada para destacar-se. O papel da memória aqui, não está em apresentar dados históricos ou em somente dar subsídios de dados para futuras análises, mas sim, em promover entre os sujeitos a troca de vivências e de memórias compartilhadas. Kenski (1995, p. 103) apresenta questões a serem pensadas em pesquisas que envolvam a memória: “O que essas experiências significaram em suas vidas? Que influências esses momentos tiveram em suas escolhas pessoais e profissionais? Como se sentiam na época em que viviam essas experiências?”.

Halbwachs (2013) diz que nossa base de memória tem ligação direta com o quando nos tornamos seres sociais. Assim, dar importância à mesma confere igualdade inclusiva e de aprendizagem aos sujeitos, inclusive os envolvidos nesta pesquisa. Quando os cegos interagem narrando suas impressões, vivências e lembranças acabam ativando nos demais do grupo, uma necessidade de trazer à tona aquilo que, para muitos, estava guardado apenas no campo do passado.

Memória é um conceito passível de muitas discussões e fundamentações ao longo desta pesquisa, uma vez que fez parte – sem intencionalidade – dos momentos de interação entre os pesquisados e pesquisadora. Deu o *tom* aos debates tecidos, às vivências e às experimentações estéticas envolvidas no processo de ir e vir pela cidade.

Ricoeur (2007, p. 130) diz que “a partir de uma análise sutil da experiência individual de pertencer a um grupo, e na base do ensino recebido dos outros, que a memória individual toma posse de si mesma”. Quando *toma posse de si mesma*, dá aos cegos a real noção do quão produtores de conhecimento são e da maneira como suas interações geram aprendizagens.

Na medida em que, a partir da pesquisa, cidade e memória se entrelaçam, relações de pertencimento vão surgindo. Pertencimento este que vai emergindo no vínculo que se estabelece entre o sujeito de pesquisa e a cidade a qual pertence e que passa a notar de forma diferenciada, as suas potencialidades de aprendizagem, mais um conceito que mereceu uma análise teórica. Quando a cidade é *reoportunizada* às pessoas, após a perda da visão, podemos

desconstruir o que Sá (2005) aponta a respeito do fato de que o ser humano tem perdido a capacidade do pertencimento dada às novas estruturas sociais que se impõem.

O estar cego, pertencente a um grupo de pessoas igualmente cegas pode ser considerada uma nova estrutura social, conforme Sá (2005) refletiu. Muitos dos sujeitos de pesquisa passaram, após a cegueira, a deixar de frequentar determinados espaços e a fazer caminhos, por exemplo, sempre iguais cotidianamente. Desta forma, os encontros do grupo de pesquisa, a cada semana em um lugar diferente, provocaram experimentações espaciais novas e deu um maior pertencimento em sua relação com a cidade.

Cousin apresenta o pertencimento constituído na troca com o outro dizendo:

A capacidade de sintonia com o outro exige compartilhar um pertencimento. Considero importante que a sociedade compartilhe o mundo e construa o sentimento de pertencer a um modo de vida e a um contexto que está sendo constantemente produzido e transformado e reflita sobre o seu papel enquanto sujeito envolvido nesse processo. O pertencimento possibilita compreender como os processos das relações sociais estão presentes em cada vivência, e como o local e o global se traduzem em experiências pessoais e coletivas. (2010, p. 95).

A sintonia expressa pela autora é mais um elemento que emerge da relação de pertencimento entre memória e cidade, presente nesta pesquisa, uma vez que, grupo e professora pesquisadora acabam sendo envolvidos pelas relações sociais presentes nas experiências de cada um, no contato com os locais de inserção, mas, principalmente, na interlocução com o outro... Visual ou Invisual.

2.3. Os fundamentos estéticos

Ao iniciar as delimitações teóricas desta pesquisa, a qual tem o cego e as aprendizagens na/com a cidade como principais focos de estudo, percebi que surgiu um conceito chave e fundamental para a mesma... A estética na educação.

A estética no campo da educação pode ser observada sobre diversos autores cujos pensamentos podem cruzar-se ou não. Faço aqui, uma breve análise sobre o ponto de vista de dois autores Freire (2011) e Duarte Jr. (2002), como base teórica.

Reafirmo, assim, minha posição de professora pesquisadora e, desta forma, analisei o conceito estético de Freire sobre a educação centrada no diálogo e no estabelecimento de

relações respeitosas. Nestas não são entendidas como sendo o educador, mesmo que pesquisando, o único ser ativo nas construções de conhecimentos e significados que são feitas, neste caso, a partir das inserções na cidade.

O posicionamento de Freire no que tange a estética permite a um professor pesquisador utilizar-se da metodologia aqui proposta – Investigação-Ação – sobretudo, no que afirma Denscombe (2011) quando atribuiu a já ressaltada característica colaborativa a esta ação metodológica, uma vez que para Freire a noção estética ser aliada do diálogo e das relações respeitosas, possibilita ao pesquisador e ao pesquisado interagirem nas questões que permeiam o processo de investigação.

Assim relata Freire:

Saber que não posso passar despercebido pelos alunos, e que a maneira como me percebam me ajuda ou desajuda no cumprimento de minha tarefa de professor, aumenta em mim os cuidados com meu desempenho. Se a minha opção é democrática, progressista, não posso ter a prática reacionária, autoritária, elitista. Não posso discriminar o aluno em nome de nenhum motivo. A percepção que o aluno tem de mim não resulta exclusivamente de como atuo, mas também, de como o aluno entende como atuo. (2011, p. 97).

Para o autor, a estética está presente quando se tem uma educação na qual o movimento de troca e a importância dos saberes é ativa, reconhecida e fundamentada desencadeando o cuidado na maneira como a docência é exercida. A metodologia Investigação-Ação, utilizada para esta pesquisa, possibilita exatamente isto ao professor pesquisador... Um olhar que busca nas interações dos sujeitos, nas suas ações, nas suas falas, uma ressignificação da sua prática educativa.

Dar a devida atenção e valor às leituras de mundo feitas a partir da inserção do cego no espaço da cidade mostra um princípio da educação voltado ao que Freire (1994, p. 46) chama de *relação horizontal*, justamente, por perceber um sentido no qual pesquisador e sujeitos de pesquisa estão em um mesmo patamar, o daqueles que constroem juntos os saberes.

Ainda em Freire, permeia a estética o campo do sensível:

Disponibilidade à vida e a seus contratempos. Estar disponível é estar sensível aos chamamentos que nos chegam, aos sinais mais diversos que nos apelam, ao canto do pássaro, à chuva que cai ou que anuncia na nuvem escura, ao riso manso da inocência, à cara carrancuda da desaprovação, aos braços que se abrem para acolher ou ao corpo que se fecha na recusa. É a minha disponibilidade permanente à vida a que me entrego de corpo inteiro,

pensar crítico, emoção, curiosidade, desejo, que vou aprendendo a ser eu mesmo em minha relação com o contrário de mim. **E quanto mais me dou à experiência de lidar sem medos, sem preconceito, com as diferenças, tanto melhor me conheço e construo o meu perfil.** (1996, p. 134 - Grifo da pesquisadora).

Penso, a partir do excerto acima, que existe um fundamento estético e sensível muito forte nesta pesquisa, que busca que os envolvidos percebam este estar disponível quando estão em contato com o outro e tendo a cidade do Rio Grande como agente ativo das aprendizagens e das interlocuções tecidas.

A forte presença da estética, nesta pesquisa, ocorre por sua capacidade de fazer com que o pesquisador consiga perceber as emoções, sentidos e sentimentos produzidos pelos sujeitos cegos a cada movimento de pesquisa. É claro, que quando falamos em percepções próprias, há de se ter sempre o cuidado em não emitir juízos que possam comprometer o processo científico que envolve uma pesquisa de mestrado, contudo, os dados que serão expostos na análise dos mesmos, poderão remeter um maior sentido ao que aqui é dito.

Amparo os estudos estéticos da pesquisa também em Duarte Jr. (2002) que nos fala amplamente em sentimento com variantes de significados – no sentido da experimentação e proveniente da linguagem. Inegavelmente, compreendo que as saídas realizadas com os sujeitos invisuais pela cidade, são carregadas dos sentimentos nas duas formas que o autor coloca:

Em suas acepções mais usuais o termo pode significar (além da apreensão direta e emocional): a condição geral do nosso organismo, como a experienciamos, e ainda a sensibilidade a determinados estímulos. Todas essas significações, de certa forma, subentendem que sentir é uma maneira de experienciar mais global, à anterior, à discursividade da linguagem. (DUARTE JR., 2002, p. 74).

Nas diversas saídas⁷ é evidenciado o quanto cada sujeito percebe e sente a cidade das duas formas explicitadas. Através da linguagem quando as intervenções da pesquisadora são feitas, sejam elas para descrever uma situação, ler uma explicação ou na troca criada através do diálogo entre o grupo e, ainda, no sentido mais amplo da palavra experimentar que, é essencial ao cego quando se utiliza dos sentidos remanescentes para vivenciar determinada situação: ao tocar em uma peça de museu jamais manuseada antes de estar ali. Ao sentir com os pés um tapete de folhas imperceptível ao sujeito visual. Ao identificar um som familiar ao

⁷ Serão explicitadas no próximo capítulo.

retornar na condição de cego a um determinado local. Ao reconhecer a voz familiar que o cumprimenta ao passar pela rua. Ao comunicar-se com outras pessoas quando solicita algo que gostaria de adquirir... Enfim, somos um grupo, e nele me incluo, entrelaçados por uma teia de experiências estéticas.

2.4. Que aprendizagens são estas?

Em diversos momentos utilizo o conceito *aprendizagem* como parte fundamental desta pesquisa e, desta forma, torna-se importante trazer um aporte teórico para isto. Ao analisar as relações que os sujeitos estabelecem entre eles, com a cidade e com esta professora pesquisadora, diversas formas de aprender vão sendo percebidas. Afastando-se um pouco daquilo que é previsto enquanto conteúdo, porém, aproximando-se da dimensão da pessoa cega enquanto produtora de conhecimento.

Dentre os diversos fatores que compõem o ato de aprender – emocionais, neurológicos, relacionais, ambientais, etc. – destaco nesta pesquisa a aprendizagem que ocorre na relação que os cegos tecem uns com os outros, a partir de sua entrada no espaço da cidade já com um olhar de sujeito disposto a aprender. Há aqui, uma interação que desencadeia a produção de conhecimento, capaz de autoavaliar os acontecimentos e repensar a prática cotidiana enquanto pertencentes aos *praticantes* (CERTEAU, 1994) da cidade de Rio Grande.

Sobre aprendizagem Oliveira (1993, p. 57) diz que esta é “o processo pelo qual o sujeito adquire informações, habilidades, atitudes, valores e etc., a partir do seu contato com a realidade, o meio ambiente e as outras pessoas”. O pensamento exposto vai ao encontro da proposta de pesquisa, na qual há uma análise da aquisição de conhecimentos e demais elementos citados – por parte dos cegos – junto à realização das atividades que compunham o processo de pesquisar. O cruzamento destes saberes, enquanto grupo, explicita uma enorme gama de produção de saber coletivo, amparada na “interdependência dos indivíduos envolvidos no processo” (OLIVEIRA, 1993, p. 57).

Destaco ainda em Oliveira:

Em Vygotsky, justamente por sua ênfase nos processos sócio históricos, a idéia de aprendizado inclui a interdependência dos indivíduos envolvidos no

processo. O termo que ele utiliza em russo (obuchenie) significa algo como processo de ensino aprendizagem, incluindo sempre aquele que aprende, aquele que ensina, e a relação entre as duas pessoas. Pela falta de um termo equivalente em inglês, à palavra obuchenie tem sido traduzida ora como ensino, ora como aprendizagem e assim retraduzida em português (1993, p. 57).

Inegavelmente, foi bastante fácil perceber o quanto houve uma identificação do grupo com a proposta de aliar seus conhecimentos aos da cidade do Rio Grande e, esta identificação com o acontecimento é algo que favorece muito a aprendizagem. Quando nos identificamos com alguma coisa temos prazer em experimentá-la, torna-se mais fácil interagir e, conseqüentemente, aprender com ela.

Ao realizar leituras e aprofundamentos teóricos acerca do ato de aprender, foi bastante comum deparar-me com isto, embora focado muito mais em crianças e seu processo de desenvolvimento. Porém, a necessidade de aprendizagem é algo inerente ao ser humano em qualquer etapa de sua vida, no caso desta pesquisa, na fase adulta. Para muitos dos sujeitos envolvidos, ao narrar-lhes que uma das minhas intencionalidades era fazer com que se vissem como atores no processo, capazes de ensinar e aprender uns com os outros, diversos foram os estranhamentos, contudo, estes foram se perdendo ao longo do caminho. Neste sentido, é fundamental que, não importando o grau de dificuldade, as pessoas tenham em mente o quanto ainda podem produzir conhecimentos.

Os estranhamentos acima citados se deram inicialmente pelo fato de que os sujeitos não se compreendiam como agentes capazes de produzir conhecimento, neles, estava enraizada a ideia de que apenas um professor poderia assim fazer. Contudo, ao longo da coleta da empiria, este pensamento foi se modificando a cada momento em que um era capaz de passar aos demais suas vivências e suas memórias e, desta forma, ressignificar-se enquanto sujeito. Outro estranhamento foi o de perceber o quanto a cidade apresenta potencialidade de produção do conhecimento. Partiu de Renée, uma frase que trouxe ainda mais motivação ao processo de pesquisa: “És a professora que nos ensinou a enxergar a cidade”.

Nesta perspectiva Interacionista de aprendizagem, dialogo com Fernández (2001) no que diz respeito ao fato de que todo ser humano tem seu meio de construir conhecimento, de ser agente produtor do mesmo, bem como, igualmente possui uma necessidade de buscá-lo, independente da fase da vida ou situação na qual se encontra. Mudanças de pensamento e atitudes, por exemplo, podem ser atribuídos – segundo esta perspectiva – às experiências que

cada ser carrega, alicerçados em seus conhecimentos adquiridos. Para Pain (1985, p. 45): “O vazio de saber é o espaço para buscar o conhecimento e aprender. A consciência de ser ignorante permite indagar e comunicar-se com os outros. Ninguém pergunta o que sabe. Sem ignorância não haveria progresso. A ignorância é o que permite aprender”. Busco aqui, a aprendizagem na indagação com o outro, assim como citado acima.

3. RIO GRANDE... NOSSO IR E VIR

Contextualizo a cidade do Rio Grande – extremo Sul do Rio Grande do Sul – apresentando alguns dados a respeito da mesma. Fundada em 1737, pelo Brigadeiro José da Silva Paes é uma cidade portuária que passou nos anos 2000 por um momento de grandes transformações nas esferas econômicas, sociais, políticas e espaciais, especialmente, pela demanda ofertada pelo Polo Naval, em período recente.

A construção de plataformas de exploração de petróleo trouxe uma demanda bastante grande de indústrias e com elas ofertas de emprego nos mais diversos setores. Isso ocasionou uma enorme migração de pessoas dos mais diversos estados brasileiros para Rio Grande, o quê, obviamente, necessitou que a cidade passasse por algumas reformulações no que diz respeito principalmente ao trânsito, sendo que novos estabelecimentos foram criados e alguns já existentes, modificados.

Rio Grande conta ainda com diversos pontos turísticos – alguns incluídos nesta pesquisa – que igualmente passaram por um processo de transformação para melhor acomodar a nova demanda social que aqui se instaurou. Cito assim, algumas alterações:

Praça Xavier Ferreira e Mercado Público: revitalização da infraestrutura dos espaços, com pintura e restauração de construções. A citada praça, ainda passou a abrigar a *Quitanda Cultural* e seu estacionamento transformou-se em palco de eventos – uma iniciativa da Prefeitura Municipal para expor a arte de cidadãos. As Hidroviárias de Rio Grande e São José do Norte também são outro exemplo de transformação, uma vez que a primeira está com um processo de reforma prevista e a segunda já passou a contar inclusive com lojas de exposição da cultura local. Cito ainda a Universidade Federal do Rio Grande – FURG, na qual visitamos o *CEAMECIM* e que teve – nos últimos anos – a construção de diversos prédios. Além do *Shopping Praça Rio Grande* que é uma novidade na cidade e data de apenas dois anos.

Agora, se pensarmos nestas alterações para uma pessoa cega, elas passam a ser ainda mais complexas, já que o invisual, para o processo de reabilitação, também, conta com sua memória visual para que possa usufruir do espaço da cidade em que vive. Tais modificações, quando não levam em conta à inclusão dos que não possuem o sentido da visão, acabam por afastar o sujeito cego do cotidiano cidadão, uma vez que em seu processo de locomoção, por exemplo, uma alteração de mão em uma via pode ocasionar transtornos e, dependendo do

sujeito, afastando-o completamente daquele local. Há de se haver o cuidado para que as alterações não sejam uma ferramenta de exclusão.

Fazendo a interlocução destas alterações com a relação entre o homem e o domínio da natureza, dialogo com Hermann:

A unidade do sujeito foi feita ao preço da exclusão e da repressão. A relação entre autonomia e domínio da natureza esfacelam a autoconfiança na razão. A própria consciência científica e estética iniciam uma flexibilização de critérios culturais, onde a verdade é relativizada e a subjetivada torna-se cada vez mais descentrada (2002, p. 13).

No entanto, para o processo de pesquisa e produção de dados, as referidas modificações tornaram ainda mais interessantes as atividades, pois possibilitaram aos sujeitos, que fizessem um exercício da memória a respeito da cidade, especialmente, quando buscavam relatar o que era e como era antes em determinado local. Inevitavelmente, as histórias narradas acabavam cruzando com as memórias pessoais dos ouvintes. Nestes momentos, a pausa do silêncio proporcionado pela escuta, resignificava o contato com o outro, e, neste ponto, a memória passava a ser coletiva.

Halbwachs em reflexão sobre a importância da memória construída e revista no coletivo diz que:

Não basta reconstruir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstituição funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa que será possível se somente tiverem feito e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo. (2013, p 39).

A busca por esta construção de saberes e memórias coletivas é uma das possibilidades que a inserção pedagógica na cidade é capaz de proporcionar. É um dado muito importante o fato dos sujeitos cegos transcenderem os muros escolares e passarem a perceber que existem aprendizagens nas mais variadas formas e espaços e, neste caso, em nosso maior *livro didático* que é Rio Grande.

3.1. Mas, afinal... Que lugares são estes?

A cidade é composta por uma série de elementos complexos que a constituem na íntegra. Suas características vão se moldando desde a ocupação inicial – no caso riograndino – nitidamente percebida nos traços dos prédios históricos, perpassada pelas paisagens naturais que a compõem, repleta das mais diversas culturas, de pensamentos políticos e ideológicos distintos... E, é toda esta diversidade que a torna um campo de saber específico. Basta apenas afinar os sentidos e a atenção para que possamos enxergá-la das mais variadas formas, não apenas com o sentido da visão. Talvez senti-la seria mais apropriado, mas utilizo o verbo *enxergar*, pois o cego é, na maioria das vezes, dito como alguém que não é capaz de ver. No entanto, este pensamento desconsidera todas as outras possibilidades de sim, enxergar a cidade através dos sentidos de uma pessoa com deficiência visual, caso dos sujeitos desta pesquisa.

Saramago reflete assim, sobre o *ver*:

Olhar, ver e reparar são maneiras distintas de usar o órgão da vista, cada qual com a sua intensidade própria, até nas degenerações, por exemplo, olhar sem ver, quando uma pessoa se encontra ensimesmada, situação comum nos antigos romances, ou ver e não dar por isso, se os olhos por cansaço ou fastio se defendem de sobrecargas incômodas. Só o reparar pode chegar a ser visão plena, quando num ponto determinado ou sucessivamente a atenção se concentra, o que tanto sucederá por efeito duma deliberação da vontade quanto por uma espécie de estado sinestésico involuntário em que o visto solicita ser visto novamente, assim se passando de uma sensação a outra, retendo, arrastando o olhar, como se a imagem tivesse de produzir-se em dois lugares distintos do cérebro com diferença temporal de um centésimo de segundo, primeiro o sinal simplificado, depois o desenho rigoroso, a definição nítida [...] (1989, p. 166).

Saramago coloca, no destaque acima, que há diferenças entre *olhar*, *ver* e *reparar*. Contudo, as inserções do cego na cidade de Rio Grande trouxeram aproximações destes verbos, uma vez que, foi necessário aguçar a percepção das três formas citadas para que pudessem ressignificar as aprendizagens tecidas uns com os outros.

Para que seja possível tecer análises sobre as interações ocorridas no contato do cego com a cidade, elegi alguns lugares (e outros foram sendo sugeridos pelos sujeitos) que de alguma forma considerei importantes para que fosse feita a inserção. Desta forma, citarei a partir de então, alguns destes lugares que foram sendo visitados e que significaram muito para o desenvolvimento da pesquisa. Parto assim, para algumas análises a respeito dos dados

coletados na mesma. Os critérios de escolha das inserções foram acontecendo conforme o interesse do grupo. Após a primeira saída, o Calçadão da cidade – que não faz parte dos locais escolhidos para análise – fui percebendo as preferências dos sujeitos e estabelecendo com eles a autonomia de apontá-las⁸. Vejo então, a necessidade de explicar *lugar*, com o intuito de fomentar a escolha deste substantivo. Para Santos (1996) lugar apresenta relações históricas e até mesmo vínculos afetivos com determinado espaço, havendo assim, um elo entre a pessoa e determinado lugar visitado na cidade.

Certeau diz:

A “cidade” instaurada pelo discurso utópico e urbanístico é definida pela possibilista, privilegiando o progresso (o tempo), faz esquecer a sua condição de possibilidade, o próprio espaço, que passa a ser o não-pensado de uma tecnologia científica e política. Assim funciona a Cidade-conceito, lugar de transformações e apropriações, objeto de intervenções, mas sujeito sem cessar enriquecido com novos atributos: ela é ao mesmo tempo a maquinaria e o herói da humanidade. (1998, p. 172-173).

São as transformações, as apropriações ditas pelo autor que esta pesquisa buscou analisar, não no sentido de mudanças físicas da cidade, mas sim, do sujeito e de suas ressignificações no contato com seus pares. No apropriar-se do espaço da cidade que, por vezes, lhe é privado com a perda da visão.

Ressalto, contudo, que as escolhas não tem um motivo único e fechado. Em alguns momentos, ocorreram por se tratar de localidades dotadas de representatividades coletivas e que poderiam trazer à tona memórias do grupo, em outros, locais de grande circulação pública ou, ainda, com finalidades gastronômicas diversas, etc., assim, foi se produzindo o nosso *enxergar*, ou *reparar* (no sentido proposto por Saramago) da cidade do Rio Grande.

É preciso dizer ainda que a localização geográfica da nossa cidade numa península, a torna interligada à cidade de São José do Norte, (distante a 6 km) por meio de barcas. Diariamente a ligação permite o ir e vir de cidadãos para os mais variados fins e a escola, da qual os cegos são oriundos, recebe dois estudantes da cidade vizinha, o que levou nossas saídas também perpassarem por estes caminhos feitos na água.

Alguns desses locais, espaço de aprendizagens e experimentações, apresento em breve síntese na sequência. No capítulo 4, será apresentada a análise dos dados coletados em cada inserção.

⁸ As preferências foram descritas no Quadro 1. Apresentando os sujeitos de pesquisa.

3.1.1. Travessia Rio Grande – São José do Norte

Talvez, para quem olhasse distante do olhar de pesquisador, não entenderia os motivos de tal inserção. Afinal, o que poderia existir de aprendizagem a um cego numa travessia que, essencialmente, é contemplada por belas paisagens – naturais e culturais – mas não pode apreciar usando o sentido da visão?

No entanto, as lanchas são carregadas de memórias e, neste sentido, não só dos sujeitos de pesquisa, como de todos aqueles que as utilizam diariamente ou ocasionalmente, passageiros ou tripulantes. As possibilidades de aprendizagem já se iniciam nas hidroviárias, no contato com as pessoas que ali estão, com as conversas, burburinhos, cheiros e sensações. Inclui a ansiedade de se chegar tão próximo ao mar, depois de se ter perdido a visão, e deparar-se com um local totalmente sem acessibilidade, mas, no entanto, que permite o embarcar na barca através da mão do tripulante que se estende, acomodar-se pela solidariedade do passageiro que se levanta e o acolhe, além da própria tentativa de realizar a atividade com autonomia, tendo como guia, apenas a sua bengala, seus sentidos e sua atenção.

Dentro das percepções de professora pesquisadora, pude perceber que por mais que alguns *conceitos*, explicações e descrições sejam dados a partir de um determinado espaço, jamais se consegue ser fidedigno o suficiente. A grande maioria do grupo demonstrou bastante temor em chegar próximo ao cais no qual a lancha estava atracada, mesmo os que já haviam feito um passeio com seus familiares, por exemplo. Durante a tentativa de dar a noção detalhada, do quanto estavam distantes de uma queda, por exemplo, o temor era percebido em boa parte do grupo. Tanto que, para que o acesso à lancha se desse e conseguíssemos continuar com a saída, diversos tripulantes tiveram que prestar auxílio.

3.1.2. Mercado Público

Trata-se de um local cujo prédio remonta ao século XIX e está localizado próximo ao Porto Velho, outro ponto importante quanto ao turismo, à cultura e à economia da cidade. A visita ao Mercado nos apresentou a possibilidade de rememorar o passado da grande maioria dos envolvidos na pesquisa. No total, foram três visitas ao mesmo, tamanhas as possibilidades de vivências que foram aparecendo. Primeiramente, pelo fato de que todos sabiam que o

prédio estava passando por reformas e a preocupação era se estavam tendo o cuidado de manter a arquitetura original. Em uma segunda visita, verificarem se os comerciantes de *outra época* ainda estavam ali ou que tipo de comércio o Mercado oferecia hoje em dia. E, na terceira, descobrirem de onde se originava o cheiro de café forte e novo e, ainda, onde estaria o pastel que *fisgava* a todos que circulavam ali.

Dessas intenções, desdobrou um novo local da cidade para exploração: a *Lancheria Tia Lúcia*, localizada no espaço interno do Mercado. Um modesto lugar, atendido por pessoas que fazem parte da história do Rio Grande e que se transformou em um dos principais pontos de reflexão pós-visitação, inclusive a outros locais próximos. A aprendizagem ali foi, sobretudo, a de acolhimento. No olhar de que acessibilidade pode ser mais do que estrutural, pois está também presente no amparo dos cidadãos.

Para os integrantes da pesquisa, o Mercado tem todo um caráter de rememorar uma época distinta, inclusive entre eles. É um espaço no qual se encontram muitas possibilidades gastronômicas, de compras de materiais para pesca e agropecuária em geral, coisas estas que outrora movimentavam muito a cidade de Rio Grande. Diversas foram as histórias narradas e o pertencimento demonstrado com este espaço, as quais serão apresentadas no capítulo seguinte.

3.1.3. Hortifrúti Granjeiro

O Hortifrúti da cidade do Rio Grande fica localizado próximo ao cais do Porto Velho e está intimamente ligado às ilhas próximas – Ilha dos Marinheiros, Ilha da Torotama e Ilha do Leonídeo – de onde provêm mercadorias vindas direto do produtor, com grande variedade de frutas, verduras e legumes fresquinhos, os quais, ainda, são possíveis de acompanhar a chegada de barco. O local foi apresentado aos cegos como outra possibilidade de aquisição desses tipos de produtos, em sua grande maioria, livre de agrotóxicos e fertilizantes, pois são produzidos em pequenas propriedades e em pequena escala comercial. Dentro do local há espaços diversificados de compra, desde varejo até atacado e um espaço reservado às pessoas que possuem baixíssima produção, ou seja, expõem seus bens de comércio em cestos, os quais o cidadão tem acesso direto.

É preciso ressaltar que a saída proporciona uma série de experiências sensoriais muito interessantes, como a diversificação de aromas sentidos já na entrada principal, que se cruzam e se confundem com o cheiro da pesca que acontece muito próxima dali. Outro aspecto interessante é que as hortaliças e as frutas apresentam tamanhos e sabores muito diferenciados daquelas que são encontradas em supermercados e é possível saber disso porque os comerciantes ofertam degustações aos clientes, a fim de facilitarem às suas vendas.

Em outra época da cidade, o Hortifrúti era um dos únicos locais, além das feiras livres, no qual se adquiria esse tipo de produto, assim sendo, foi outro espaço propício para reacender a memória pessoal e coletiva dos sujeitos de pesquisa. Além disso, um grande espaço capaz de ressignificar o contato com o outro, uma vez que nele, alguns sujeitos tomaram a voz para explicar aos demais a procedência de determinados alimentos, bem como, seu modo de produção, baseadas em suas experiências.

3.1.4. Praça Xavier Ferreira

A Praça Xavier Ferreira, localizada bem próxima à Estação Hidroviária, é um dos locais nos quais também fizemos mais de uma visita, uma vez que pela diversidade de elementos que a compõe, nos apresentavam diversas possibilidades de aprendizagem. Uma delas é a sensorial, conforme já explicitado no item anterior, pois contém uma diversidade de plantas, volumes e aromas muito grande. O local ainda apresenta placas de identificação para as árvores, algumas bem antigas e que possuem raízes que formam verdadeiras cercas vivas, dado o seu tamanho.

Dado o tempo em que foi construída, a Praça faz parte do cotidiano do cidadão riograndino há bastante tempo, principalmente, por estar localizada em um ponto bem central, no qual o entorno é composto por bancos, lojas, postos de gasolina, Biblioteca e Mercado Público, Hidroviária, Alfândega e Prefeitura. Desta forma, este espaço público não pode ser negado, em toda sua essência, às pessoas com deficiência visual.

3.1.5. Lojas Tradicionais da cidade

A ideia de visitar lojas do comércio local surgiu, a partir da surpresa, de um dos participantes do grupo ao saber que uma das lojas mais antigas da cidade havia fechado, tratava-se das *Lojas F. A. Nader*. A mesma foi fundada no início do século passado, pelo Libanês Abdo Nader e foi passada de pai para filho, tornando-se uma das mais antigas casas de materiais de construção, ferragem e eletrodomésticos de Rio Grande. Atualmente, abriga outro estabelecimento e para os sujeitos foi uma surpresa não haver mais ali o tradicional comércio que, diferente da maioria das lojas, tinha entrada e saída para duas ruas paralelas, como uma galeria (dado seu tamanho).

Além dos aspectos ligados à memória, espaço e tempo proporcionar ao estudante cego o entendimento que sua cidade se modificou em aspectos que para ele eram tão particulares, faz com que tenha a proporção dessas mudanças, inclusive econômicas que o município vem tendo a partir da entrada do Polo Naval na primeira década deste século.

Outra loja visitada foi a também tradicional *Pompéia*. Nela, os objetivos estavam centrados nas modificações estruturais que a mesma passou, tornando-se um local muito acessível às pessoas com deficiência em geral, pois conta com elevador sonoro e com marcações em Braille, escada rolante e delimitações podotáteis que facilitam a locomoção de uma pessoa cega no seu interior. Ali, podemos perceber que a pessoa cega tem autonomia para realizar uma compra sozinha ou, no mínimo, com a ajuda de um vendedor.

3.1.6. Shopping Center Praça Rio Grande

Atualmente, Rio Grande conta com dois *shoppings centers*, cujas construções são recentes⁹. Algo que é novidade para pessoas que perderam a visão há algum tempo e que pouco saíram pela cidade para conhecer locais assim antes disso. Estar neste espaço trouxe algo bem inusitado que foi não poder contar com a memória visual. Neste sentido, os cegos contaram muito com a descrição da professora pesquisadora, que teve a preocupação em narrar sobre cada loja, cada espaço, cada estabelecimento que ali havia da maneira mais fidedigna possível naquele contexto.

⁹ Visitamos apenas o *Shopping Praça Rio Grande*, o primeiro a ser construído na cidade, inaugurado no ano de 2014.

O estabelecimento foi todo construído tendo como temática em sua arquitetura o fato do Rio Grande ser uma cidade portuária. As fachadas das lojas imitam as escotilhas de um navio, as várias paredes e os banheiros imitam as estruturas de *containers* e todo o local é adornado por bandeiras de diversos países. Estas descrições são fundamentais para que uma pessoa cega compreenda a historicidade do lugar que está frequentando e, principalmente, desmistifique a ideia de que a perda da visão é sinônimo de não apreciar a estética de cada espaço.

3.1.7. *Livraria Vanguarda*

A ida ao espaço da livraria *Vanguarda* não foi planejada a título de procurar exemplares acessíveis ao cego, pois sabemos ser praticamente impossível, dado o alto custo dos livros em Braille. Desmistifico ainda a premissa de que todo deficiente visual utiliza o Sistema Braille como leitura e, neste caso, dos integrantes do grupo e sujeitos de pesquisa, apenas dois dominam o código. Não se trata de uma questão de preferência pelo uso de audiolivros, por exemplo, mas sim, dado ao fato de que a aprendizagem do Sistema é bastante complexa e exige memorização do código, bem como, uma boa sensibilidade tátil, algo que é bastante precário em pessoas que perderam a visão devido ao diabetes, por exemplo. No caso da *Escola José Álvares de Azevedo*, por exemplo, contamos com 80 alunos adultos matriculados e, destes, cerca de 40% perderam a visão por causa da citada doença. Os demais por fatores como: catarata, glaucoma, descolamento da retina, uso de medicamentos e acidentes.

Na Livraria, localizada no centro da cidade, o foco foi na sessão de livros infantis que é muito variada no espaço visitado. Lá, os sujeitos tiveram contato com uma série de exemplares que seria passível de ofertarem aos netos, contemplando outra forma de contar histórias infantis, já que era queixa constante não terem mais a capacidade de fazer com os netos o mesmo que faziam aos filhos ou o que se espera de uma avó tradicional – o ato de ler histórias.

3.1.8. CEAMECIM

O Centro de Estudos Ambientais, Ciências e Matemática – CEAMECIM faz parte da Universidade Federal do Rio Grande – FURG e está sediado no Campus Carreiros. Nele, mais especificamente, visitamos a exposição *Uma Viagem ao Corpo Humano*. Algo que, dito pela própria organizadora, não foi pensado para receber um grupo de cegos, ainda mais de adultos, mas, que, prontamente, preparou-se para a visita, promovendo uma verdadeira aula sobre o funcionamento dos órgãos humanos, desde a ingestão do alimento até sua excreção. Além destas aprendizagens, mais ligadas ao conteúdo, chegamos à compreensão de que mesmo quando algo, como a Exposição, não foi pensada para alguém com deficiência visual ou cegueira, pode ser utilizada e adaptada para tal.

3.1.9. Exposição de Fotografias no *Guanabara Shopping*

Ir à exposição de fotografias *Cassino em Imagens*, no saguão do *Supermercado Guanabara Shopping*, foi algo bastante inusitado para os sujeitos e que, na verdade, eu mesma não sabia se teria sucesso com essa iniciativa, pois se tratava de uma experiência nova. Afinal, ali só contávamos com a descrição feita por mim na qualidade de professora pesquisadora e com a memória visual dos sujeitos. Para surpresa de todos, após essa primeira inserção, passamos a frequentar diversas exposições, pois os relatos de muitos eram que conseguiam reviver a imagem, isto é, buscar em sua memória as cores, as formas e as representações de determinados objetos ou seres. A experiência mostra que fotografia é uma excelente possibilidade de trabalho com pessoas invisuais e que apresenta diversificadas formas de abordagem, tanto do sujeito como apreciador da imagem ali exposta, quanto do sujeito que retrata. Atribui-se ao fotógrafo Cartier-Bresson¹⁰ a afirmativa: “É uma ilusão achar que as fotos são feitas com a câmera. São feitas como os olhos, a cabeça e o coração”.

¹⁰ Fonte não encontrada.

3.1.10. *Acervo dos Pertences de Bento Gonçalves*

Assim como na exposição de fotografias, sabíamos que os pertences de Bento Gonçalves só seriam acessíveis aos cegos se descritos pela professora pesquisadora. E, assim, iniciamos o passeio pelo lugar no qual estavam expostos (Salão Nobre da Prefeitura Municipal do Rio Grande), com muitas descrições, leituras de objetos que tivessem explicações por escrita, inclusive de uma Ata feita na época em que viveu o revolucionário, entre outros. Contudo, fomos surpreendidos pelo dono dos pertences, que era tataraneto de Bento Gonçalves e estava presente no local. A partir da interlocução com o grupo e sua peculiaridade, abriu cada uma das principais cúpulas de vidro e possibilitou um momento único, o de contato tátil com os objetos que, segundo ele, jamais haviam sido abertos em exposições.

Aquele encontro marcou algo bastante interessante para todos ali presentes, inclusive em autoridades do município que circulavam pelo local, pois já havíamos estado em outros museus e exposições, nas quais o grupo contava apenas com a descrição feita pela professora pesquisadora. Foi um dos momentos que tive a convicção de que as fotografias precisavam fazer parte deste trabalho, por contarem com mais precisão as expressões, sentimentos e descobertas proporcionadas nestes contatos com a cidade.

3.1.11. *Escola Viva*

A *Escola Viva* é um espaço educacional que foi revitalizado há cerca de cinco anos. Antes de abrigar uma instituição, que recebe estudantes com as mais variadas deficiências em aulas regulares e oficinas, abrigava o antigo presídio municipal. Desta forma, o objetivo que permeou a saída girou em torno dos alunos conhecerem a nova função do prédio que sediava a antiga cadeia.

A mesma fica situada em uma via de grande circulação do Rio Grande, a Avenida Portugal, um dos acessos de saída da cidade. Antes de ser construído um novo lugar para abrigar os presos era muito comum que, ao passar por ali, as pessoas se deparassem com o cenário de diversos homens pendurados às grades, sujeira nas paredes e aos arredores, odores nada agradáveis, entre outras coisas, já que o prédio fica alinhado à calçada. Esta

provavelmente era a memória dos sujeitos de pesquisa antes de visitarem a atual *roupagem* do prédio e sua nova função.

A Prefeitura Municipal procurou manter alguns aspectos particulares da arquitetura do prédio, que embora tenha sido todo revitalizado, suas grades, portas, janelas e fechaduras continuam as mesmas da época do presídio. A antiga solitária, por exemplo, hoje abriga uma sala que guarda materiais escolares diversos. As celas foram transformadas em salas de aula e os pátios onde eram realizados os banhos de sol dos presos estão em processo de qualificação, sendo que um lado abriga uma horta e no outro será construída uma praça para as crianças.

3.1.12. Escola de Belas Artes Heitor de Lemos

A *Escola de Belas Artes Heitor de Lemos* é conveniada ao município e não oferta ensino formal, mas, sim, aulas de dança (os mais variados ritmos), aulas de música, instrumentos, pintura e demais modalidades ligadas às Artes. A tradicional Escola há longa data vinha solicitando ao poder público que concedesse uma nova sede, uma vez que, o antigo prédio datava de mais de cem anos e estava em condições muito precárias, sendo difícil fazer a reforma e manter os atendimentos ao mesmo tempo. Assim, há cerca de dois anos, o antigo *Jockey Club* da cidade foi todo restaurado – mantendo sua estrutura original – e passou a abrigar a Escola.

Mais uma vez, o objetivo da saída girou em torno das memórias dos sujeitos que frequentaram o antigo *Jockey* e o apreciar a beleza estética da Escola de Belas Artes. No lugar existem muitos móveis da época em que a mesma foi fundada, em 1922. Diversos pertences de professores e alunos que por ali passaram estão à disposição do público em geral e, ainda, é possível apreciar uma exposição de pinturas a cada semana ao se visitar o lugar, já que existe um saguão destinado a tal finalidade. Na ocasião, tivemos a oportunidade de vivenciar quadros de uma pintora da cidade de São Lourenço do Sul – RS, sobre o tema *Cavalos*. A série foi feita em homenagem ao que a artista vivenciou quando vinha à Rio Grande para apostar no *Jockey Club*.

3.1.13. Escola Frederico Ernesto Buchholz

A partir da inserção nas escolas anteriormente citadas, o grupo julgou interessante que pudéssemos conhecer a realidade do trabalho realizado em outras instituições da cidade. Assim sendo, surgiu a proposta de apreciar a *Expo-Afro* na *Escola Municipal de Ensino Fundamental Frederico Ernesto Buchholz*. A exposição é realizada há mais de dez anos pela professora Marisa Rodrigues Farias que apresenta aos alunos dos quintos anos a Lei 10639/03 que disserta sobre a cultura africana e afro-brasileira.

Ao longo do ano, a citada educadora desenvolve um projeto que visa trazer aos alunos negros o reconhecimento de si mesmos como sujeitos, a valorização de sua raça, bem como o respeito aos demais, lembrando que não somos todos iguais em nossas características e culturas, mas, sim, somos idênticos perante a lei e na condição de seres humanos. Assim, ao visitar a exposição, os cegos tiveram acesso aos diversos pertences da cultura africana, bem como os trabalhos que foram realizados ao longo do ano com os educandos da *Escola Buchholz*.

3.1.14. Banco Caixa Econômica Federal

A ida ao banco também foi uma solicitação do grupo, uma vez que, com a perda da visão, a maioria das famílias passa a fazer estes serviços essenciais para a pessoa cega, como receber seus salários ou benefícios. Contudo, muitos são, completamente, capazes de exercer tais funções sozinhos e o pedido surgiu justamente por tal razão: mostrar aos cuidadores e familiares que existe esta possibilidade.

Escolhemos uma agência do *Banco Caixa Econômica Federal* que conta com bastante acessibilidade: rampas com piso podotátil, indicações em Braille em diversos locais e um mapa tátil de como localizar-se dentro da agência. Os cegos queriam perceber inclusive se os trabalhadores do banco sabiam como lidar com eles, de forma a auxiliar a receberem seus ordenados sozinhos, compreender de quais maneiras os ajudariam¹¹, etc.

¹¹ Análise será feita posteriormente.

3.1.15. Padaria Gaúcha

Conforme dito no início deste trabalho, algumas saídas tiveram objetivos gastronômicos e, como são realizadas no turno da manhã, poucos lugares estão à disposição para alimentação além de padarias e cafeterias especializadas. Assim, as inserções ocorreram em diversos espaços, nos quais, cada sujeito teve autonomia na escolha, no alimentar-se e no pagar por aquilo que consumiu sem a ajuda de terceiros. Para análise da empiria, será utilizado apenas um dos estabelecimentos, pois o mesmo não tinha acessibilidade e a chegada dos deficientes visuais foi bastante imprevista para o proprietário, mas a forma como aconteceu essa experiência ressignificou muitos pensamentos naquela manhã.

A *Padaria Gaúcha* é uma das mais antigas e tradicionais da cidade, localizada no centro da cidade, tanto que muitos sujeitos a frequentavam quando ainda enxergavam. A mesma vem modernizando sua estrutura com o passar dos anos, contudo, não conta com um espaço que um cego ou um idoso possa consumir produtos no local. Ao chegarmos ali, a primeira intenção/reação da professora pesquisadora era ir embora e procurar outro estabelecimento no qual o grupo pudesse acomodar-se melhor. No entanto, fomos surpreendidos pelo proprietário e por sua demonstração de que acessibilidade também pode ser sinônimo de acolhimento humano¹².

3.1.16. Churrascaria Rio's

Esta saída foi pensada, em um primeiro momento com dois propósitos: um deles era auxiliar os sujeitos a entenderem que, mesmo após a perda da visão, eram capazes de ir a uma churrascaria¹³ sem que passassem constrangimentos em manusear os alimentos com autonomia. O outro era perceber como um rodízio de carnes serviria aquele grupo tão distinto dos que estão acostumados a receber. Cabe salientar que Rio Grande possui apenas dois estabelecimentos especializados em carnes e ambos são considerados restaurantes de alta categoria, inclusive com um preço que não é acessível a qualquer consumidor.

¹² Análises serão feitas ao longo da dissertação.

¹³ A opção por uma churrascaria ocorreu pela dificuldade do deficiente visual em cortar carnes.

Os significados que foram sendo obtidos naquele dia ultrapassam o *compreender-se como capaz*. Obviamente que ressignificaram muitos entendimentos, mas, principalmente, percebemos que o estabelecimento também se modificou com a nossa presença. Como se tratava de um grupo grande, composto por 10 pessoas, pois alguns não quiseram ir, tive o cuidado em ligar e agendar antes. A primeira churrascaria contatada teve uma “bonita” forma de dizer que não poderia nos receber, inclusive avisando que não daria desconto, mesmo que isso não tivesse sido pedido. Já a segunda, pediu diversas informações e, inclusive, queria saber de que forma poderia servir melhor e como poderiam os atendentes proceder para que o fizessem corretamente. A tradicional *Churrascaria Rio’s*, auxiliou o grupo a compreender-se como parte integrante de qualquer meio social cidadão.

Os lugares mencionados foram alguns dos espaços que compuseram as vivências do grupo de cegos participante da pesquisa durante o ano de 2015, quando houve a coleta dos dados empíricos. Ressaltado que as saídas e a consequente coleta empírica respeitou o período letivo da *Escola José Alvares de Azevedo*, bem como, ocorreu às quintas-feiras no turno da manhã, conforme disponibilidade da instituição.

Descrever os espaços pelos quais passamos, trouxe à tona uma série de lembranças da interação do cego com a cidade e estas se transformam em dados empíricos a serem analisados posteriormente, mas, que, já resultam na convicção de que a mesma é um campo de estudo inesgotável para uma pesquisadora.

Nesta direção, as interações entre cegos e/na cidade condizem com Pesavento, posto:

(...) trata-se de buscar essa cidade que é fruto do pensamento, como uma cidade sensível e uma cidade pensada, urbes que são capazes de se apresentarem mais ‘reais’ à percepção de seus habitantes e passantes do que o tal referente urbano na sua materialidade e em seu tecido social concreto. (2007, p. 14).

Perceber o cego como sujeito ativo na sociedade, principalmente quando vivenciando a cidade em conjunto com outros iguais e em diálogo com visuais, pode fazer emergir o que a autora diz ser uma *cidade sensível*.

Fizemos como grupo de pesquisa, inserções em muitos outros espaços da cidade – supermercados, museus, teatro, cinema, exposições nos mais variados lugares, etc. – contudo, recortar alguns se torna necessário para o desenvolvimento das análises. Não foi tarefa fácil deixá-los de fora! Procuo aqui, pensar em cada um de forma que, embora não tenham entrado

na pesquisa, cumpriram com o objetivo de ressignificar saberes no convívio e interlocução com o outro.

Passo então a me deter em uma análise mais aprofundada dos dados coletados a partir das minhas percepções enquanto professora pesquisadora, envolvida diretamente com os sujeitos em suas aprendizagens e ressignificações. Para tanto, faço uso da metodologia de análise de dados denominada Análise Autobiográfica, a qual será devidamente apresentada teoricamente a seguir.

4. UMA ANÁLISE SOBRE AS APRENDIZAGENS RESSIGNIFICADAS NO CONTATO DO CEGO COM/NA CIDADE

Ao buscar uma metodologia que conseguisse trazer à tona a possibilidade de analisar os dados obtidos, a partir da inserção dos sujeitos de pesquisa no estudo na/com a cidade, levando em conta a visão de uma professora pesquisadora, faço valer-me da Autobiografia como metodologia.

Segundo Abrahão:

As (auto)biografias são construídas por narrativas em que se desvelam trajetórias de vida. Este processo de construção tem na narrativa a qualidade de possibilitar a autocompreensão, o conhecimento de si, àquele que narra sua trajetória. [...] Ao trabalhar com metodologia e fonte desta natureza o pesquisador consciente adota uma tradição em pesquisa que reconhece ser a realidade social multifacetária, complexa, socialmente construída por seres humanos que vivenciam a experiência de modo holístico e inter-relacionado, em que as pessoas estão em constante processo de autoconhecimento (...) o pesquisar não se prende a estabelecer relações estatísticas. (2004, p.203).

Durante todo o seu desenvolvimento, esta pesquisa distanciou-se da busca por estabelecimento de dados estatísticos e sim, procurou buscar reconhecer as aprendizagens que foram obtidas na interlocução entre pesquisador e sujeitos cegos, entre pesquisados enquanto grupo e a cidade de Rio Grande – RS. Longe de desqualificar pesquisas com esta intenção, a estética relacional que sempre esteve presente nos caminhos trilhados, cada vez mais ia apontando para uma tendência de análise de um pesquisador consciente de estar lidando com significados e significantes produzidos por seres humanos. Estes, permeados de memória, de pertencimento, de conhecimentos que, muitas vezes, estava oculto por traz de uma cegueira.

Duarte Jr. relata com maestria:

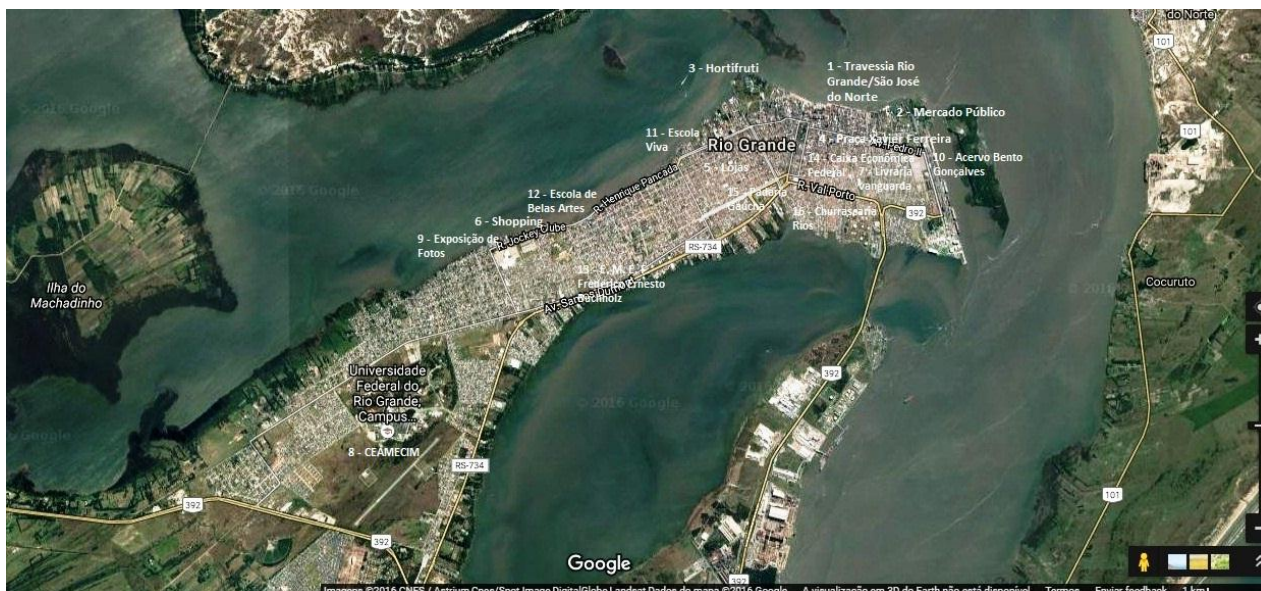
Na experiência estética o “cotidiano” é colocado entre parênteses e suspenso. Suas regras são abolidas. Por um momento o princípio do prazer coloca diante de nós a sua criação e nos envolve carinhosamente. O mundo real parou. Desfez-se. De seu ventre estéril surge uma nova realidade com o que nos embriagamos misticamente. Ela é a experiência estética: uma suspensão provisória da causalidade do mundo (...) (2004, p. 83).

Este delinear de acontecimentos nos quais as regras existem, mas são abolidas dando maior importância às relações que estão sendo tecidas no momento da pesquisa, é que fazem da mesma uma experiência estética.

Ainda justificando a opção por tal metodologia, esta pesquisa reuniu os três elementos que são fundamentais nela: as histórias de vida, as memórias e as narrativas dos sujeitos, uma vez que as inserções na cidade, entrelaçadas com o sentido de grupo social, fez com que tais elementos fossem vindo à tona sem que necessitassem ser incitados. Pude perceber ao longo da trajetória de desenvolvimento da mesma, os sujeitos em processo de autoconhecimento e este, na relação com o outro (seus pares) e com a cidade que hoje, visualmente, lhes é privada.

As fotografias fazem parte desta pesquisa como um elemento vivo, uma vez que trazem as histórias vivenciadas por nós com todas as suas representatividades. O número de imagens coletadas é de mais de cem, contudo, fez-se necessário um minucioso recorte para ser apresentado aqui. A escolha das que compunham esta escrita, se deu pelo significado expresso em cada uma no momento em que foi tirada. Algumas delas, por solicitação dos cegos e outras em momentos percebidos por mim enquanto professora pesquisadora. A seguir, apresentarei as motivações da seleção de cada momento.

4.1. A Cidade e o ressignificar: idas, vindas e aprendizagens



Mapa da cidade do Rio Grande – Lugares pelos quais passamos

1º Momento – Travessia Rio Grande – São José do Norte por Hidireno



Imagem autorizada: arquivo da pesquisadora.

“Lagoa dos Patos
 Dos sonhos, dos barcos
 Mar de água doce e paixão” – Kleiton e Kledir¹⁴

Incentivador de qualquer atividade, assíduo a qualquer saída proposta, motivador da inserção de colegas no grupo... São alguns dos adjetivos que podem definir a pessoa Hidireno dos Santos, 63 anos. Cego há relativamente pouco tempo – 5 anos – encontrou neste grupo uma nova motivação para enfrentar o luto da perda da visão. É um sujeito que busca sua autonomia, uma vez que seus irmãos ainda zelam muito por ele, principalmente por desconhecimento das potencialidades pós-perda da visão, é alguém que incentiva os colegas a buscarem o mesmo e vê em nossas inserções pela cidade uma motivação para isso.

Conforme já dito ao descrever a travessia Rio Grande – São José, uma grande preocupação do grupo era quanto ao medo de cair na água, o desequilíbrio de ficar próximo a um local em que pudessem vir a cair. Não foi diferente com Hidireno, no entanto, quando perguntado aos cegos se queriam desistir do passeio e modificar o que tínhamos previsto, ele disse que seria o primeiro a subir e que a partir do momento em que os demais percebessem que ele poderia¹⁵, todos iriam. Após entrar no barco, foi chamando um por um e estendeu sua bengala na direção dos que estavam perfilados na plataforma de embarque, estabelecendo um vínculo que, aos meus olhos não cegos, porém limitados, era mais forte do que as diversas mãos que se estenderam para auxiliar a entrada na lancha.

¹⁴ Lagoa dos Patos – Kleiton e Kledir.

¹⁵ Possui dificuldade de locomoção causada por um problema sério de má circulação sanguínea.

Já no decorrer da travessia, permeada de imagens lindas aos olhos, passei a perceber que talvez para eles não estivesse sendo significativo aquele momento, uma vez que se tratava de um dia calmo, ensolarado e sequer barulho do mar ouvíamos. Em um determinado momento o silêncio foi quebrado quando, um senhor da tripulação se aproximou e pediu para que eu os levasse para a parte de cima da lancha, uma vez que ali, estavam ficando molhados. Mais uma vez, o diálogo tecido entre Hidireno e outra colega, trouxe uma nova forma de vivenciar aquela experiência. Dirigindo-se à colega ao lado disse:

(...) quero ficar aqui, o movimento, acho que do motor, faz saltar a água nas minhas costas e até no rosto, aqui sim, eu vejo o passeio. (Hidireno, 63 anos).

Aos poucos, o que era um burburinho foi tomando forma de uma conversa entre os pares, na qual, fui mera expectadora, e citavam formas de apreciar o passeio que os visuais podem não perceber. Os pingos de água, as outras embarcações que faziam sons ao redor e com o som modificavam o balanço da lancha em que viajávamos, as conversas de outras pessoas que nos cercavam e, sobretudo, a sensação de que estavam em contato uns com os outros.

A *fotografia* que abre esta seção sintetiza o exato momento em que as falas foram silenciando e apenas à apreciação de outras sensações foi existindo.

Entre os diálogos tecidos a respeito da travessia, das sensações e das aprendizagens que haviam sido ali constituídas, ainda pudemos ter o prazer de ouvir as memórias vindas de Aurora Renée. Nossa uruguaia, a mais idosa do grupo, que contou com detalhes lembranças de sua viagem de lua de mel, que havia acontecido em um cruzeiro para a Europa. Disse a frase:

A perda da visão tem seu lado bom! Faz que a mente acredite que esta simples travessia entre duas cidades possa se cruzar com a mesma sensação que tive ao viajar em um enorme navio com meu amado e já falecido Óscar. (Aurora Renée, 82 anos)

Renée ainda relatou que pela primeira vez, em mais de 60 anos passados do dia do embarque, lembrou o gosto do conhaque que havia experimentado com o então marido. Foi um momento de muita descontração, uma vez que ela narrou que nunca havia experimentado uma bebida alcoólica, mas que o fez para agradar e, a partir dali, àquilo tornou-se hábito noturno dos dois.

Fecho esta breve análise, que teve como ator principal o Hidireno, trazendo Duarte Jr. (2004, p. 23) quando expressa “O homem é, portanto, um ser de símbolos. A palavra possibilitou-lhe um desprendimento do seu corpo, isto é, deu-lhe capacidade de voltar-se sobre si próprio numa atitude de reflexão”. A reflexão feita por este sujeito levou o grupo e a mim – professora pesquisadora – a buscar, em cada espaço vivido, os símbolos que nos cercam e, sobretudo, refletir sobre a existência deles quanto ao contato com os sujeitos sociais.

2º Momento – Mercado Público Municipal por João Paulo



Imagem autorizada: arquivo da pesquisadora.

“Eu conheço cada palmo desse chão
é só me mostrar qual é a direção
Quantas idas e vindas meu Deus quantas voltas, viajar é preciso é preciso
Com a carroceria sobre as costas
vou fazendo frete cortando o estradão” – Chitãozinho e Xororó¹⁶

As inserções feitas, mais de uma vez, no Mercado Público foram sempre permeadas por sentimentos de muito pertencimento ao lugar, por parte dos sujeitos da pesquisa. Alguns, pelo fato de serem nascidos em Rio Grande e outrora este ser o principal foco do comércio da cidade, outros porque o conheciam de passeios com a família, mas no momento de pesquisa, este estava passando por uma merecida reforma, que já se fazia necessária há muitos anos. Contudo, isso foi alvo inicial dos questionamentos do grupo, os quais giravam em torno da preocupação se aquele espaço não perderia sua identidade. Por esta razão, desejaram fazer diversas idas lá e em cada uma delas era quase que obrigatória uma descrição fiel de como a

¹⁶ Frete – Chitãozinho e Xororó.

obra estava andando e o que havia mudado ou sido mantido e, assim, seguimos nossas inserções.

Neste caso, o Mercado passa a ser o lugar no qual o pertencimento mais aflorou nos sujeitos, este que, para muitos cidadãos é percebido como apenas mais um prédio que compõe a cidade do Rio Grande, para outros, no entanto, é parte de sua história e de sua memória.

A respeito da relação do lugar e do pertencimento nos diz Moreira:

[...] lugar é o sentido do pertencimento, a identidade biográfica do homem com os elementos do seu espaço vivido. No lugar, cada objeto ou cada coisa tem uma história que se confunde com a história de seus habitantes, assim compreendidos justamente por não terem com a ambiência uma relação de estrangeiro. E reversivamente, cada momento da história de vida do homem está contada e datada na trajetória ocorrida de cada coisa e objeto, homem e objetos se identificando reciprocamente. (2006, p. 64).

O personagem deste espaço – João Paulo Ulguim (68 anos) – destacou-se por sua trajetória de vida. Riograndino por nascimento, contudo, morador do Brasil por sua profissão de caminhoneiro até a perda da visão. Durante a primeira ida ao Mercado, manteve-se calado quase que o tempo todo, coisa que não era habitual para aquele sujeito, sempre cheio de histórias engraçadas da sua vida pelas estradas.

Em um determinado dia, foi questionado por um dos colegas sobre os motivos que o levavam a ficar tão quieto ali, principalmente, se isso tinha relação com alguma lembrança que carregava e não gostaria de dividir com os demais. Contudo, ao sentarmos na *Lanchonete Tia Lúcia*, fomos surpreendidos pela frase:

Conheci tantos lugares, várias cidades, estados... Sempre procurei almoçar ou ao menos passear nos Mercados Públicos quando assim tinha tempo. Sempre com o objetivo de levar uma lembrança para a 'Nega'. Mas, pouco entrei no da minha cidade, da minha querida Rio Grande. Se vim aqui duas ou três vezes, foi muito e nunca com esse olho vivo de vocês, que fica atento até a cor do local. Acho que perdi muito, mas estou recuperando este tempo com vocês... Me ensinem meus amigos, continuem me contanto como é. (João Paulo, 68 anos).

A *fotografia*, entre muitas, e esta em especial, cheia de sorrisos à mesa, retrata o exato momento em que João Paulo reconta sua fala à Renée, visto que a colega além de cega está em processo de perda da audição.

A partir de então, houve uma enxurrada de histórias pessoais e locais a respeito do local, desde a descrição dos bancos que até hoje existem bem ao centro e são ponto de

encontro dos aposentados, até a busca pelos comerciantes mais antigos que pudessem relatar alguma coisa para o João Paulo. Neste momento, a professora pesquisadora retirou-se e serviu apenas como uma guia, no máximo, olhos para descrever o novo. O protagonismo ficou todo aos demais colegas que tinham uma verdadeira ansiedade em apresentar o Mercado Público Municipal àquele riograndino tão viajado e, no entanto, tão distante da sua cidade.

A memória coletiva foi saltando às nossas vivências, Halbwachs (2013, p.71) diz que “os quadros coletivos da memória não se resumem em datas, nomes e fórmulas, que eles representam correntes de pensamento e de experiência onde reencontramos nosso passado porque este foi atravessado por isso tudo”. Uns descobriram que frequentavam o local mais ou menos na mesma época e iam aos mesmos estabelecimentos. Lamentaram nunca terem se encontrado. Até que foi de consenso de todos que aquele grupo está unido não por acaso, mas sim por uma causa: a cegueira. Neste momento, não compreendemos a cegueira como uma causa no sentido de doença, mas sim, causa no sentido da busca do direito das pessoas acometidas da mesma... Aqui, o direito de ir e vir, de frequentar os mais diferentes espaços e locais, de serem sujeitos ativos do cotidiano da cidade na qual estão inseridos.

Nesta análise, fica evidente o quanto os sujeitos tornam-se aprendizes e aprendentes entre si, independente da ação do professor pesquisador, bem como, a metodologia Investigação-Ação – utilizada na busca da empiria – assume seu caráter cíclico fundamental, uma vez que, possibilita este movimento de troca de papéis.

3º Momento – Hortifrúti por Áurea (*in memorian*)



Imagem autorizada: arquivo da pesquisadora.

“Você marcou na minha vida
Viveu, morreu na minha história
Chego a ter medo do futuro
E da solidão que em minha porta bate”. Tim Maia¹⁷

Esta talvez seja a parte mais difícil de ser analisada nesta pesquisa. Além de assídua frequentadora da instituição *José Alvares de Azevedo*, Áurea Cáceres (67 anos) era assim também nas saídas realizadas para o desenvolvimento do trabalho. Acometida por diabetes muito severo, tinha dificuldades neurológicas e físicas, o que tornava sua mobilidade bastante afetada, sendo complicado lhe conduzir dependendo dos locais que estivessem previstos.

Em junho do presente ano, por uma complicação cardíaca, no momento em que sua saúde estava muito mais equilibrada do que o normal, Áurea nos deixou e com isso, um grande vazio se instaurou no grupo. Desta forma, pedi que eles escolhessem¹⁸ uma das inserções que mais merecessem ter ela como protagonista e o local foi o Hortifrúti da cidade.

Então, aqui faço uso da narrativa ainda de forma mais presente, diante desta análise autobiográfica, valendo-me de Blanchot (2005, p. 8) quando este diz que “a narrativa não é o relato do acontecimento, mas o próprio acontecimento ainda por vir e cujo poder de atração permite que a narrativa possa esperar também realizar-se”.

Muitas foram às memórias que envolviam aquele lugar para os cegos, pois, outrora este era o maior comércio de hortifrúti da cidade, o responsável pelo abastecimento das feiras que se localizam em vários bairros do município. Talvez, estas pudessem render diversas análises a respeito dos diálogos tecidos enquanto grupo que, naquele dia, explicou para mim – professora pesquisadora – diversas características do local, bem como, as produções e fornecedores, evidenciando seus conhecimentos sobre o tema.

Contudo, a escolha do grupo em referenciar Áurea como personagem principal, aconteceu pelo fato de que em um primeiro momento, nem todos acreditaram que naquele espaço teríamos o que ver de diferente ou que o mesmo atenderia os objetivos de outras localidades nas quais nos inserimos. Contudo, já no primeiro contato na escola, a personagem da vez, Áurea, se demonstrou muito empolgada em ir naquele espaço que, para a nossa surpresa, ela não conhecia, mesmo sendo moradora de Rio Grande há muitos anos.

¹⁷ Gostava tanto de você – Tim Maia.

¹⁸ Os demais locais e análises foram feitos a partir dos meus olhares e entendimentos enquanto pesquisadora.

Áurea relatou que a importância dada a esta saída tinha o significado de conseguir, pela primeira vez, em muitos anos, comprar alguma coisa sozinha para levar para casa. Isso, para muitas pessoas, é um ato tão comum no dia a dia que passa despercebido: chegamos... Escolhemos... Pagamos... Levamos. No entanto, para ela não, pois foi permeado de um simbolismo enorme que, naquele instante, a empoderou.

Na realidade das pessoas cegas, existem, geralmente, dois tipos de cuidadores familiares: àqueles que negligenciam e não ofertam os cuidados necessários e àqueles que o cuidado passa a ser mais do que paternal, fazendo com que a perda da autonomia aconteça por completo. Este último é o caso da Áurea, segundo seus relatos. Contudo, ela sempre procurou deixar clara a compreensão de que seu marido não entendia a necessidade que ela tinha de ser sujeito de suas ações. Que, ao invés de esperar no carro enquanto ele fazia as compras, ela era capaz de descer, opinar e preparar alimentos em sua casa, por exemplo. Ele tinha medos normais, a quem desconhece as possibilidades dentro da cegueira. Medos de que se cortasse, se queimasse ou que ocorresse qualquer outro acidente doméstico com ela. Esta era a sua forma de zelar. Por isso, era tão simbólico e importante escolher uma simples couve e levar para casa naquele dia.

A *fotografia*, que reflete Áurea em contato com legumes, em evidência, foi um pedido dela, para que pudesse mostrar ao marido o que comprou.

Por vezes, o excesso de zelo acaba tirando do sujeito sua capacidade de reabilitar-se nas funções do cotidiano, um dos principais objetivos do trabalho com os cegos. Goffman (1988, p. 18) fala em *aceitação*, como um dos primeiros passos para se construir a relação entre a família e o indivíduo com uma deficiência, evitando assim, que ele seja estigmatizado.

Ainda nos diz:

A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias. Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que tem probabilidades de serem neles encontradas. As rotinas de relação social em ambientes estabelecidos nos permitem um relacionamento com outras pessoas previstas sem atenção ou reflexão particular. Então, quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos nos permitem prever a sua categoria e seus atributos, a sua identidade social. (GOFFMAN, 1988, p. 11).

Livre de qualquer julgamento, a aprendizagem daquele dia girou em torno de uma pessoa que conseguiu (mesmo passado muitos anos do início da deficiência visual) mostrar a

sua família o quanto ainda queria e era capaz de ter autonomia em diversas áreas da sua esfera social. Ensinou a todos ali presentes o quanto nunca é tarde para buscar algo novo para melhorar sua condição de vida. Assim, fez com que muitos presentes também passassem a olhar para estas situações de uma maneira diferente, ao procurar demonstrar para os seus familiares às possibilidades na cegueira.

Naquela quinta-feira ensolarada, outras tantas compras foram realizadas. Voltamos carregados de sacolas e de aprendizagens. Ao retornar ao espaço da escola e colocar as compras sobre a mesa – devidamente identificadas – fiquei refletindo o quanto algo tão comum aos seres visuais pode ter tamanho significado na vida de quem é impossibilitado de ver. Ou seria o enxergar a grande limitação de muitos? Inclusive minha...

4º Momento – Praça Xavier Ferreira por todos nós...



Imagem autorizada: arquivo da pesquisadora.

“Por entre fotos e nomes
Os olhos cheios de cores
O peito cheio de amores vãos
Eu vou
Por que não, por que não” – Caetano Veloso¹⁹

Conforme dito ao apresentar os lugares nos quais desenvolvi a pesquisa, a Praça Xavier Ferreira foi um dos que visitamos mais de uma vez e a mesma sempre ofereceu uma diversidade de situações e de experiências – especialmente sensoriais – a cada novo passeio.

¹⁹ Alegria, Alegria – Caetano Veloso.

Desta forma, resolvi que a análise não teria um único sujeito como personagem principal, mas sim, o grupo todo, tendo este espaço da cidade como protagonista.

A *fotografia*, de sujeitos sob um lilás tapete, que abre esta seção, apresenta um destes momentos permeados por aprendizagens sensoriais.

Caminhávamos ao redor da mesma, por dentro dos seus caminhos que tem o chão de areia e ao redor de árvores das mais diversas espécies, quando o grupo parou por um instante para ouvir o que alguns deles haviam percebido. Algo diferente naquele espaço no qual já havíamos pisado. Então, fiquei mais uma vez como expectadora até que uma integrante disse:

“Acho que é um tapete de flores e são naturais”. Outra completou: “É o ipê roxo, tenho certeza! Esta Praça sempre foi repleta deles e nesta época costumam cair e formar um tapete por aqui... Quem sabe se caminharíamos em silêncio, só sentindo?” (Veridiana, 34 anos e Nedy, 80 anos)

E, foi o que o grupo fez, por cerca de trinta minutos. Caminhamos e o único som, fora do ambiente da Praça era o bater de bengalas que soava quase como um compasso. Naquele momento, caminhando sobre um tapete de flores, questionei-me em silêncio sobre quantas pessoas passam por ali e não percebem este *detalhe*? Eu era uma delas.

Warren (1994) defende que não há uma compensação dos outros sentidos após a perda da visão, mas há sim, um uso diferenciado dado pelo sujeito cego. O mesmo passa a perceber o ambiente de formas diferentes devido a sua necessidade, não que um sentido complete a inexistência do outro. Segundo depoimentos de um dos sujeitos desta pesquisa, é exatamente isto que ocorre, como nos diz Roderlei Rodrigues:

Eu passei a ter que usar melhor meus ouvidos, meu olfato e meu tato para sobreviver, digamos assim. Não que eles tenham criado poderes biônicos. Mas, é uma questão de sobrevivência e melhor aproveitamento das situações. (55 anos).

Ainda de acordo com Warren (1994), é comum percebermos que crianças cegas congênitas desenvolvem-se mais facilmente em situações que exijam os outros sentidos, como a música, por exemplo, mas isso se dá pelo uso feito e não como *compensação sensorial*.

A Praça em questão é um lugar no qual os sujeitos sempre puderam fazer valer-se do uso dos demais sentidos, aproveitá-la com uma capacidade que sujeitos visuais muitas vezes não o fazem. É localizada em um espaço no qual os barulhos do cotidiano urbano se confundem com a natureza ali presente, porém, não são uma adversidade, ela funciona como

um retiro dentro da cidade. Ao seu redor e interior, é comum vermos lojistas almoçando, pessoas sentadas conversando, pedestres passeando, um verdadeiro refúgio.

Como aqui não trago um sujeito como ator principal, atrevo-me a encerrar esta breve análise com mais uma fotografia feita na Praça Xavier, em outro dia, com o intuito de mostrar que fossem feitas quantas inserções quiséssemos, este espaço da cidade do Rio Grande, sempre é palco de novas descobertas, como o tronco de árvore cortado em formato de cadeira e experimentado por todos.



Imagem autorizada: arquivo da pesquisadora – Aurora Renée e a professora pesquisadora.

5º Momento – Lojas por Nelci



Imagem autorizada: arquivo da pesquisadora.

“E a cidade se apresenta centro das ambições,
Para mendigos ou ricos, e outras armações.

Coletivos, automóveis, motos e metrô,
Trabalhadores, patrões, policiais, camelôs”. Chico Science e Nação Zumbi²⁰

A ideia de visitar lojas do comércio local surgiu após ter ouvido uma conversa do grupo enquanto nos preparávamos para mais uma saída, ainda na sala de aula. Nelci Porto (79 anos) há muitos anos aluno da instituição, comentou com os demais que havia passado vergonha no calçadão da cidade²¹, comentou isso aos risos. Em meio às conversas, relatou que saiu com sua irmã (que não é deficiente visual) à procura da *Livraria do Globo*. Diz que andavam por vários minutos, quando perguntou a sua companhia se já não tinham passado pelo estabelecimento e a mesma respondeu que haviam andado e não tinha encontrado. Foi então que decidiram perguntar a uma pessoa, que respondeu que a mesma havia fechado há mais de 15 anos.

Neste momento, o grupo começou a conversar sobre o quanto a cidade se modifica, não só em sua estrutura de trânsito, por exemplo, mas também quanto ao comércio, aos pontos turísticos e empreendimentos que surgem e que os cegos passam a não fazer parte disso se ninguém os apresenta. Iniciei assim, um processo de reflexão acerca de que vários pontos do comércio de Rio Grande passaram por modificações após a perda da visão dos mesmos. Resolvi então pesquisar os lugares mais antigos, aqueles que faziam parte do cenário do município e que hoje eram ocupados por outras lojas.

Por decisão após votação do grupo, optamos por ir conhecer o espaço das lojas *Deltasul*, onde antigamente abrigava o prédio do *F.A. Nader*, uma loja que ocupava uma quadra inteira, tendo saída por duas ruas e na qual se encontrava o que fosse preciso para construção e mobiliário de uma casa. A surpresa dos sujeitos de pesquisa se deu pela força histórica desta antiga loja, uma vez que está inserida na cidade há muitos anos e tendo sido passada de geração em geração entre os parentes do libanês Abdo Nader, seu fundador.

A notícia de que o prédio hoje abrigava outro estabelecimento, trouxe ao grupo uma sensação de *nostalgia*, como bem definiu Nelci. O que me levou a refletir sobre o fato de que algumas pessoas parecem não fazer parte da coletividade e do cotidiano em várias esferas, como se fossem invisíveis. Neste caso, para seus pares, familiares e até para mim, professora que passei a enxergar isso durante o processo de pesquisa.

²⁰ A cidade – Chico Science e Nação Zumbi.

²¹ Nelci mora na zona rural da cidade de Rio Grande, RS. Tem pouco contato com a região central, embora se locomova sozinho.

A *fotografia*, de sujeitos focados no Calçadão, representados nesta imagem, se deu pelo fato de que ficamos parados em frente à loja por alguns minutos – suficientes para uma gama de vendedores virem à porta – enquanto explicava a diferenciação entre o que havia sido o *FA Nader* e o que se tornou hoje a *Loja Deltasul*.

Nesta perspectiva, dialogo com Freire:

[...] há uma estreita relação entre sujeito individual e coletivo: A educação, portanto, implica uma busca realizada por um sujeito que é o homem. O homem deve ser o sujeito de sua própria educação. Não pode ser o objeto dela. Por isso, ninguém educa ninguém. Por outro lado, a busca deve ser algo e deve traduzir-se em ser mais: é uma busca permanente de ‘si mesmo’ (eu não posso pretender que meu filho seja mais em minha busca e não na dele). Sem dúvida, ninguém pode buscar na exclusividade, individualmente (2008, p. 28).

Embora discutamos a coletividade das ações que envolveram esta pesquisa, sempre pensando na inserção e na aprendizagem dos sujeitos cegos enquanto um grupo pertencente a uma instituição, por vezes, analiso o sujeito também em sua individualidade. Dentro das suas necessidades e das suas percepções acerca de como acontecem às modificações na cidade, a qual a compreensão é, sim, própria dele, porém, se modifica sem que este perceba ou tome participação nisto.

Em diversos momentos na coleta da empiria, nos deparamos com tais questionamentos. A variedade de pensamento e posicionamento acerca disso é distinta para cada indivíduo pertencente ao grupo. No entanto, foi unanime o pensamento de que eles – pessoas cegas – formam uma minoria esquecida socialmente. Nem sequer aqui falamos em políticas públicas, visto que há um pequeno movimento neste sentido. O que aqui queremos dizer com *esquecida*, refere-se ao fato de que por parte dos seus pares – familiares em geral – não há a percepção de que é preciso descrever e rerepresentar os espaços da cidade.

Tal pensamento estimulou muitas discussões, entre elas a de que os familiares não possuem o mesmo preparo que eu, professora pesquisadora, inserida neste olhar. No entanto, Carlos Fonseca (62 anos) utilizou a seguinte expressão: “*Professora... Tens menos tempo de convívio conosco do que temos de cegueira. Desta forma, passou da hora de que se tenham estas noções*”. É passível de debate, de análise, o conhecimento sobre o tema parece fundamental... Contudo, tornar o cego capaz de compreender que pode passar este ensinamento aos seus, de que pode inserir-se onde e como quiser, já faz com que a pesquisa tenha valido a pena enquanto objeto de mudança pessoal de cada um.

6º Momento – Shopping Praça Rio Grande por Aurora Renée



Imagem autorizada: arquivo da pesquisadora.

“A minha memória reprisa você
 Tal qual uma tela
 Sou a chama da vela
 Que quase se apaga com o sopro do ar” Mato Grosso e Mathias²²

Aurora Renée (82 anos) será figura recorrente em diversos andares pela cidade. A mais idosa entre o grupo, com maior dificuldade de mobilidade e quase que totalmente privada da audição, nossa uruguaia é um vivenciar puro. Capaz de compreender as relações estéticas presentes em cada saída e de experimentar os locais em sua integralidade. Amante das artes, da boa música e do bom licor, Renée está cega há muitos anos e foi professora da *Escola José Alvares* no mesmo atendimento que sou: o AVAS. Para ela, esta pesquisa foi um rememorar de suas ações e de suas práticas pedagógicas, reconhecendo o objetivo da mesma como fundamental para o ressignificar do sentido de aprender.

A saída ao *Shopping Praça Rio Grande* teve uma característica diferente para os sujeitos – o de não poder contar com a memória visual. Em todos os outros espaços visitados, sempre havia alguma lembrança de como aquele lugar fora outrora. Porém, o Shopping foi construído em 2014 e, assim, nenhum dos participantes pôde contar com a comparação do já ter visto com o como o mesmo se apresenta. Poucos eram aqueles que, assim como Renée já tinham visitado diversos shoppings ao longo de sua vida.

Desta forma, minha primeira preocupação foi descrever o mesmo, contando em detalhes possíveis como foi que originou a decoração com motivos portuários. Desde sua entrada principal com colunas que imitam os estaleiros que vêm sendo construídos no Porto de Rio Grande, até a secundária com um farol iluminado. Ainda, sobre o espaço interno, no

²² Memória – Mato Grosso e Mathias.

qual contamos com a parte superior das lojas com janelas que imitam as de um navio. Renée ouvia a tudo em silêncio, esforçando-se para que seu resquício de audição colaborasse com a compreensão do que estava sendo dito. Em um determinado momento me interrompeu e disse:

Que lindo, tchê! Mas, que bela surpresa, que respeito à cultura de um povo, nunca estive em lugar sequer semelhante. (Aurora Renée, 82 anos).

A **fotografia**, nessa *experiência surpresa*, destaca o semblante feliz de Renée, ao conhecer o novo.

Então, Renée começou a narrar aos demais como eram os shoppings que já havia visitado em diversas cidades do Brasil e do Uruguai, sempre enaltecendo o fato de que, embora, ali no *Praça Rio Grande* o principal objetivo fosse o comércio, fazer esta ligação com as características marcantes da cidade, demonstrava uma preocupação com o belo, com a cultura local, com o pertencimento que os cidadãos teriam ao entrar. Sentamo-nos na praça de alimentação e ouvimos suas histórias por diversos minutos. Ao final, Renée comentou comigo que naquele dia sentiu-se professora novamente, contribuindo para a aprendizagem dos outros de alguma forma e que ainda tinha muito potencial para isto.

Mosquera e Stobaus relatam:

Frequentemente nos custa muito parar para ouvir os outros, estamos muito mais preocupados em que nos ouçam, porém pouco dispostos a ouvir. O ouvir os outros e aprender a vê-los como são realmente é fundamental para as relações interpessoais, em especial para os professores, que devem de estar muito atentos e poder, assim, agir melhor na realidade. (2004, p. 97).

Este movimento de escuta, do parar, olhar e compreender a necessidade do outro em falar e em ser ouvido, foi frequente em nossos encontros nos espaços de Rio Grande, ou seja, um exercício de alteridade. E a principal referência que se tira disso, diz respeito ao fazer com que o sujeito sinta-se à vontade em falar, justamente, para que se compreenda como produtor de um conhecimento capaz de contribuir com algo para alguém. Freire (1996, p. 104) nos diz que: “A autoridade docente mandonista, rígida, não conta com nenhuma criatividade do educando. Não faz parte de sua forma de ser, esperar, sequer, que o educando revele o gosto de aventurar-se.” Esta pesquisa, não possibilitou somente aos sujeitos cegos ressignificarem suas aprendizagens ou perceberem outras formas de aprendizagem, mas, principalmente, trouxe à minha porção professora pesquisadora, este olhar de conferir ainda maior importância à criatividade, conforme nos disse acima Freire.

Ainda quanto ao espaço *Shopping Praça Rio Grande*, tivemos o prazer de apreciar uma exposição de fotografias que estava ocorrendo no supermercado que fica nas dependências do mesmo. O olhar dos passantes era de extrema curiosidade ao se deparar com cegos e uma professora frente a obras de arte tão visuais. As fotografias eram de momentos registrados por uma fotógrafa riograndina em seus passeios de bicicleta pela *Praia do Cassino* – balneário da nossa cidade. Neste momento, os participantes tinham memórias do que já tinham vivenciado na praia e, por isso, descrever as imagens não foi um trabalho difícil. Porém, um novo momento de troca de saberes foi percebido, quando um passava a explicação dada por mim ao outro de uma forma que “cego entenda”, segundo palavras de Amarildo. Naquele momento, assim como em outros tantos, fui dando espaço para que eu mesma aprendesse e ressignificasse minha forma de compreender como eles pensavam.

7º Momento – *Livraria Vanguarda* por Vera Regina



Imagem autorizada: arquivo da pesquisadora.

“Tropeçavas nos astros desastrada
 Quase não tínhamos livros em casa
 E a cidade não tinha livreria
 Mas os livros que em nossa vida entraram
 São como a radiação de um corpo negro
 Apontando pra a expansão do Universo”. Caetano Veloso²³

Antes de nossa saída até o espaço da *Livraria Vanguarda*, fizemos uma breve inserção na biblioteca da *Escola José Alvares*. Neste momento, apresentei diversos exemplares ali presentes, desde livros em Braille, audiolivros, filmes com audiodescrição e para baixa visão.

²³ Livros – Caetano Veloso

Dos participantes da pesquisa, apenas um lê o Braille e mesmo assim, com dificuldades. Aproveito assim para desmistificar, mais uma vez, o fato de que todo o cego faz uso do Sistema, e que é bem ao contrário, visto que determinadas doenças causadoras da cegueira contribuem para a perda da sensibilidade dos dedos, dificultando à leitura.

Naquele dia, já começamos a criar um significado para a saída que fizemos, pois, dado o fato de não usarem o Sistema Braille, muitos dos alunos da escola acabavam por não utilizar o espaço da biblioteca. Já ali, muitos saíram com audiolivros e filmes para levar para suas residências. Por si só, já teria atingido um excelente objetivo, o de apresentar mais uma possibilidade a eles. Contudo, ao rumarmos para a *Vanguarda*, muitas surpresas positivas foram aparecendo.

A personagem principal escolhida para este momento – Vera Regina de Souza (65 anos) – tinha naqueles momentos de saída a característica de apresentar-se ao encontro na escola extremamente bem arrumada. Maquiagem, roupa, cuidadosamente, escolhida, perfume marcante e uma gargalhada peculiar fazem dela um destaque. Ao entrarmos na livraria, iniciamos desmistificando a premissa que todos tinham de que era um espaço de aquisição de materiais escolares e livros didáticos, mais uma vez, associada à imagem da *Livraria do Globo* (presente no 5º Momento), que antigamente vendia este tipo de material e chamavam por livraria. Houve um encantamento geral com o fato de ser um espaço que possui uma cafeteria própria e títulos dos mais variados.

Fomos então, primeiro ao espaço da cafeteria, no qual eu quis apresentar a eles o *café tricolor*, um dos diversos contidos no cardápio. Porém, a Vera ficou desconfiada com os sabores que apresentei que misturavam leite condensado com café e não quis degustar. Chamou a atendente e pediu que lesse cuidadosamente cada item do cardápio. Ali, por si só, já tinha atingido uma autonomia que daria a ela o papel principal desta saída. Todos escolheram os seus, tomamos, comemos pães de queijo.

A moça da sessão infantil nos chamou para nos apresentar alguns exemplares interessantes e diferenciados, neste momento, começamos, eu e a atendente, a demonstrar diversos livros infantis diferentes. Livros de banho, com fantoches, com sons, com luzes, que se desdobravam em castelos, e assim, uma infinidade de coisas. Então, Vera pediu que eu verificasse o preço de alguns exemplares e me disse que levaria para casa. Embora com a curiosidade de pesquisadora aguçada, não quis invadir sua privacidade e perguntar qual a finalidade, uma vez que outros sujeitos tinham adquirido exemplares e cada um relatado para

quem daria. Após realizar o pagamento no caixa, me chamou e disse: “*Não vou dar aos meus netos... Vou contar as histórias a eles*”. Obviamente perguntei como faria isso e a resposta valeu aquela manhã quente de primavera:

Olha este livro, professora... Mas, olha com os meus olhos (pegou minhas mãos). Eu posso criar a história e fazer muitas outras a cada vez que despertar a curiosidade dos meus netos. Não é isso que se espera de uma avó? (Vera Regina, 65 anos).

Vera soltou sua famosa gargalhada, pegou meu braço, sua sacola e fomos embora.

A **fotografia** capturou o exercício de autonomia, momento em que Vera conheceu e selecionou o livro que adquiriu.

Mas, que significado teria nisso? Trago então, o pensamento de Freire (2008, p. 13) que diz: “(...) a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Esta leitura de mundo, naquele momento foi compreendida por Vera, que mesmo após a perda da visão e da sensibilidade tátil oriunda de um diabetes, percebeu sua capacidade em *ler* através da sua vivência e experiência de mundo. Pedi a ela autorização para relatar isso aos colegas e ela permitiu. Pude ver ao fundo da van, no retorno à escola, Carlos manuseando com cuidado o livro que havia comprado para presentear o neto e talvez – não quis invadir aquele momento – procurando formas de *ler* sem o Braille.

8º Momento – CEAMECIM por todos nós...



Imagem autorizada: arquivo da pesquisadora.

“Pelos ruas da cidade, pessoas andam no vai e vem
 Não vêem o cair da tarde, dando os seus passos como um refém
 De uma vida sem saída, vida sem vida, mal ou bem
 Pelos bancos desses parques ninguém se toca sem perceber

Que onde o sol se esconde o horizonte tenta dizer
Que há sempre um novo dia, a cada dia um novo em cada ser” - Padre Fábio de Melo²⁴

A visita ao CEAMECIM iniciou bem diferente das demais. Sem nenhuma combinação prévia, e sem sequer haver alguma manifestação dos sujeitos de pesquisa quanto à curiosidade em inserir-se naquele espaço. Cabe destacar que a ideia de inserção em alguns locais partiu de algum assunto anterior que culminasse nisso, história esta contada por algum deles. Estava em minha primeira disciplina do Mestrado, que ocorria nas dependências do CEAMECIM e me chamou atenção à montagem de uma estrutura de madeira, que parecia uma caixa branca gigante. Na aula da semana seguinte, mais detalhes compuseram aquilo e havia um título que dizia: “Uma viagem ao corpo humano”.

Então, procurei a responsável que me explicou que fazia parte da sua tese de doutorado e que tinha sido criada pensando em estudantes da rede regular. Pedi então, que marcasse um horário para que eu fosse fazer a visitação com os meus alunos. A surpresa dela foi imensa quando expliquei que eram cegos e adultos. Esta surpresa, no entanto, não foi negativa, ao contrário, fiz com que ela percebesse que havia sim a possibilidade daquele espaço ser acessível a um cego e a mesma topou. Preparou-se como em poucos lugares eu vi alguém movimentar-se para receber o grupo e, assim, avisei aos sujeitos que faríamos uma viagem ao corpo humano. Por mais que tenham feito questionamentos a respeito, nem de perto se aproximaram da compreensão do que aconteceria ali.

Chegamos à FURG em uma manhã muito gelada, com a exposição inteiramente disponível a nós. Iniciou com a explicação da pesquisadora, a qual teve o cuidado de demonstrar cada detalhe do que ali se apresentava. A entrada para a viagem era a boca e dali em diante, tudo extremamente tátil e de fácil descrição, estava ao acesso dos cegos. Ao fundo, o som de um coração batendo o que dava total magia àquela situação. As demonstrações de interesse e compreensão por parte dos sujeitos de pesquisa, fez com que ficássemos mais de duas horas desfrutando daquela *viagem*, que mostrou a mim e a pesquisadora que havia organizado o trabalho que tudo tem possibilidade de adaptação.

²⁴ Vida – Padre Fábio de Melo.



Imagem autorizada: arquivo da pesquisadora.

As *duas fotografias* revelam a incursão pela universidade. A primeira retrata o grupo que participou da experiência, o qual fez questão de registrar aquele momento, visando mostrar aos colegas que faltaram, a manhã proveitosa que haviam tido. Já a segunda, mostra Renée e seu encantamento ao tocar em uma das réplicas dos órgãos do corpo humano.

As aprendizagens geradas pela coletividade das ações que foram desenvolvidas são notáveis em todos os espaços visitados. Sejam aqueles que aparentemente tinham total acessibilidade à pessoa cega ou àqueles que sequer pareciam ser possíveis. Ou seja:

Podemos dizer que cada homem aprende a ser um homem. O que a natureza lhe dá quando nasce não lhe basta para viver em sociedade. É-lhe preciso ainda entrar em relação com os fenômenos do mundo circundante, através de outros homens, isto é, num processo de comunicação com eles. (LEONTIEV, 1978, p.267).

Esta relação de aprendizagem entre a cidade e as relações com o outro, se evidenciaram a cada encontro do grupo, fosse pelas lembranças de uma visita que já ocorrera ou pelas expectativas para a próxima inserção.

Nossa *Viagem ao Corpo Humano* trouxe um movimento diferente para dentro da *Escola José Alvares*, fazendo com que os que participaram da visita despertassem a curiosidade nos demais alunos da escola que não fizeram parte da pesquisa. Esta divisão do conhecimento obtido causou uma motivação nas demais professoras para que também levassem seus grupos. Desta forma, muitos outros alunos da instituição tiveram acesso ao passeio realizado por nós anteriormente.

Após algumas semanas da visita ter ocorrido, fui procurada por João Paulo que disse:

Sabe aquilo que a senhora fala de que nós somos (fez uma pausa para lembrar)... Produtores de conhecimento? Me senti assim quando soube que a professora Denise levou as meninas do grupo de dança no corpo humano... Fui eu quem fiz a propaganda e expliquei que era possível. (68 anos).

João Paulo, naquele instante, fez uma perfeita relação com “(...) os fenômenos do mundo circundante (...)” (LEONTIEV, 1978, p. 267). Compreendeu-se como sujeito das ações desenvolvidas – evidenciando a escolha correta da metodologia de pesquisa Investigação-Ação e sua característica *cíclica*. E, mais importante do que isto, ressignificou sua aprendizagem através do compartilhar isto com os demais, com seus pares cegos e, com sua família, como também contou-nos.

Essa visita nos trouxe uma aproximação com as famílias dos sujeitos, pois a grande maioria que jamais tivera o interesse em conhecer as fotografias tiradas em nossas saídas começou a me procurar e a solicitar cópias das mesmas. A curiosidade gerada trouxe uma aproximação dos familiares com o cego. Segundo relato de Áurea, seu filho e marido começaram a fazer-lhe muitas perguntas a cada retornar ao lar nas quintas-feiras, sempre interessados em saber qual a potencialidade que havia sido descoberta após aquele momento. Para quem vivencia o cotidiano de uma pessoa cega, da forma que vivencio não somente como pesquisadora, mas principalmente como professora que sou, sabe o quanto é complexa a aproximação das famílias, especialmente em se tratando de familiares de adultos cegos. Há um misticismo de que a escola é um local triste e que ali somente o Braille e outras poucas coisas são vivenciadas, quando, na verdade, buscamos investir sempre na reabilitação destas pessoas em sua integralidade.

9º Momento – Exposição de Fotografias por Hidireno



Imagem autorizada: arquivo da pesquisadora.

“O que vai ficar na fotografia
São os laços invisíveis que havia
As cores, figuras, motivos
O sol passando sobre os amigos
Histórias, bebidas, sorrisos” – Leoni²⁵

Embora já tenha iniciado uma análise ao falar de uma de nossas visitas ao *Praça Shopping Rio Grande* e utilizado uma imagem dos sujeitos de pesquisa frente à exposição de fotografias da *Praia do Cassino*, resolvi reforçar os acontecimentos e os dados oportunizados por esta saída. O estranhamento social ao deparar-se com cegos e uma pessoa vidente narrando fotografias ou pinturas, foi algo muito presente em diversos momentos da coleta de dados.

No entanto, meu principal enfoque deu-se em perceber o como os cegos ressignificavam suas aprendizagens a partir da interlocução com o outro na relação com/na cidade. E, neste dia, em especial, notei que um sujeito merecia o destaque da análise, trata-se de Hidireno Santos (63 anos). O mesmo é de poucas palavras e contribuições quando estamos em grupo discutindo alguma situação, especialmente se gira em torno dos acontecimentos de uma saída. Suas preferências sempre recaem em torno de ir a locais que pudesse conhecer a gastronomia. Então, quando começamos propriamente a descrição das fotos sobre a *Praia do Cassino*, logo me preocupei se ele estava sendo contemplado com tal atividade, pois não demonstrava nenhuma expressão a este respeito.

Então, após, cuidadosamente, narrar foto por foto, pois, Renée e Iramar estavam interessadíssimas em compreender e rememorar o *Cassino*, decidi perguntar se gostariam de fazer um lanche na praça de alimentação do shopping ou se tinham interesse em que eu lhes apresentasse aos quadros antigos que circundavam todo o entorno do saguão do supermercado do shopping. Expliquei que os mesmos eram de pontos turísticos de Rio Grande, porém, traçados em marrom, apenas como se fossem panos de fundo do quadro e que todos eram da época da construção da cidade. Neste momento, para minha surpresa (e como é interessante quando temos gratas surpresas depois de diversos momentos de convívio com determinadas pessoas), Hidireno sobressaiu sua voz aos demais que decidiam o que fazer e disse:

Com todo respeito, eu exijo ver as fotos, comemos depois, se der tempo.
(Hidireno, 63 anos).

²⁵ Fotografias – Leoni.

Então, passamos cuidadosamente por cada um dos quadros, os quais tentei descrever com riqueza de detalhes. Como se tratavam de espaços muito conhecidos pela população riograndina e que já fazem parte da história da cidade, todos ali envolvidos já haviam tido contato e, por isso, tiveram como utilizar de sua memória visual para aproximar-se da minha descrição. Para surpresa do grupo, Hidireno começou a narrar diversos acontecimentos interessantes daqueles locais e foi aí que ficamos sabendo que seu interesse pela gastronomia ocorria porque havia sido cozinheiro em um dos principais hotéis da cidade, o *Paris*, lugar este que faz parte da memória viva desta cidade. Sua construção data de 1826 e foi palco de festas da *alta sociedade* riograndina. Atualmente, além de ainda ser utilizado como espaço de hospedagem, ainda é cenário de fotografias de casamento, já que possui escadarias em mármore, mobiliário da época e um jardim de inverno com chafariz.

A *fotografia* capturou cegos que admiravam fotografias com a ponta dos dedos. A escolha ocorreu por conta do momento em que os cegos ficaram impressionados com o tamanho dos quadros. Os mesmos fizeram questão de tatear de uma ponta à outra.

Hidireno é daqueles sujeitos que é muito difícil compreender sobre o que está pensando, como está aproveitando alguma coisa que é apresentada. Sorriso sempre fácil, porém, como relatado, de poucas palavras. Desta forma, em muitas inserções, acreditei – erroneamente – que não tinha atingido com ele o objetivo de ressignificar as interlocuções com o outro. Está aí, um engano grande que cometi enquanto pesquisadora e, sobretudo, professora, pois, conforme afirma Freire (1996, p. 24) “aprender precedeu ensinar, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender”.

Não é incomum, em nossa prática docente, sermos surpreendidos por sujeitos que aparentemente não acompanham o que está sendo apresentado e, no entanto, nos surpreendem com algo que eles mesmos podem nos ensinar. Este talvez tenha sido uma das maiores aprendizagens que tive nesta saída. Para além da inserção no espaço da cidade do Rio Grande, para além da interlocução silenciosa com o outro. Aprender precisa ser de forma significativa e, não necessariamente necessita de palavras, expressões e manifestações. Teria sido à toa que o personagem deste momento nunca tenha faltado a nenhum dia de coleta de dados?

10º Momento – Acervo de Pertences de Bento Gonçalves por Carlos



Imagem autorizada: arquivo da pesquisadora.

“Quem quiser saber quem sou
Olha para o céu azul
E grita junto comigo
Viva o Rio Grande do Sul” – Teixeira²⁶

Esta saída foi carregada de sentidos e o personagem principal dela – Carlos Fonseca (62 anos) – expressou isso. Ao contrário dos demais sujeitos, ele não participa da maioria das inserções pela cidade. Solicitava sempre que fosse avisado cada vez que fizéssemos uma que girasse em torno de algum acontecimento histórico ou situações culturais. Desta forma, juntou-se ao grupo para a *Exposição de Pertences de Bento Gonçalves* que estava acontecendo no *Salão Nobre* do prédio da *Prefeitura do Rio Grande*.

Como na maioria dos lugares, o estranhamento dos responsáveis pela exposição surgiu logo com a nossa entrada. Como de praxe, seguimos pelas cúpulas de vidro que abrigavam os pertences e eu ia narrando e detalhando cada coisa que por ali estava. É conhecido pelos frequentadores de museus o fato de não se poder manusear as peças, a fim de se evitar sua degradação. Por isso, sequer questionamos o fato de tudo estar envolto por vidros.

Seguindo com o ritmo normal da atividade, percebi que Carlos havia ficado para trás e conversava com um rapaz desconhecido. Como é ex-bancário e, por isso, conhece muitas pessoas, não dei importância para quem fosse e nem o que estavam falando, até para não

²⁶ Querência Amada – Teixeira.

invadir sua privacidade. De repente, o próprio Carlos me chama e apresenta-me ao tataraneto de Bento Gonçalves e dono da exposição. O rapaz disse ter ficado sensibilizado ao ouvir-lhe contar que existia um projeto em nossa cidade, encabeçado pela *Associação de Deficientes Visuais de Rio Grande* – ADEVIRG (que fica nas dependências da *Escola José Alvares*) sobre acessibilidade nos museus.

A *fotografia* capturou o sujeito apropriando-se do artefato histórico. Carlos ficou bastante emocionado ao tocar nos pertences da Mostra, dizendo, inclusive, que se não fosse cego, não teria este privilégio.

Carlos contou que em diversos locais existe, ao menos, uma audiodescrição de cada peça exposta e que isso o interessa, e, que também, facilita muito com que o cego possa ser inserido ao contexto cultural local. Então, o rapaz sensibilizou-se e abriu algumas das cúpulas de vidro e permitiu, pela primeira vez, que alguém manuseasse as peças expostas. Foram momentos muito significativos e que deram um maior sentido a tudo o que é trabalhado sobre Bento Gonçalves nas escolas. Vivenciar o real foi muito importante para os cegos. “A visão que o cego tem do mundo é de uma riqueza única, incomparável e deve passar a ser vista como uma apreensão integral da realidade, não uma carência de visão, não uma castração de um órgão, mas a existência suficiente de um ser humano completo” (MONTE ALEGRE, 2003, p. 12).

Atrevo-me a refletir sobre a expressão *ser humano completo*. Penso que, talvez, não consiga atingir esta completude. Seria isso negativo? Penso que não! O ser/estar incompleto é que nos leva a questionar e, a partir, da dúvida é que surge a necessidade da busca por respostas. Talvez, esta resposta tenha sido alcançada pelo dono da exposição ao abrir seus pertences à visão do cego. Quando formos *completos*, talvez não tenhamos mais esta necessidade de buscar algo novo e assim, valeria a pena? As aprendizagens são tecidas justamente pela incompletude dos seres humanos.

Para tanto, uma análise dos dados apresentados tendo como metodologia a autobiografia, segundo Abrahão (2004) faz com que o sujeito envolto na pesquisa, se revele para os demais, demonstre os significados presentes nas coisas e nas situações. Não somente tenho a presença disso neste momento, como em todos os que aqui me proponho a apresentar.

Permito-me tentar interpretar, através de cada dado analisado, as ações envolvidas. Com o devido cuidado e ética de pesquisador, mas sendo impossível deixar de lado minhas sensações a cada novo conhecimento e avanço percebidos, enquanto grupo social que somos.

Talvez porque os acompanhe desde iniciada à minha jornada na *Escola José Alvares*, em 2010, ou talvez, por ter enxergado possibilidades de aprendizagens na cidade do Rio Grande, ou, ainda, talvez porque minha incompletude me leve às dúvidas e ao desejo de compartilhar.

11º Momento – *Escola Viva* por Veridiana



Imagem autorizada: arquivo da pesquisadora.

“As grades do condomínio são pra trazer proteção. Mas, também tiram a vida de você que está nesta prisão” – O Rappa²⁷

A visita à *Escola Viva* que antigamente abrigava o presídio municipal teve como intuito tornar de conhecimento do grupo a mudança radical que aconteceu no local. Quando a maioria dos sujeitos enxergava, ali ainda existia o popularmente chamado *cadeião*. Como a rua é bastante central no município, era muito comum que o ir e vir dos cidadãos cruzasse com a cadeia e muitas das lembranças derivaram desse convívio.

Ao chegarmos à frente do prédio, fiz uma breve explanação do que a cadeia tinha se tornado, já que hoje abriga uma escola especializada no atendimento às pessoas com diversas deficiências, não sob a forma do ensino tradicional, mas através de oficinas distintas. Muito facilmente começaram as memórias sobre o lugar... A maioria delas, ligadas ao passar pela calçada e sentir o cheiro ruim que vinha do local ou de ter um contato quase que direto com os detentos que ficavam amontoados nas janelas pedindo dinheiro e cigarro a quem passasse.

A visitação ocorria normalmente, participávamos de algumas oficinas – capoeira e coral – quando uma integrante do grupo se aproximou de mim e começou a contar que frequentou muito o lugar quando seu pai esteve preso. A surpresa foi grande, pois era uma

²⁷ Pescador de Ilusões – O Rappa.

parte da memória dela que nenhum dos presentes conhecia. Veridiana Oliveira (34 anos, a mais nova do grupo) nasceu com catarata congênita e conseqüente visão subnormal, foi perdendo aos poucos o sentido da visão, até ficar cega totalmente.

Em um determinado momento pediu à moça que nos conduzia na visita que a levasse até onde os presos tomavam banho de sol e contou que ali, durante as visitas, era o único lugar no qual ela se sentia bem, pois tinha a sensação de que o pai estava em liberdade. Ficamos por diversos minutos ouvindo as narrativas dela... Umas engraçadas, outras tristes, mas, todas carregadas de um sentimento de pertencimento que não imaginávamos sentir em alguém que vivenciou o cotidiano de uma penitenciária.

A *fotografia* evidenciou um instante de intensas memórias: Veridiana pediu para ser fotografada em frente ao prédio, junto a mim e à Renée, pois disse nunca ter pensado retornar àquele lugar e sentir-se tão confortável.

Mesmo privada da visão, pediu que eu desse a ela a localização parcial de onde estava e começou a apontar cada um dos cantos onde havia uma memória a ser relatada. O silêncio do grupo, que sempre havia sido um problema na hora em que o outro estivesse falando, pois sempre pareceu haver uma necessidade de contarem fatos todos ao mesmo tempo, naquela manhã foi produzido. A prática do ouvir o outro se tornou um hábito em todas as posteriores vezes nas quais nos encontramos.

Percebo aqui o quanto as histórias de vida se entrelaçam com os acontecimentos do cotidiano da pesquisa. E então, atrevo-me a refletir sobre quantas vezes a educação deixa de lado esta importante ferramenta de aprendizagem. Damásio (2000) nos fala sobre esta capacidade de perceber-se como sujeito capaz de narrar uma história, um acontecimento. Este que, faz parte de um *eu* produtor de história, mas que não se faz sozinha, visto que precisa do *outro* para que aconteça.

De certa forma, as histórias contadas pela Veridiana, personagem principal deste caminhar pela cidade, trouxe ao grupo uma movimentação interessante: o estabelecimento de confiança em compartilhar suas memórias e, sobretudo, perceber nelas um potencial de aprendizagem. Ouvir narrativas sobre outra forma de encarar um presídio, no sentido de que aquele lugar fazia parte da vida da colega, despertou nos demais a vontade de compartilhar coisas, afinal, a mistificação que cerca um lugar como este é da mais pura desgraça, algo que não se quer compartilhar. Porém, ao ouvir lembranças tão ricas de uma colega, ressignificou a forma de encarar a experiência.

Além do acontecimento que girou em torno da Veridiana, o local nos proporcionou uma nova forma de perceber a estética das relações. A estética do belo de um local que fora totalmente modificado e que agora abrigava muita vida e a estética relacionada ao objeto de inserção – *Escola Viva* – antigo presídio.

Vygotski destaca que:

Toda atividade humana que não se limite a reproduzir fatos ou impressões vividas, mas que crie novas imagens pertence a esta segunda função criadora ou combinadora. O cérebro não se limita a ser um órgão capaz de conservar ou reproduzir nossas experiências passadas, é também um órgão combinador, criador, capaz de reelaborar e criar com elementos de experiências passadas novas normas e possibilidades... É precisamente a atividade criadora do homem que faz dele um ser projetado para o futuro, um ser que contribui ao criar e modifica seu presente. (1998, p. 9).

O entendimento de Vygotski sintetiza o que buscamos em cada inserção pelos espaços que fazem parte da cidade de Rio Grande, pois pretendíamos que a capacidade de *criar e reelaborar* fossem uma constante durante e após as experimentações, para que cada um se compreendesse como produtor de conhecimento e colaborador na aprendizagem dos demais.

12º Momento – *Belas Artes* por Iramar



Imagem autorizada: arquivo da pesquisadora.

“Imagino o artista num anfiteatro
Onde o tempo é a grande estrela
Vejo o tempo obrar a sua arte
Tendo o mesmo artista como tela” – Chico Buarque²⁸

²⁸ Música e Arte – Chico Buarque.

A grande maioria das exposições de Arte é apenas possível de ser contemplada com a visão, desta forma, é algo negado ao sujeito que é privado deste sentido. A visita à *Escola de Belas Artes* foi carregada de gratas surpresas desde o começo. Conforme já narrado, o atual prédio que abriga a instituição era o antigo *Jockey Clube* da cidade. Muitos dos envolvidos na pesquisa frequentaram ou conheciam o mesmo quando em seu pleno funcionamento.

A Prefeitura Municipal teve o cuidado de manter a arquitetura original, assim, os espaços pelos quais circulamos ficam localizados abaixo do que outrora foram as arquibancadas e, em alguns pontos, é possível tocar nas mesmas. As janelas das salas de aula são as bilheterias e muitos móveis da época estão ainda no prédio, bem como esculturas e obras de arte que estão todas à disposição do tato dos deficientes visuais. O grupo, durante a visitação, ainda teve o prazer em escutar uma aula de piano.

Embora o foco principal da saída fosse tecer relações das memórias visuais e coletivas com o que hoje é a *Escola de Belas Artes*, ao entrarmos no local nos deparamos com uma exposição de quadros sobre pinturas de cavalos, feita por uma artista plástica de outra cidade, que estudou pintura em Rio Grande quando aqui morava. Obviamente que logo houve o interesse em apreciar as telas e é exatamente este movimento de repensar a prática da pesquisa que a Investigação-Ação tão bem proporciona. Fomos até os quadros e comecei a narrá-los descrevendo cada detalhe, sem permitir que tocassem, pois é algo que sabemos não ser bem aceito por quem expõe. Muitas perguntas sobre as cores, as formas e a posição de cada cavalo foram feitas e, por ali, permanecemos sobre o olhar atento da diretora do *Belas Artes*.

Repentinamente, meu olhar de pesquisadora foi avivado e se voltou para o que estava acontecendo na fotografia acima exposta. A Iramar estava com as duas mãos sobre a tela, no entanto, aos poucos, ela foi dizendo que estava sentindo como se tocasse na pelagem de um cavalo de verdade. Obviamente, causou a curiosidade de todo o grupo que, quis fazer o mesmo, e todos relataram a mesma sensação. Ou seja, meu olhar de pessoa dotada de todos os sentidos, não percebeu que, havia uma textura diferente em cada parte daquela tela e que era possível *ver* de outras formas. O que de início causou certo desconforto em mim e na diretora, além de me ressignificar e me ensinar a não limitar tanto o olhar, também fez a diretora repensar se seria tão impossível assim que cegos interagissem fisicamente com uma exposição de arte, isto dito por ela própria.

A *fotografia* repercute mãos que insistem em tocar telas. A escolha desta fotografia tem um simbolismo para além da pesquisa em minha trajetória profissional. A Iramar foi minha

primeira aluna em turma de Alfabetização Braille para adultos e lembro sempre de ficar observando suas mãos, tão grandes e torneadas, esforçando-se para realizar a leitura do Braille. Não sei o motivo, mas, as curvas das mãos dela prendiam a minha atenção.

Iramar Gurgel (57anos) é a mais nova do grupo quanto ao tempo de cegueira, contudo, é a que, aparentemente, melhor lida com esta situação. Veio do Ceará, acompanhando o marido que trabalhava no polo naval (atualmente, mora em São Paulo). Revelou uma natureza motivadora para o grupo e dona de uma das frases mais interessantes ditas em nossas conversas pós-saídas...

Ficar cego não é a pior coisa do mundo, meu povo, eu penso assim: não vou ver meus filhos envelhecerem, porque a última imagem que tenho deles é com a idade de vinte e poucos anos. (Iramar, 57 anos).

Sem dúvida, Iramar foi quem mais contribuiu com os demais no que tange a aceitação da deficiência. Este talvez tenha sido seu maior ensinamento no curto espaço de tempo que fez parte da Escola. O pensamento que passou aos demais dialoga com Lima:

Não estamos negando a existência da deficiência, mas estamos negando que uma pessoa com deficiência seja deficiente. Não estamos negando que uma deficiência fuja do padrão de normalidade atualmente aceito, mas estamos negando a possibilidade de que, por conta dessa normalidade, se exclua pessoas com deficiência da sociedade. Também não estamos negando a existência das diferenças, porém estamos refutando a existência de “deficiências” menores (2006, p.62).

Iramar é daqueles sujeitos que mesmo não detendo o conhecimento científico, passou aos colegas exatamente o que Lima (2006) nos diz acima, ou seja, não negar sua deficiência ou mascarar sua inexistência, mas sim, entendê-la como uma possibilidade que não exclua a pessoa do viver pleno em sociedade. Em diversos momentos, relatou que nossas saídas trouxeram um resgate de singelas possibilidades, como a de mostrar ao marido e aos filhos que ela poderia ir junto fazer compras quando fossem ao supermercado, e que ainda era capaz de exercer funções em sua casa, coisas muito simples e que provavelmente sejam pouco pensadas por videntes.

13º Momento – *Escola Buchholz* por Roderlei e Renée



Imagem autorizada: arquivo da pesquisadora.²⁹

“Um sorriso negro
Um abraço negro
Traz felicidade” – Fundo de Quintal³⁰

Após a visita na *Escola Viva*, o grupo despertou interesse em conhecer a realidade de outras instituições e, desta forma, surgiu nossa inserção na *E.M.E.F. Frederico Ernesto Buchholz*.

No ano de 2016, a exposição coordenada pela professora Marisa Rodrigues Farias completou 10 anos e tem tornado públicos diversos trabalhos realizados por alunos dos 5ºs anos ao longo deste tempo. É aberta à comunidade em geral e no dia que eu convidei os sujeitos de pesquisa para que fossemos lá, sempre explicando com o que teriam contato, dei a eles a opção entre a *Expo-Afro* e uma exposição egípcia que havia no *Shopping Partage*. Para minha surpresa, todos decidiram que preferiam conhecer o espaço da *Escola Buchholz* e o que lá estava exposto.

Ali, tivemos um diferencial: poder manusear os objetos. Não somente com autorização para isto, mas porque entre os objetivos da professora Marisa, está o da acessibilidade. Passamos, então, uma manhã inteira manuseando peças das mais variadas formas e aprendendo sobre suas origens, como por exemplo: orixás, máscaras africanas, objetos típicos, artefatos... A maioria dos objetos confeccionados pelos estudantes da *Buchholz* e, também, algumas peças de coleção da Professora Marisa. Dedicamos uma manhã inteira para passear por aquele espaço, a fim de que todos pudessem ter contato com a história ali presente.

²⁹ Não há imagens dos sujeitos na *Expo-Afro* da *Escola Buchholz*, pois não conseguimos tirar nenhuma que não aparecessem crianças desta instituição.

³⁰ Sorriso Negro – Fundo de Quintal.

Roderlei Rodrigues (55 anos), negro e que foi estudante da *Buchholz* na infância, relatou estar emocionado em saber que uma instituição dedica-se desta forma ao empoderamento do sujeito negro. Ele deteve-se a cada peça que era demonstrada, ao ponto de eu ter que solicitar ajuda de outros professores do grupo para que expusessem ao restante da turma o que era ali exposto, já que eu havia me dedicado a ele e a Renée.

A *fotografia* de Orixás, ao contrário das demais, demonstra artefatos da exposição e não os sujeitos cegos. Isto se deve ao Roderlei que ficou bastante emocionado ao saber que sua religião, de matriz africana, estava sendo representada ali. Detivemos tanto tempo em manusear as peças que poucas imagens foram registradas. Disse-nos ele:

Me emociona ver a religião sendo falada, trabalhada... Sofri e ainda sofro muito preconceito por me dedicar a ela. O desconhecimento é uma coisa que pode gerar conflitos, né? Se todos os professores tivessem a sensibilidade da Marisa, quem sabe isso pudesse ser diminuído? A senhora sabe, professora, que em outras épocas eu sentia vergonha de dizer que era pertencente a uma religião de matriz africana? (Roderlei, 55 anos).

Já no final da exposição, fomos surpreendidos pela professora Marisa, na porta de saída, com uma lembrancinha a ser distribuída a todos. Tratava-se da boneca africana Abayomi. Relatou que a mesma era feita de tecido rasgado da saia das escravas para que suas filhas pudessem brincar, e pequenas o suficiente para serem escondidas caso os senhores de escravos aparecesse. Renée que sempre acabava se destacando por ter muita vivência cultural em diversos locais pelo Brasil e pelo mundo, não conseguiu conter as lágrimas. Quando questionada do motivo, disse: “*Aos meus tantos anos, nunca tinha ouvido esta história... Professora, nunca é tarde para aprender algo novo, né?*”? Destaquei isso ao grupo, quando fui surpreendida por uma frase que marcou minha trajetória pessoal, profissional e de pesquisadora: “*És a professora que nos ensina a enxergar*”.

Cabe também destacar que os estudantes da *Buchholz* que circulavam pela Exposição, ao contrário de demais lugares em que fomos, não tiveram o comportamento de olharem abismados para os cegos; ao contrário. Muitos chegavam até nós e ofereciam-se para auxiliar nosso trânsito pelo espaço, demonstrando o quanto a inclusão é necessária para a sociedade como um todo. Incluir beneficia não somente o sujeito com alguma deficiência, mas faz dos demais – ou dito normais – seres mais sensíveis uns com os outros.

Neste sentido, Carvalho expõe:

Sob esse aspecto, os “is” da inclusão exigem de nós reflexões sobre: • A individualidade - o que significa não perder no todo, a satisfação das necessidades e interesses de cada um; • A identidade – o que significa reconhecer-se, aceitando as próprias características distintas das demais pessoas. E, no caso de pessoas com deficiência, significa não negá-las ou mascará-las, possibilitando o desenvolvimento da personalidade dos alunos, conferindo-lhes autonomia e autoestima positiva. • Os ideais democráticos – o que significam a busca da equidade, isto é, da equiparação de oportunidades, oferecendo-se, de direito e de fato o que todos e cada um necessitam para o exercício da cidadania; • A remoção de barreiras para a aprendizagem e para a participação de todos – o que significa pensar nas barreiras enfrentadas pelos alunos e naquelas experimentadas pelos educadores e pelas famílias, interferindo no processo de construção dos conhecimentos, pelos alunos (2006, p. 155).

Uma escola capaz de lidar com a diversidade, é provável que consiga formar cidadãos mais humanos e sensíveis para a vida em sociedade, distanciando-se assim, de uma perspectiva de formação conteudista apenas visando ingresso à universidade e ao mercado de trabalho, pois, faz da escola palco de ampla discussão e compreensão das especificidades do outro.

Como resposta a esta visita, diversos trabalhos sobre deficiências foram realizados pelos professores dos anos finais na *Escola Buchholz*, pois a curiosidade e a necessidade de compreensão da cegueira emergiram. Culminou numa troca, onde nós, da *Escola José Alvares*, recebemos estudantes da *Buchholz* em nosso espaço, podendo retribuir a *Expo-Afro* e mostrando o que nós produzimos enquanto instituição de ensino e reabilitação de pessoas cegas.

Esta troca fez com que os sujeitos participantes da pesquisa se sentissem valorizados em um espaço do Rio Grande no qual se inseriram. Puderam trazer uma resposta à sua Escola sobre os conhecimentos que produziram para si e aos demais e isto causou um movimento de procura muito grande de outros cegos para se inserirem neste grupo. Como o atendimento no qual realizei a pesquisa (AVAS) funciona de acordo com a disponibilidade de vagas, estamos estudando maneiras de aumentá-las para que no ano letivo de 2017 possamos incluir mais pessoas. Claro que não podemos atribuir esta procura apenas a visita à *Buchholz*, mas, sim, a todo o trabalho desenvolvido que faz com que os participantes relatem aos demais suas vivências e experiências tendo a cidade como espaço de aprendizagens e, desta forma, traz um destaque positivo ao atendimento, despertando a curiosidade uns nos outros.

Mantoan (2003, p. 53) diz que “a escola, para muitos alunos, é o único espaço de acesso aos conhecimentos. É o lugar que vai proporcionar-lhes condições de se desenvolverem e de se tornarem cidadãos, alguém com uma identidade sociocultural que lhes conferirá oportunidades de ser e de viver dignamente”. Desta forma, uma singela ida a uma Escola da cidade, trouxe aos alunos e sujeitos de pesquisa este acesso ao conhecimento explicitado pela autora.

14º Momento – *Banco Caixa Econômica Federal por Amarildo*



Imagem autorizada: arquivo da pesquisadora.

“Hoje você é quem manda
 Falou, tá falado
 Não tem discussão
 A minha gente hoje anda
 Falando de lado
 E olhando pro chão, viu
 Você que inventou esse estado³¹
 E inventou de inventar
 Toda a escuridão” – Chico Buarque

Um dos processos mais difíceis quanto à aceitação da condição de tornar-se cego diz respeito ao ficar dependente de outras pessoas em diversos aspectos e um deles se deve quanto à movimentação do próprio dinheiro, do pagamento de contas, das idas e vindas ao banco. Assim, uma das solicitações do grupo foi que fizéssemos uma saída a uma agência bancária para que pudesse orientá-los com o modo de proceder diante destas situações.

Em uma primeira orientação, disse que pensava ser mais interessante que, por segurança, fizessem suas ações bancárias no atendimento direto ao público, no espaço interno

³¹ Apesar de você – Chico Buarque.

das agências, contudo, ao fazer esta indicação, percebi que não tinha atingido o objetivo principal do Amarildo Moreira (58 anos), personagem principal desta inserção. Contudo, nem todos possuem a mesma autonomia e mobilidade pela cidade que ele, desta forma, continuei as instruções que achava pertinente passar.

Caminhamos por dentro do prédio da *Caixa Econômica Federal* e lá mostrei situações do tipo: como proceder na passagem da porta giratória, dirigir-se a um funcionário solicitando que seja levado até o atendimento que deseja, os tipos de atendimentos que são encontrados naquele local e, finalmente, as indicações em Braille e a maquete da mesma que foi criada pensando em pessoas com deficiência visual. Todos conseguiram ter uma breve ideia de como era o espaço, embora detalhes da maquete só pudessem ser aprimorados em visitas mais frequentes ao local. Mesmo com tudo isso, percebi que Amarildo não tinha sido contemplado da forma como gostaria e fui indagar o motivo.

A *fotografia*, de dedos tateando o teclado da máquina, registra o momento em que Amarildo demonstra a um colega – Hidireno – o posicionamento das teclas do caixa eletrônico.

Então, mais uma vez percebi que havia feito algo que costumava criticar em muitas coisas que são pensadas para as pessoas com deficiência, que é o não consultar a necessidade real do usuário. Isso é comum de ser notado em diversas políticas para as minorias... Quem pensa algo para deficientes não é deficiente, quem pensa para as mulheres são os homens... Sempre se atentando para a não generalização, mas, basicamente, por vezes, acontece. Nesse caso fica um sentimento como se desvalorizasse o conhecimento do sujeito, mesmo quando buscamos que ele seja ator do mesmo. “Quantos cegos serão precisos para fazer uma cegueira”? (SARAMAGO, 2008 p. 131).

Dialogo assim com Sousa Santos:

(...) Podemos afirmar hoje que o objecto é a continuação do sujeito por outros meios. Por isso, todo o conhecimento científico é autoconhecimento. A ciência não descobre, cria, e o acto criativo protagonizado por cada cientista e pela comunidade científica no seu conjunto tem de se conhecer intimamente antes que conheça o que com ele se conhece do real. Os pressupostos metafísicos, os sistemas de crenças, os juízos de valor não estão antes nem depois da explicação científica da natureza ou da sociedade. São parte integrante dessa mesma explicação (SOUSA SANTOS, 2008, p. 83).

Notei assim, o quanto é difícil – muitas vezes – ao sujeito, na situação de aluno, colocar ao professor seus anseios. Em algum momento, parece que perdemos esta capacidade

de perceber potencialidades, de criar conhecimento neles. Contudo, com o olhar de professora pesquisadora, pedi ao Amarildo que me expusesse o que não tinha sido contemplado e ele disse que compreendia minha preocupação em que fizesse transações bancárias dentro do espaço da agência, mas que isso não alcançava o que ele desejava que era mexer sozinho em um caixa eletrônico. Tirou então do bolso os fones de ouvido que havia adquirido pensando nesta situação, visto que os bancos possuem um sistema de acessibilidade nos caixas para os cegos e pediu que eu desse pequenas instruções de uso.

Naquele simbólico momento – que aconteceu posterior a nossa saída daquela agência, já em outro caixa eletrônico – percebi o quanto algumas coisas são negadas a determinados sujeitos, neste caso os cegos, sem que nos demos conta. O quê para mim e para muitas pessoas é algo comum, algo que se faz quase que mecanicamente, para outro é o símbolo de uma vida independente. Este simples momento com o Amarildo e demais participantes da pesquisa, fez ressignificar não só para eles, mas para mim o olhar sobre uma cidade que é tão visual. Dotada de prédios, monumentos, praças, ruas e tudo o que a compõe, mas completamente invisual para muitos.

Amarildo naquele dia, me fez ir em busca de tecnologias que pudessem dar-lhe ainda mais autonomia neste sentido. Em minhas pesquisas, descobri que o aplicativo do banco era seguro para instalação em seu *smartphone* e que através dele poderia pagar suas faturas sem que ninguém lesse para ele, visto que o *Talk* (aplicativo de voz do telefone) aliado ao do banco tornava real a possibilidade de que ele se apropriasse do seu desejo, concretizando-o.

A partir daí, enquanto grupo, começamos a descobrir diversos aplicativos que facilitam a vida de uma pessoa cega. Desde leitores de cédulas de dinheiro até indicadores de luz no ambiente, este último que, em um primeiro momento causou estranhamento principalmente a mim e que Amarildo me fez *ver* no sentido pleno da palavra que existem bem mais necessidades do que as que percebo, quando disse:

Professora... Cego também paga conta de luz. Se não tenho resíduo luminoso, como sei se apagaram a luz ou não? (Amarildo, 58 anos).

Tomei-me então de um silêncio que misturava respeito, reflexão e admiração ao perceber que estou em constante processo de aprendizagem a partir do contato com os cegos e eles, uns com os outros. Encerro este momento inspirada em Saramago (2008, p.3): “Mas a cegueira não é assim, disse o outro, a cegueira dizem que é negra, pois eu vejo tudo branco (...)”. E, eu? Como vejo? Será que o faço?

15º Momento – *Padaria Gaúcha* por Nedy



Imagem autorizada: arquivo da pesquisadora.

“Para fazer um bom café, meu bem
 Como se faz, lá no Brasil
 Precisa pôr tudo a ferver, meu bem
 Como se põe, lá no Brasil” – Vinícius de Moraes³²

Ir a uma padaria é uma coisa muito comum no cotidiano das pessoas e estes lugares têm muito significado nas cidades, em alguns casos são ponto de encontro de amigos, para outros é apenas o local do pão diário... Rio Grande possui diversos estabelecimentos deste tipo que fazem parte do cenário citadino há mais de 50 anos, como a *Padaria Gaúcha*. Não há um riograndino nato que não conheça o estabelecimento. Com os sujeitos de pesquisa, não foi diferente no que tange a conhecer o local, porém, para eles, sim é incomum ir a uma padaria.

Logo que começamos as inserções dos cegos na cidade, uma das sugestões apontadas por eles foram às padarias mais conhecidas da cidade. Visitamos cinco no total, porém, resolvi dar destaque para a *Gaúcha* por ela ter *atravessado* nosso caminho em um dia no qual não era esta a nossa intenção. Naquela manhã, resolvemos caminhar no canaleta³³ da cidade, aproveitando o dia que estava ensolarado para tomar chimarrão naquele espaço que é bastante conhecido como local de caminhada e pausa para matear. Foi o que fizemos, andamos alguns minutos, aproveitamos as sensações oferecidas pela quantidade de flores ao redor... E esta era a proposta – até ali fechada – para aquele dia.

Foi então que após alguns minutos, Nedy Alves (80 anos) deu-se conta que pelo tempo de caminhada em relação ao local que começamos, estaríamos próximos à *Padaria Gaúcha*.

³² Samba do Café – Vinícius de Moraes.

³³ O mesmo corta a área central da cidade, de um ponto a outro em sua transversal. É florido e possui diversos bancos tornando-se ponto de encontro de pessoas e frequente lugar de prática de esportes.

Em um primeiro momento, meu estranhamento foi enorme pelo fato de que ela, mesmo cega, localizou-se com tamanha facilidade. Porém, aos poucos fui percebendo o quanto aquilo tinha sido causador de ansiedade para ela, pois relatou que pensou muito se deveria ou não arriscar-se a dizer que estávamos próximos a uma coisa que ela não via. Revelou que passou diversos minutos – que para ela pareciam uma eternidade – pensando e repensando se arriscaria falar algo que achava não ter propriedade. Levou-me a refletir o quanto temos julgamentos e a repensar isso, principalmente, sobre o olhar de uma pessoa que apresenta uma deficiência.

Gerou polêmica... Motivacional, para alguns sujeitos que enalteceram a capacidade dela de localizar-se, em arriscar-se... Mas, um sentimento geral de perda. Algo difícil de lidar na posição de sujeito visual do grupo, pois fiquei me perguntando se quando motivamos alguém não estamos descaracterizando a dor da sua perda (a visão)? Converso então com Saramago (2008, p. 310) que diz “– Por que foi que cegamos, não sei, talvez um dia se chegue a conhecer a razão; Queres que te diga o que penso, Diz, Penso que não cegamos, penso que estamos cegos que, vendo, não veem”.

Após o ocorrido, rumamos para a Padaria, que fica a menos de uma quadra de onde estávamos e lá, seria passível de análise a mudança enquanto cidade após a passagem de um cego... Embora não seja o foco desta pesquisa, entendo que precisa ser destacado, visto que entramos em um estabelecimento totalmente inacessível para que pudéssemos desfrutar do cafezinho e os funcionários e o proprietário trataram de organizar uma forma para que conseguíssemos fazer isso. Desde maneiras a que todos se acomodassem sentados, até a descrição dos produtos ofertados para o café.

Diversos foram os comentários posteriores feitos pelos sujeitos cegos de que se sentiram motivados a frequentar lugares como este novamente. As padarias mais tradicionais da cidade ficam no centro, isso dificulta o acesso dos cegos, que são oriundos dos diversos bairros de Rio Grande, contudo, Nedy, nossa personagem principal deste momento, ainda expressou seu contentamento com a postura dos atendentes da padaria, no sentido de que caso viesse a ir sozinha em outra, saberia exatamente como orientar outros funcionários sobre como atender uma pessoa cega.

A fotografia, de um dia qualquer em um balcão de padaria, retrata o momento em que o dono do estabelecimento estava melhor posicionando o pote de açúcar para o cliente adoçar seu café.

A partir disso, Carlos, outro membro do grupo, nos relatou uma leitura que havia feito e que a mesma ensinava a como lidar com pessoas com deficiência no cotidiano social. Pediu que, em outra ocasião, isso fosse tema de conversa com o grupo e possível orientação aos familiares. Lembrou a mim e aos demais que um supermercado da cidade havia feito contato com a direção da *Escola José Alvares* para que ofertássemos treinamento adequado aos funcionários, destacando a importância das nossas inserções, e do cego ser percebido como sujeito que pratica a cidade. Assim, trago aqui então, a leitura indicada por ele:

Ao dirigir-se a uma pessoa cega, cumprimente-a tocando levemente nas mãos e identifique-se de imediato para que esta saiba com quem vai falar. Avise quando se afastar, para evitar que a pessoa cega fique falando sozinha. Durante a conversa, não é necessário falar mais alto, a menos que ela o solicite. Utilize com naturalidade termos como "cego", "ver" e "olhar". Os cegos também os utilizam. Quando for guiar alguém com deficiência visual, dobre o braço e ofereça o cotovelo para que ela o segure e possa seguir você. Não a agarre nem puxe pelo braço ou pela bengala. Para ajudar a pessoa cega a sentar-se, guie-a até a cadeira e coloque a mão dela sobre o encosto, informando se a cadeira tem braço ou não. Caso seja necessário que a pessoa cega assine algum documento que não esteja em Braille, leia o conteúdo em voz alta e dê uma régua para que ela possa fazer sua assinatura. Narre o trajeto avisando sobre degraus e outros obstáculos que estejam na frente. Ao explicar a direção, indique distância e pontos de referência com clareza: tantos metros à direita, à esquerda. Evite termos como "por aqui" e "por ali" (PROGRAMA INCLUSÃO SOCIAL, s/d, p. 15-16).

O simbolismo deste dia ficou entre o ressignificar de uma cega quanto a sua capacidade de localizar-se na geografia da sua cidade e a de um estabelecimento e de seus funcionários que, mesmo breve, se modificaram com a nossa convivência.

16º Momento – *Churrascaria Rio's* por Amarildo



Imagem autorizada: arquivo da pesquisadora.

“Café! O preto que virou ouro
 Nas terras do Salgueiro
 Em 1727 um nobre
 Chamado Palheta
 Trouxe a cultura do café
 Para o Brasil” – Jorge Bem Jor³⁴

Não há como falar a respeito da imagem sem identificar o sujeito retratado com mais detalhes. Amarildo Moreira (58 anos) é um dos novatos na escola, porém, não na cegueira. Ficou cego há mais de 7 anos e como não aceitava frequentar à escola, pois desconhecia o trabalho realizado na mesma, teve que reabilitar-se por conta própria. Ao perder a visão, ficou morando sozinho com o único filho e largou sua profissão de músico. Nesta condição de pai de uma criança e com a cegueira, passou a reinventar formas de fazer suas atividades diárias.

Várias fotos foram tiradas no dia em que fomos à churrascaria, contudo, a que abre esta seção, em especial, está carregada de uma sensibilidade muito forte. Quando combinamos o lugar, o Amarildo foi o primeiro a dizer que não iria, pois não se sentiria bem em comer na frente de pessoas estranhas, e jamais tinha feito isso – ir a um restaurante – após a perda da visão. Segundo ele, temia em se sujar, não saber como se dirigir ao garçom, ou não reconhecer o momento certo de agir em certas situações sociais. Após algumas insistências, ele acabou indo e, sem que eu desse qualquer estímulo ou coordenada de como agir, estabeleceu com o garçom o acordo de colocar um prato a sua frente para separar a carne a ser cortada do resto da refeição, evitando assim, que caísse do prato.

Até este momento, meu olhar de pesquisadora estava voltado para a forma como ele estava lidando com a situação, bem como os demais colegas que ali estavam. Terminado o almoço, ele virou-se na direção que sentiu ter passado alguém e chamou o garçom pedindo um café. Ao colocar o açúcar, aproximou o rosto de mim – que estava sentada ao seu lado – e disse:

Professora... Há mais de 7 anos eu não sei o que é tomar um café de restaurante e este, está mais gostoso, pois fui eu quem pedi. (Amarildo, 58 anos).

Pedi sua autorização para registrar o momento, contando mais detalhes sobre sua trajetória de reabilitação e percebi que aquele momento talvez tivesse significado mais para mim do que para ele. A conquista da autoconfiança e apropriação espacial pelo cego, por certo não é passível de ser quantificada.

³⁴ Café – Jorge Benjor.

A *fotografia* simboliza a conquista autônoma do cafezinho. Sempre fiz e faço questão de elogiar a postura de Amarildo e de sua trajetória na reabilitação. A análise deste momento, expressa pela imagem registrada, tem um sentido especial para mim... O de perceber que algumas coisas, que são tão banais na minha vida, tem tamanho significado para outras pessoas. Costumo a atrever-me a dizer que “*todo ser humano precisa conhecer ao menos um cego ao longo de sua vida*”. O olhar, o olhar sensível muda. Passamos a *ver* coisas geralmente imperceptíveis ao nosso dia corrido. Coisas como: curvas de uma mão, cheiros distintos, sensações como o sol quente ao meio dia... Passei até a reclamar menos da chuva e do vento, hoje os percebo e valorizo como sensações.

Cabe ressaltar que a divisão dos momentos não ocorreu pela ordem de saídas feitas, mas sim, por uma opção pessoal minha, de professora pesquisadora, num sentido do significado atribuído a cada um. E, ainda, este momento ser o *encerramento* não dá a ele o sentido negativo de ser o *último*, mas sim, o *finalizador*, pois, talvez para quem não tenha o mesmo contato que tenho com os cegos, um simples café possa não ter o sentimento e o sentido que tem para mim: o da possibilidade de ver os sujeitos se ressignificarem em nossos contatos com/na cidade e as decorrentes aprendizagens que tivemos uns com os outros nessa interlocução.

O QUE APRENDEMOS COM/NA CIDADE?

O processo de pesquisa que levou à escrita desta dissertação é tão carregado de sentidos que as *considerações finais* passam a ser um momento bastante complicado. Muitos inícios de frases, diversas vezes apagadas... Um retomar de pontos significativos... Quase que metaforicamente o movimento de uma Cidade: protagonista da pesquisa junto aos cegos.

Que aprendizagens são tecidas a partir das vivências da pessoa cega na interação inclusiva com a sociedade, tendo a cidade do Rio Grande – RS e suas constantes modificações e reconfigurações, como sujeito?

As respostas a tal problemática foram aparecendo a cada interlocução do grupo com/na cidade do Rio Grande. Aprendizagens significativas, como: os cegos perceberem suas potencialidades de protagonistas das aprendizagens; a compreensão do potencial da cidade enquanto sujeito ativo do processo de ensino e aprendizagem; bem como o meu ressignificar pessoal – de professora pesquisadora – capaz de rever a prática e comprovar o quanto somos eternos aprendizes dentro de nossa profissão.

Creio que minha ligação com a cidade também contribuiu para que pudesse ver o potencial de aprendizagens que ela proporciona. Sempre me questioneei se o que meus olhos viam – ainda apenas como belo – não poderia ser utilizado como *ferramenta* social? Ao notar que aliando a cidade de Rio Grande aos sujeitos invisuais eu poderia ter esta ferramenta, o horizonte investigativo se abriu. A partir daí, surgiu a iniciativa das inserções nos diversos lugares citados ao longo da escrita, todos impulsionados pela Metodologia Investigação-Ação e seu leque de possibilidades, que fazem com que o professor seja capaz de se reconfigurar e, posteriormente, analisar através da Metodologia Autobiográfica o produto dessa interação sujeitos-cidade.

Algumas barreiras são ainda percebidas e outras foram derrubadas, como o descrédito das possibilidades de aprendizagem que existem para uma pessoa com deficiência visual em espaços para além dos muros escolares. Este talvez seja o grande motivador da minha prática docente e desta investigação... A desconstrução deste senso comum. Talvez por isso, a parte mais difícil na escrita de um trabalho seja o seu encerramento. Quais palavras utilizar para que não se abram novas possibilidades investigativas? Mas, seria isso, um problema?

Ao longo da pesquisa, diversos conceitos foram emergindo e tornou-se necessário entrelaçá-los às percepções. Destaco, no entanto, a Cidade... A Memória... E, a Estética como principais fios condutores da mesma. A Cidade, por todo o seu potencial de aprendizagem, permeada por lugares tão visuais e ao mesmo tempo tão possíveis aos cegos. A Memória, dado o fato de que os sujeitos de pesquisa perderam a visão nos mais distintos momentos históricos (entre eles) e, assim, a cidade para cada um possuía uma configuração, suas memórias sempre possibilitaram buscar entrelaçamentos com o que lhes era apresentado. Por fim, a Estética percebida além do que popularmente a associamos, à beleza, mas sim, uma estética das relações entre os sujeitos e a professora pesquisadora.

Concluir uma escrita, especialmente ao estar imersa por suas descobertas, é tarefa árdua. Desta forma, sintetizo alguns destaques que apareceram, tais como: o protagonismo do cego, principalmente no sentido de sujeito capaz de produzir conhecimento, bem como, de perceber esta relação com a cidade. As inúmeras vivências sensoriais experimentadas a cada inserção nos lugares visitados... Do toque inusitado em uma tela... De um tapete de pétalas... Até um acervo que para nós se abriu, diversos foram os sentidos aflorados.

Ser produtor de conhecimento foi algo facilmente percebido, especialmente, a cada momento no qual a memória tinha destaque e trazia contribuições às vivências dos diversos momentos experimentados. Isso possibilitou uma apropriação da cidade enquanto espaço vivo e vivido destes sujeitos. Dados momentos, foram de gratas surpresas possibilitadas pela metodologia Investigação-Ação e seu caráter cíclico, que fez com que houvesse a inversão do que o senso comum acredita – que somente professor ensina e somente aluno aprende. Esta possibilidade de ver a aprendizagem trouxe, de fato, as respostas às inquietudes de pesquisadora.

Atrevo-me então a encerrar esta escrita com uma poesia de Cora Coralina, não sobre a cidade do Rio Grande, mas sobre cidade na amplitude da palavra:

*Eu sou a dureza desses morros,
Revirados,
Enflorados,
Lascados a machado,
Lanhados, lacerados.
Queimados pelo fogo*

*Pastados.
Calcinados.
Minha vida,
Meus sentidos,
Minhas estéticas,
Todas as vibrações
De minha sensibilidade
De mulher,
Tem aqui, suas raízes
Eu sou a menina feia
Da ponte da Lapa
Eu sou Aninha.*

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena. (Org.). **A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BAPTISTA, Maria. **O sujeito da escrita e a trama comunicacional**. Um estudo sobre os processos de escrita do jovem adulto como expressão da trama comunicacional e da subjetividade contemporânea. (Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2000.

BARBOSA, Adriana Silva. Mobilidade urbana para pessoas com deficiência no Brasil: um estudo em blogs. **Urbe, Revista Brasileira de Gestão Urbana**, 2015.

BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir**. Trad. Leyla Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Juventudes e cidades educadoras**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

COUSIN, Cláudia da Silva. **Pertencer ao navegar, agir e narrar: a formação de educadores ambientais**. (Tese de Doutorado) Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande - FURG, 2010.

DAMÁSIO, António. **O sentimento de si. O Corpo, a Emoção e a Neurobiologia da consciência**. 9ª ed. Lisboa. Publicações Europa América, 2000.

DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira; MARTINS, Maria de Fátima Almeida; MARTINS, Sérgio (orgs.). **Infâncias na metrópole**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

DESCOMBE, Martyn. **O guia de boa investigação em pequenas escalas sociais: Projetos de Pesquisa**(trad.). Buckingham, Open University Press, 1999.

DUARTE, JR., João Francisco. **Fundamentos estéticos da Educação**. 7.ed. Campinas, SP: Papyrus, 2002.

FERNANDES, Cleoni M. B. Prática Pedagógica. In: MOROSINI et al. **Enciclopédia de Pedagogia Universitária**. Porto Alegre: FAPERGS/RIES, 2003, p. 376.

FERNANDÉZ, Alicia. **O saber em jogo: a psicopedagogia propiciando autorias de pensamento**. Porto Alegre, Editora Artmed, 2001.

FERREIRA, Amauri Carlos. DICKMAN, Adriana Gomes. História Oral: um Método para Investigar o Ensino de Física para Estudantes Cegos. **Revista brasileira de educação especial**, jun 2015, vol.21, n.2, p.245-258.

FORMOSINHO, Julia Oliveira. A investigação-ação e a construção de conhecimento profissional relevante. In: PIMENTA, Selma Garrido; FRANCO, Maria Amélia Santoro. (Orgs.). **Pesquisa em Educação: possibilidades investigativas/ formativas da pesquisa-ação**. São Paulo: Edições Loyola, 2014, p. 27-39. (vol. 2).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 31. ed. São Paulo. Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 49. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GOLIN, Geisa. NOGUEIRA, Ruth. CUSTÓDIO, Gabriela. Acessar a cidade: mapas mentais de pessoas com deficiência visual sobre rotas urbanas. In: NOGUEIRA, Ruth (Org.). **Motivações hodiernas para ensinar geografia: representações do espaço para visuais e invisuais**. Florianópolis: Nova Letra, 2009, p. 145 -165.

GOMES, Paulo César da Costa. **Condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2.ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2013.

HEALY, Lulu; FERNANDES, Solange Hassan Ahmad Ali. Relações entre atividades sensoriais e artefatos culturais na apropriação de práticas matemáticas de um aprendiz cego. **Educação em Revista**, 2011, n. 2, p. 227-243.

HERMANN, Nadja. Razão e Sensibilidade: notas sobre a contribuição do estético para a ética. **Revista Educação e Realidade**. Porto Alegre: UFRGS, 2002, n. 27, p. 11-26.

KENSKI, Vani Moreira. Memória e Prática Docente. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.) **As faces da memória**. Centro de Memória. Campinas, 1995, p. 101-114. (Coleção Seminários 2)

LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LEONTIEV, Alexei. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

LIMA, Francisco José de. *Ética e Inclusão: o status da diferença*. In: MARTINS, Lúcia de Araújo Ramos et. al. (orgs.). **Inclusão: compartilhando saberes**. Petrópolis: Vozes, 2006.

MANTOAN, Maria Teresa Égler; PRIETO, Rosangela; ARANTES, Valéria. **Inclusão escolar: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2006.

MANTOAN, Maria Teresa Égler. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MIRANDA, Sonia Regina. **Sob o signo da memória: conhecimento histórico dos professores das séries iniciais**. (Tese de Doutorado). Campinas: UNICAMP, 2004.

MONTE ALEGRE, Paulo Augusto Colaço. **A cegueira e a visão do pensamento**. (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2008.

MOREIRA, Ruy. **Para onde vai o pensamento geográfico? Por uma epistemologia crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

MOSQUERA, Juan Mourinho; STOBAUS, ClausDieter. O professor, personalidade saudável e relações interpessoais: por uma educação da afetividade. In: ENRICONE, Delcia. (orgs.) **Ser professor**. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 91 – 107.

OLIVEIRA, Martha Khol de. **Vygotsky**. São Paulo: Scipione, 1993.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno. A problemática da ética da diferença e da exclusão social: um olhar dusseliano. In: MARTINS, Lúcia de Araújo Ramos et. al. (orgs.). **Inclusão: compartilhando saberes**. Petrópolis: Vozes, 2006.

PAIN, Sara. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médias, 1985.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. Dossiês: Cidades. **Revista Brasileira de História**, vol. 27, n. 53, p.11-23, junho de 2007.

PROGRAMA INCLUSÃO SOCIAL. Convivendo com pessoas com deficiência: um guia para facilitar suas relações no trabalho e na vida. Disponível em: www.viacaometeta.com.br/shared/programa-inclusao-social.pdf Acesso em: 18/09/2016.

RESTREPO, Luis Carlos. **O direito à ternura**. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SÁ, Laís Mourão. Pertencimento. In: FERRARO, Luiz Antônio (Org). **Encontros e caminhos: formação de educadores (as) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnicas e tempo, razão e emoção**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. **Um discurso sobre as ciências**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SARAMAGO, José. **História do cerco de Lisboa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SILVA, Renan Ramos da; SILVA, Luiz Felipe Coutinho Ferreira da. Avaliação do símbolo de orientação na cartografia tátil. **Boletim de Ciências Geodésicas**, set., 498 – 508, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/bcg/v19n3/09.pdf> Acesso em: 12/02/2016.

TURNER, Graeme. **British Cultural Studies- an introduction**. Boston: Unwin Hyman, 1990.

VYGOTSKI, Levi. **Psicologia da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WARREN, Davidson Harley. **Blindness and Children an individual differences approach**. EUA. CainbridgeUniversisity Press, 1994.

MODELO DE TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM ADULTO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGEDU

Eu, Thamar Siqueira, nacionalidade Brasileira, estado civil casada, portador da Cédula de identidade RG nº. _____, inscrito no CPF/MF sob nº _____, residente à Av/Rua Moroni, nº. 654, município de Rio Grande /RS. AUTORIZO o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada na pesquisa de mestrado intitulada – O CEGO E/NA CIDADE: RESSIGNIFICANDO SABERES NO CONTATO COM O OUTRO, através do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGEDU, e a Universidade Federal do Rio Grande - FURG, sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) fotografias; (II) folhetos em geral (III) folder de apresentação; (IV) artigos publicados em revistas, ANAIS, capítulos de livros, entre outros; (V) banner; (VI) cartazes; (VII) mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros).

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração, inclusive por parte da pesquisadora Priscila Wally Virissimo Chagas – RG – 3068201957 e CPF 007.866.840-97.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 1 via.

Rio Grande, dia 18 de março de 2016.

Thamar Siqueira
(assinatura)

Nome: Thamar Siqueira
Telefone p/ contato: 81081574

MODELO DE TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM ADULTO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGEDU

Eu, Veridiana Oliveira Ferreira, nacionalidade Brasileira, estado civil solteira, portador da Cédula de identidade RG nº. _____, inscrito no CPF/MF sob nº 013-962-060-51, residente à Av/Rua Rua Baromunui, nº. 40, município de Rio Grande /RS. AUTORIZO o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada na pesquisa de mestrado titulada – O CEGO E/NA CIDADE: RESSIGNIFICANDO SABERES NO CONTATO COM O OUTRO, através do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGEDU, e a Universidade Federal do Rio Grande - FURG, sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) fotografias; (II) folhetos em geral (III) folder de apresentação; (IV) artigos publicados em revistas, ANAIS, capítulos de livros, entre outros; (V) banner; (VI) cartazes; (VII) mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros). Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração, inclusive por parte da pesquisadora Priscila Wally Virissimo Chagas – RG – 3068201957 e CPF 007.866.840-97.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 1 via.

Rio Grande, dia 2 de dezembro de 2015.

Veridiana Ferreira

(assinatura)

Nome: Veridiana Ferreira
Telefone p/ contato: 84082571

MODELO DE TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM ADULTO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGEDU

Eu, João Paulo Ulquim, nacionalidade Brasileiro, estado civil casado, portador da Cédula de identidade RG nº 2032744391, inscrito no CPF/MF sob nº 20866348034, residente à Av/Rua Rua dos Sarzeiros, nº 116, município de Rio Grande /RS. AUTORIZO o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada na pesquisa de mestrado titulada – O CEGO E/NA CIDADE: RESSIGNIFICANDO SABERES NO CONTATO COM O OUTRO, através do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGEDU, e a Universidade Federal do Rio Grande - FURG, sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) fotografias; (II) folhetos em geral (III) folder de apresentação; (IV) artigos publicados em revistas, ANAIS, capítulos de livros, entre outros; (V) banner; (VI) cartazes; (VII) mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros).

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração, inclusive por parte da pesquisadora Priscila Wally Virissimo Chagas – RG – 3068201957 e CPF 007.866.840-97.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 1 via.

Rio Grande, dia 2 de dezembro de 2015.

(assinatura)
Nome: João Paulo Ulquim
Telefone p/ contato: 84843879

MODELO DE TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM ADULTO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGEDU

Eu, Roderlei Rodrigues, nacionalidade Brasileiro, estado civil casado, portador da Cédula de identidade RG nº 4034412868, inscrito no CPF/MF sob nº 42114551091, residente à Av/Rua Bachoeira do Iguaçu, nº. 494, município de Buchholz/RS. AUTORIZO o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada na pesquisa de mestrado titulada – O CEGO E/NA CIDADE: RESSIGNIFICANDO SABERES NO CONTATO COM O OUTRO, através do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGEDU, e a Universidade Federal do Rio Grande - FURG, sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) fotografias; (II) folhetos em geral (III) folder de apresentação; (IV) artigos publicados em revistas, ANAIS, capítulos de livros, entre outros; (V) banner; (VI) cartazes; (VII) mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros).

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração, inclusive por parte da pesquisadora Priscila Wally Virissimo Chagas – RG – 3068201957 e CPF 007.866.840-97.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 1 via.

Rio Grande, dia 11 de março de 2016.



(assinatura)

Nome: Roderlei Rodrigues
Telefone p/ contato: 84452313

MODELO DE TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM ADULTO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGEDU

Eu, Aurea báceres, nacionalidade brasileira estado civil casada, portador da Cédula de identidade RG nº. 1028332839, inscrito no CPF/MF sob nº _____, residente à Av/Rua Hermani Ferrari, nº. 153, município de João gaúcho /RS. AUTORIZO o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada na pesquisa de mestrado titulada – O CEGO E/NA CIDADE: RESSIGNIFICANDO SABERES NO CONTATO COM O OUTRO, através do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGEDU, e a Universidade Federal do Rio Grande - FURG, sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) fotografias; (II) folhetos em geral (III) folder de apresentação; (IV) artigos publicados em revistas, ANAIS, capítulos de livros, entre outros; (V) banner; (VI) cartazes; (VII) mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros).

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração, inclusive por parte da pesquisadora Priscila Wally Virissimo Chagas – RG – 3068201957 e CPF 007.866.840-97.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 1 via.

Rio Grande, dia 14 de março de 2016.

Aurea báceres

(assinatura)

Nome: Aurea báceres
Telefone p/ contato: 3232-1090

MODELO DE TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM ADULTO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGEDU

Eu, Karen G. S. Barbosa, nacionalidade brasileira, estado civil casada, portador da Cédula de identidade RG nº. 2284347906, inscrito no CPF/MF sob nº. 007.008080-19, residente à Av/Rua Cachoeira do Sul, nº. 582, município de Rio Grande /RS. AUTORIZO o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada na pesquisa de mestrado titulada – O CEGO E/NA CIDADE: RESSIGNIFICANDO SABERES NO CONTATO COM O OUTRO, através do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGEDU, e a Universidade Federal do Rio Grande - FURG, sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) fotografias; (II) folhetos em geral (III) folder de apresentação; (IV) artigos publicados em revistas, ANAIS, capítulos de livros, entre outros; (V) banner; (VI) cartazes; (VII) mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros). Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração, inclusive por parte da pesquisadora Priscila Wally Virissimo Chagas – RG – 3068201957 e CPF 007.866.840-97.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 1 via.

Rio Grande, dia 07 de março de 2016.

Karen G. S. Barbosa

(assinatura)

Nome: Karen G. S. Barbosa.

Telefone p/ contato: 84635175.

MODELO DE TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM ADULTO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGEDU


Eu, Carlos Fonseca, nacionalidade _____, estado civil casado, portador da Cédula de identidade RG nº. _____, inscrito no CPF/MF sob nº _____, residente à Av/Rua Vise do Rio Grande, nº. 159A, município de _____/RS. AUTORIZO o uso de minha imagem

em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada na pesquisa de mestrado titulada – O CEGO E/NA CIDADE: RESSIGNIFICANDO SABERES NO CONTATO COM O OUTRO, através do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGEDU, e a Universidade Federal do Rio Grande - FURG, sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) fotografias; (II) folhetos em geral (III) folder de apresentação; (IV) artigos publicados em revistas, ANAIS, capítulos de livros, entre outros; (V) banner; (VI) cartazes; (VII) mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros).

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração, inclusive por parte da pesquisadora Priscila Wally Virissimo Chagas – RG – 3068201957 e CPF 007.866.840-97.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 1 via.

Rio Grande, dia 14 de março de 2016.



(assinatura)

Nome: Carlos Fonseca
Telefone p/ contato: 84071982

MODELO DE TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM ADULTO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGEDU

Eu, Seda Inocência Sella Sparrius, nacionalidade _____, estado civil casada, portador da Cédula de identidade RG nº _____, inscrito no CPF/MF sob nº 485.535.490-20, residente à Av/Rua Av. Portugal Bloco 4 Apt. 201, nº. 191, município de Rio Grande /RS. AUTORIZO o uso de minha imagem

em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada na pesquisa de mestrado intitulada – O CEGO E/NA CIDADE: RESSIGNIFICANDO SABERES NO CONTATO COM O OUTRO, através do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGEDU, e a Universidade Federal do Rio Grande - FURG, sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) fotografias; (II) folhetos em geral (III) folder de apresentação; (IV) artigos publicados em revistas, ANAIS, capítulos de livros, entre outros; (V) banner; (VI) cartazes; (VII) mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros).

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração, inclusive por parte da pesquisadora Priscila Wally Virissimo Chagas – RG – 3068201957 e CPF 007.866.840-97.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 1 via.

Rio Grande, dia 7 de março de 2016.

Seda Sparrius

(assinatura)

Nome: Seda Sparrius
Telefone p/ contato: (53) 9949.1900

MODELO DE TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM ADULTO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGEDU

Eu, Hidiverno Bardoso dos Santos, nacionalidade Brasileira, estado civil solteiro, portador da Cédula de identidade RG nº 3100721475, inscrito no CPF/MF sob nº 0079945993, residente à Av/Rua Dom Bosco, nº 243, município de Rio Grande /RS. AUTORIZO o uso de minha imagem

em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada na pesquisa de mestrado intitulada – O CEGO E/NA CIDADE: RESSIGNIFICANDO SABERES NO CONTATO COM O OUTRO, através do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGEDU, e a Universidade Federal do Rio Grande - FURG, sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) fotografias; (II) folhetos em geral (III) folder de apresentação; (IV) artigos publicados em revistas, ANAIS, capítulos de livros, entre outros; (V) banner; (VI) cartazes; (VII) mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros).

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração, inclusive por parte da pesquisadora Priscila Wally Virissimo Chagas – RG – 3068201957 e CPF 007.866.840-97.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 1 via.

Rio Grande, dia 2 de dezembro de 2015.

(assinatura)

Nome: Hidiverno dos Santos
Telefone p/ contato: 84 29 4813

MODELO DE TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM ADULTO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGEDU

Eu, Aurora Renée Briano Lealosa, nacionalidade Uruguaia, estado civil solteira, portador da Cédula de identidade RG nº. 522.574, inscrito no CPF/MF sob nº _____, residente à Av/Rua Moreira, nº. 268, município de Rio Grande /RS. AUTORIZO o uso de minha imagem

em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada na pesquisa de mestrado intitulada – O CEGO E/NA CIDADE: RESSIGNIFICANDO SABERES NO CONTATO COM O OUTRO, através do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGEDU, e a Universidade Federal do Rio Grande - FURG, sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) fotografias; (II) folhetos em geral (III) folder de apresentação; (IV) artigos publicados em revistas, ANAIS, capítulos de livros, entre outros; (V) banner; (VI) cartazes; (VII) mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros).

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração, inclusive por parte da pesquisadora Priscila Wally Virissimo Chagas – RG – 3068201957 e CPF 007.866.840-97.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 1 via.

Rio Grande, dia 30 de novembro de 2015.

Aurora Renée Briano Lealosa

(assinatura)

Nome: Aurora Renée

Telefone p/ contato: 3201-7908

MODELO DE TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM ADULTO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGEDU

Eu, Nedy Mayorca Alves, nacionalidade Brasileira, estado civil solteira, portador da Cédula de identidade RG nº. 6019991524, inscrito no CPF/MF sob nº 31536620025, residente à Av/Rua Dom Bosco, nº. 243, município de Rio Grande /RS. AUTORIZO o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada na pesquisa de mestrado titulada – O CEGO E/NA CIDADE: RESSIGNIFICANDO SABERES NO CONTATO COM O OUTRO, através do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGEDU, e a Universidade Federal do Rio Grande - FURG, sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) fotografias; (II) folhetos em geral (III) folder de apresentação; (IV) artigos publicados em revistas, ANAIS, capítulos de livros, entre outros; (V) banner; (VI) cartazes; (VII) mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros).

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração, inclusive por parte da pesquisadora Priscila Wally Virissimo Chagas – RG – 3068201957 e CPF 007.866.840-97.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 1 via.

Rio Grande, dia 2 de dezembro de 2015.
Nedy Mayorca Alves

(assinatura)

Nome: Nedy Mayorca Alves
Telefone p/ contato: 84265684

MODELO DE TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM ADULTO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGEDU

Eu, Neelci Porto Neto, nacionalidade Brasileira, estado civil Solteiro, portador da Cédula de identidade RG nº 1024989699, inscrito no CPF/MF sob nº 151457270-20, residente à Av/Rua Virgílio da Perceira, nº 79, município de Rio Grande - Quarta /RS. AUTORIZO o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada na pesquisa de mestrado titulada – O CEGO E/NA CIDADE: RESSIGNIFICANDO SABERES NO CONTATO COM O OUTRO, através do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGEDU, e a Universidade Federal do Rio Grande - FURG, sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) fotografias; (II) folhetos em geral (III) folder de apresentação; (IV) artigos publicados em revistas, ANAIS, capítulos de livros, entre outros; (V) banner; (VI) cartazes; (VII) mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros).

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração, inclusive por parte da pesquisadora Priscila Wally Virissimo Chagas – RG – 3068201957 e CPF 007.866.840-97.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 1 via.

Rio Grande, dia 30 de novembro de 2015.

Neelci Porto (assinatura)

Nome: Neelci Porto
Telefone p/ contato: 84478783

MODELO DE TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM ADULTO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGEDU

Eu, Ira de Souza, nacionalidade Brasileira, estado civil solteira, portador da Cédula de identidade RG nº. _____, inscrito no CPF/MF sob nº _____, residente à Av/Rua Vicente de Rio Branco, nº. 693, município de Rio Grande/RS. AUTORIZO o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada na pesquisa de mestrado titulada – O CEGO E/NA CIDADE: RESSIGNIFICANDO SABERES NO CONTATO COM O OUTRO, através do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGEDU, e a Universidade Federal do Rio Grande - FURG, sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) fotografias; (II) folhetos em geral (III) folder de apresentação; (IV) artigos publicados em revistas, ANAIS, capítulos de livros, entre outros; (V) banner; (VI) cartazes; (VII) mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros).

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração, inclusive por parte da pesquisadora Priscila Wally Virissimo Chagas – RG – 3068201957 e CPF 007.866.840-97.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 1 via.

Rio Grande, dia 30 de novembro de 2015.

Ira de Souza

(assinatura)

Nome: Ira de Souza
Telefone p/ contato: 33231-8008

MODELO DE TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM ADULTO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGEDU

Eu, Amarildo Moreira, nacionalidade _____, estado civil Separado portador da Cédula de identidade RG nº. _____, inscrito no CPF/MF sob nº _____, residente à Av/Rua 10em Bosco, nº. 403, município de Rio Grande /RS. AUTORIZO o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada na pesquisa de mestrado titulada – O CEGO E/NA CIDADE: RESSIGNIFICANDO SABERES NO CONTATO COM O OUTRO, através do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGEDU, e a Universidade Federal do Rio Grande - FURG, sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: (I) fotografias; (II) folhetos em geral (III) folder de apresentação; (IV) artigos publicados em revistas, ANAIS, capítulos de livros, entre outros; (V) banner; (VI) cartazes; (VII) mídia eletrônica (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros).

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração, inclusive por parte da pesquisadora Priscila Wally Virissimo Chagas – RG – 3068201957 e CPF 007.866.840-97.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 1 via.

Rio Grande, dia 18 de março de 2016.

Amarildo Moreira

(assinatura)

Nome: Amarildo Moreira
Telefone p/ contato: 84071982